



instituto fonte
para o desenvolvimento social

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE

AÇÕES DE 2014

SP LEITURAS

Instituto Fonte

**Consultora responsável:
Martina Rillo Otero**

Sumário

I. Introdução	3
II. BSP	5
1. O desenvolvimento do processo avaliativo em 2014	5
2. A coleta de informações em 2014	7
3. Achados	7
3.1. <i>O impacto das ações no uso da Biblioteca</i>	8
<i>BSP como espaço de referência para profissionais do ramo</i>	15
3.2. <i>O impacto da frequência à Biblioteca nos hábitos leitores de seus usuários e na sua vida</i>	18
3.4. <i>Síntese das reflexões da BSP</i>	19
III. Praler	22
1. O desenvolvimento do processo avaliativo em 2014	22
2. A coleta de informações em 2014	23
3. Achados	23
3.1. <i>Adequação das estratégias do Praler</i>	24
3.2. <i>Impacto do Praler nas instituições</i>	31
3.3. <i>Impacto da ação sobre os hábitos leitores do público, sobre a sua escrita e outras aprendizagens</i>	34
3.4. <i>Síntese das reflexões do Praler</i>	36
IV. SisEB	38
1. O desenvolvimento do processo avaliativo em 2014	38
2. A coleta de informações em 2014	39
3. Achados	40
3.1. <i>Adequação das estratégias do SisEB</i>	42
3.2. <i>O impacto na formação dos profissionais das bibliotecas e possíveis consequências nas bibliotecas</i> 44	
3.3. <i>O reconhecimento do SisEB como sistema</i>	46
3.4. <i>Síntese das reflexões do Siseb</i>	49
V. Viagem Literária	51
1. O desenvolvimento do processo avaliativo em 2014	51
2. A coleta de informações em 2014	53
3. Achados	54
3.1. <i>Adequação das estratégias do Viagem Literária</i>	54
3.2. <i>Impactos das ações do Viagem na formação dos profissionais das bibliotecas</i>	62
3.3. <i>Impactos das ações do Viagem no uso e dinamização das Bibliotecas</i>	64
3.4. <i>Impactos das ações do Viagem na formação de leitores</i>	67
3.5. <i>Síntese das reflexões do Viagem</i>	70
VI. BVL.....	72
1. O desenvolvimento do processo avaliativo em 2014	72
2. A coleta de informações em 2014	72
3. Achados	74
3.1. <i>Estudo a partir de dados secundários</i>	74
3.2. <i>Estudo sobre o perfil dos frequentadores do Parque Villa Lobos</i>	78
3.3. <i>Síntese das reflexões sobre a BVL</i>	83
Anexo 1: Matriz completa da avaliação de 2013	86
Anexo 2: Análises do Viagem Literária por convidado	90

I. Introdução

Em 2014, o Instituto Fonte (IF) acompanhou os programas, projetos e as equipes da SP Leituras de forma contínua, aprofundando discussões a respeito das ações, dos instrumentos de acompanhamento e avaliação, das estratégias de coleta e questões de análise de dados. Os relatórios trimestrais realizados pelas equipes também foram lidos e, em parceria, qualificados com análises mais relevantes e precisas dos dados, que passaram a ser colhidos ao longo do ano - e não somente no fim do ano, como nos dois anos anteriores - com pareceres emitidos pela equipe do IF a partir desse processo.

Estamos avançando e amadurecendo especialmente a questão das análises de dados junto às equipes e, de modo geral notamos o seu desenvolvimento com relação ao que pode ser apreendido das informações, que tipo de decisão futura pode ser tomada a partir delas, assim também sobre como tabular dados. De modo geral, portanto, o trabalho de avaliação em 2014 com as equipes foi com relação ao *sentido* e à *utilidade* das avaliações. Mesmo reconhecendo um avanço em todas as equipes podemos identificar diferentes posturas:

- “*Os dados reforçam impressões que eu já tinha, ilustrando-as, dando força a elas*” - alguns membros das equipes olham para o potencial uso das informações especialmente no que se refere à legitimação das suas percepções sobre as estratégias e resultados do trabalho;
- “*Os dados me revelam aspectos que eu não conhecia, ou me possibilitam responder novas perguntas para orientar o meu trabalho*” (por exemplo, a verificação de que não necessariamente as atividades de contação de histórias provocaram o aumento de desejo de levar livros da biblioteca para casa e, então, a emergência de uma série de indagações sobre a relação entre essa estratégia e aquele resultado desejado).
- “*Os dados não trazem grande novidade, eles trazem aquilo que já sabemos*”. Finalmente, há membros das equipes - como acontece em todas as organizações - que olham e vivem a avaliação com mais ceticismo, não enxergando grande novidade no que ela pode trazer e talvez percebendo-a mais como uma atividade de prestação de contas e menos de gestão estratégica.

À medida que o exercício conjunto de análise dos dados vai sendo feito, vemos que vamos conseguindo, juntos, extrair mais informação e riqueza deles, assim como das discussões em equipe, chegando a perguntas e indagações melhores e mais profundas sobre a atuação de cada iniciativa e sobre o que é alcançado a partir delas.

Além do acompanhamento mais próximo das atividades, equipes e de uma coleta mais abrangente dos programas com os quais a equipe do IF já vinha atuando - BSP, Praler e Siseb -, em 2014 o Viagem Literária e a BVL, assim como o Grupo de Difusão do SisEB, passaram também a fazer parte dos processos avaliativos.

Em relação às perguntas e à matriz de avaliação, não houveram mudanças significativas, já que os focos de avaliação foram readequados diversas vezes ao longo dos últimos dois anos. O avanço mais contundente ocorrido em 2014 no processo de avaliação foi relativo à criação de instrumentos de avaliação nos diferentes programas e projetos que dessem conta de uma visão mais detalhada do impacto das ações junto aos públicos atingidos. Dessa forma, incrementou-se o instrumento e a estratégia de avaliação da programação da BSP (toda atividade tem agora uma avaliação), o Viagem Literária colheu dados com seu público, somando

cerca de 10 mil questionários distribuídos nos 4 módulos, o Praler também passou a colher de forma sistemática informações com o público das ações, assim como foi elaborada uma pesquisa sobre perfil em potencial do público da BVL, a partir de um levantamento com frequentadores do Parque Villa Lobos.

Além dessa vertente de aproximação com os públicos finais, todos os instrumentos de coleta sofreram alterações para que pudessem servir a uma coleta e análise de dados mais objetiva e mais extensiva. Nesse sentido, houve uma aproximação entre os processos de monitoramento e avaliação trimestral e a avaliação da qualidade anual. Instrumentos da avaliação da qualidade foram incorporados nas avaliações mais sistemáticas e, por outro lado, as coletas trimestrais alimentaram este relatório e a avaliação anual. De alguma forma, podemos dizer que os processos de monitoramento e avaliação estão se integrando. O que caracteriza a avaliação anual é, agora, um olhar externo e global para informações que foram em parte colhidas anualmente (como o questionário de impacto do Viagem, o questionário de impacto das capacitações do SisEB, as observações do Praler, as entrevistas com público na BSP, entre outros); e em parte colhidas durante todo o ano (como o questionário do Totem da BSP, o questionário com o público do Viagem Literária, entre outros).

Importante notar também que **nem todos os dados produzidos pelas equipes são utilizados na análise produzida neste relatório** - mesmo que esses dados tenham, inclusive, contado com algum apoio da equipe do IF na sua elaboração. Imaginamos que futuramente a integração dos processos continue a acontecer, tendo como desafio sempre esclarecer o que compete a cada processo - de acompanhamento sistemático e a avaliação anual.

Em relação à BVL, houve também um levantamento inicial com organizações e equipamentos públicos do entorno desta Biblioteca que pudesse apoiar parcerias futuras.

Ao fim deste ano de trabalho junto às equipes da BSP, BVL, Siseb, Praler e Viagem Literária, além da própria gestão da SP Leituras, na nossa visão, resultados e conquistas importantes e boas perguntas se fazem presentes e mais claras: *Como atualizar a nossa compreensão sobre Biblioteca Viva (BV)? Qual a relação e os limites entre a promoção da programação cultural, as atividades de mediação e o fomento à leitura? Como os programas, projetos e atividades desenvolvidos pela SP Leituras têm buscado formar leitores e ambientes leitores através do fomento à leitura?*

O relatório apresenta o processo de cada eixo de trabalho (BSP, Praler, SisEB, Viagem Literária e BVL) num capítulo específico que traz o caminho e os desenvolvimentos no campo da avaliação, o foco avaliativo, os achados e uma síntese de tudo no final. Buscamos ser explícitos na identificação do que foram os resultados alcançados, as evidências que nos apoiam nessa percepção e as questões que emergem, trazendo nossa leitura e arriscando interpretações. Acreditamos que nosso trabalho conjunto não apenas permite esse tipo de risco, como exige de nós um posicionamento mais assertivo - nosso compromisso e proximidade não nos permitem ficar “em cima do muro”. Ao longo de 2014 construímos reflexões com as equipes, que sentimos que temos que devolver e dar subsídios para avançar.

Esperamos que esse relatório possa contribuir para jogar luz nessas e em muitas outras questões. E que, sobretudo, faça surgir novos questionamentos e aprofundar a capacidade da SP Leituras de alcançar a transformação que almeja na situação da leitura no estado de São Paulo.

Martina Rillo Otero e equipe

II. BSP

1. O desenvolvimento do processo avaliativo em 2014

Em 2014, foram realizadas diversas reuniões entre o IF e a equipe da BSP, nas quais perguntas e interesses foram constantemente atualizados. Uma pergunta que sempre permeia o processo de aprendizado da equipe tem a ver com a observação e compreensão dos públicos frequentadores, suas necessidades, interesses e usos específicos que fazem do espaço e atividades. Neste sentido, a questão de uma comunicação que enfoque públicos diversos também se faz muito presente.

Apesar da alta frequência, a BSP ainda tem enfrentado desafios para atingir a meta. Em parte notamos que a meta é bastante ambiciosa e definida a partir do que se almeja, e menos de uma análise conjunta e cuidadosa da capacidade de atendimento, das dificuldades ou do potencial da BSP; mesmo assim a equipe tem se empenhado na busca de estratégias para atrair cada vez mais frequentadores e na análise de questões que podem estar influenciando a frequência. Entre elas, a BSP tem lidado com um desafio importante no que diz respeito ao atendimento de pessoas em vulnerabilidade social e com situações adversas relacionadas a elas - como situações de agressões, alcoolismo, uso de drogas, entre outros. As situações descritas são delicadas e a BSP as têm enfrentado com atividades de formação da equipe. Segundo a equipe da BSP, 2014 foi o ano em que mais receberam pessoas alcoolizadas e drogadas na biblioteca e, por isso, a importância de dar continuidade ao treinamento dos funcionários, incluindo aí, os terceirizados, para o atendimento ao público vulnerável. Ainda de acordo com a equipe, a partir do momento em que se sentem mais preparados, os conflitos podem vir a diminuir.

O esgotamento da capacidade física do equipamento também é uma hipótese para a questão da estabilização da frequência. Finalmente, a BSP escolheu fechar, em 2014, em períodos relacionados com jogos do Brasil na Copa do Mundo, o que também pode ter afetado o número de frequentadores.

Como apontado nos relatórios de Avaliação de 2012 e 2013 e discutido constantemente com a equipe da BSP, a “qualificação da presença” - o que significa, basicamente, aproveitar a presença do público na BSP para o alcance do objetivo maior de formação de públicos leitores - continua sendo um dos maiores desafios tanto da equipe da biblioteca, quanto da equipe de avaliação - na construção de indicadores que dêem conta de perceber este desenvolvimento.

O processo avaliativo teve início com reuniões muito interessantes com a equipe da BSP, em que aspectos relacionados com as questões de segurança que a equipe estava vivendo foram discutidos, e pensadas estratégias de identificação e clareamento dessas situações. A BSP possui um alto grau de planejamento, por área, período, etc. As metas são claras e buscadas com afinco.

Os instrumentos de avaliação foram aperfeiçoados, especialmente o questionário utilizado no Totem. O instrumento do totem e a estratégia de aplicação (deixar o totem permanentemente disponível, deixar um questionário aberto na Internet) estão passando por uma revisão, pois não temos obtido muitas respostas e as condições de acessibilidade de maneira ampla não estão favoráveis, assim como a amigabilidade do terminal.

Também tivemos a oportunidade de discutir sobre melhores estratégias e implementar ações de tabulação de dados e algumas possibilidades de análise. Em 2015 pretendemos aprofundar as questões relacionadas à análise de dados com a equipe.

Em 2014, as perguntas e os critérios de avaliação foram os seguintes:

1. *Qual o impacto das ações no uso da Biblioteca? (Qual a vocação específica da BSP evidenciada pelo uso dos sócios e freqüentadores? O que usuários buscam e encontram? O que os usuários buscam e não encontram?)*

- *Frequência de público (na Biblioteca e na programação)*
 - *Perfil do público*
 - *Perfil sócio-econômico, educacional, etário*
 - *Semana X Final de semana*
 - *Usuários-sócios e usuários-visitantes*
 - *Preferências temáticas*
 - *Demandas e preferências em relação à cultura (expressões ou linguagens, artistas)*
 - *Demandas e preferências em relação à leitura (gêneros literários, autores)*
 - *Expectativas com relação à BSP*
- *Número de carteirinhas emitidas*
- *Satisfação do público com as atividades*
 - *Relevância dos temas (programação)*
 - *Qualidade dos formadores/ mediadores/ profissionais*
 - *Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/ público local)*
 - *Metodologias e estratégias de formação utilizadas*
- *Satisfação do público com o atendimento*
- *Acervo (3 mil itens adquiridos (7))*
- *Uso do Acervo (empréstimo, renovação)*
- *Uso dos periódicos*
- *Catálogo dos itens selecionados (6)/ Catálogo dos itens incorporados ao acervo (8), Coleção inventariada anualmente (9)*
- *Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)*
- *Acesso à Internet (frequência)*
- *Relação entre diferentes grupos de usuários*

2. *Qual o impacto do trabalho sobre os hábitos leitores do público?*

- *Conversas sobre livros*
- *Interesse pelo estudo e assuntos culturais*
- *Busca e dá indicações de livros*
- *Manifestação de preferências*
- *Busca livros de forma autônoma*
- *Uso qualificado da internet (acesso a sites/blogs, etc. ligados à cultura e literatura)*

3. *Qual o impacto da frequência à Biblioteca na vida de seus usuários?*

- *Retomar os estudos ou começar a estudar*
- *Estabelecer novos vínculos*
- *Começar a escrever ou produzir outras formas de arte e cultura*

4. Qual o impacto da comunicação da BSP com seu público e entorno?

- *Uso do site (frequência, contato, direcionamentos)*
- *Envolvimento da BSP nos coletivos locais (Rede Social da Z. Norte, outros) e oportunidades de troca*
- *Forma pela qual o público toma conhecimento da BSP e suas atividades*
- *Acesso às mídias sociais (frequência, contato, direcionamentos). Face, Twitter, Email*
- *Repercussão de matérias na mídia (clipping)*

2. A coleta de informações em 2014

Entre junho e dezembro de 2014, foram feitas conversas entre a equipe do IF e a equipe da BSP, nas quais a avaliação foi sendo construída de forma compartilhada. As equipes do IF e da Biblioteca olharam, em um primeiro momento, para as recomendações resultantes do Processo de Avaliação de 2013, tentando identificar o movimento estabelecido a partir delas: avanços, dificuldades, novos questionamentos que vieram à tona. A partir disso, as perguntas de avaliação foram atualizadas, assim como indicadores e estratégias utilizadas.

Na Biblioteca de São Paulo foram estabelecidas as seguintes estratégias, consideradas na análise deste relatório e lembrando que há outras informações coletadas pela equipe (por exemplo, avaliação da programação cultural, dados de atualização e utilização do acervo gerados pelo sistema) que não integraram a análise aqui realizada:

Fonte	Estratégia	N
Leitura dos relatórios trimestrais		3
Público da BSP	Questionário autoaplicado	525
Público da BSP	Entrevistas individuais	17
Sócios que deixaram de frequentar a BSP há pelo menos um ano	Entrevistas telefônicas	20*
Internautas	Entrevista individual	15

* Foram contatadas cerca de 30 pessoas sendo que, dentre estes contatos, somente foi possível conversar e obter informações sobre 20.

Em 2014, foram preenchidos ao longo do ano 526 questionários pelos usuários da Biblioteca de São Paulo. Além disso, foram feitas dezessete entrevistas presenciais, praticamente todas com sócios (sendo que o foco deste ano foram os idosos), cerca de vinte abordagens com o público internauta, para saber de seus principais interesses ao usar a internet e vinte entrevistas telefônicas com sócios que deixaram de ir à BSP no último ano.

3. Achados

Os questionários, as entrevistas presenciais e as observações realizadas, tiveram como foco a compreensão do impacto que as ações propostas pela BSP têm no tipo de uso que é feito do espaço, assim como nos hábitos leitores e, por fim, na vida dos usuários, especialmente os sócios. Por trás, a orientação de dar uma maior nitidez a indicadores relacionados à influência das ações cotidianas e programação cultural na formação de leitores e de um ambiente leitor. Este ano, houve também um enfoque

nas entrevistas individuais com idosos, público com o qual a equipe de avaliação havia tido pouco contato anteriormente.

3.1. O impacto das ações no uso da Biblioteca

A BSP, segundo seus relatórios trimestrais, tem uma frequência de público de cerca de 75 mil a 80 mil pessoas por trimestre, o que equivale a cerca de 25 mil a 27 mil pessoas por mês. As metas são ousadas nesse quesito e os esforços para manter a Biblioteca um espaço cultural interessante ao seu público uma preocupação constante. Dessa forma, conhecer como se dá o uso das ações e dos serviços da BSP é elemento fundamental para poder tomar decisões sobre seu encaminhamento.

Perfil do público da BSP

Os dados sobre o perfil do público estão apoiados na aplicação de questionário num totem que permanece na BSP. Como dito anteriormente, estratégias para melhorar a aplicação do mesmo estão sendo pensadas, como disponibilizar a aplicação do mesmo apenas num período por trimestre e não permanentemente e colocar alguns atendentes para colaborar na aplicação das pesquisas, de modo que a amostra não fique tendenciosa - já que aqueles que respondem ao questionário seja no totem, ou na internet representam, de antemão, um público específico, que tem alguma familiaridade com ferramentas virtuais. Acreditamos que a estratégia utilizada acabou “selecionando” um perfil específico e excluindo pessoas que não se sentem confortáveis com um Totem de coleta automática ou com a Internet. Considerar esse viés é fundamental para compreender e contextualizar alguns resultados e não tomá-los como representativos de toda a diversidade de público da BSP. Como dito anteriormente, estamos trabalhando conjuntamente para que esse viés não se repita em 2015.

Variáveis de perfil		2013		2014	
		semana	finais de semana	semana	finais de semana
Número de respostas		446	323	376	149
Gênero	Masculino	64%	56%	55%	60%
	Feminino	36%	44%	45%	40%
Média de idade			26,87	27,37	24,68
Faixa etária	Até 15	11%	17%	15,2%	28,9%
	de 16 a 20	31%	15%	23,1%	15,4%
	de 21 a 25	17%	23%	12,5%	14,8%
	de 26 a 30	9%	12%	14,9%	10,7%
	de 31 a 35	10%	8%	7,2%	10,7%
	de 36 a 40	7%	7%	8,0%	6,0%
	de 41 a 45	9%	11%	6,4%	6,0%
	de 46 a 50	0%	0%	4,0%	4,0%
	de 51 a 60	3%	6%	5,1%	2,0%
	mais de 60	3%	2%	1,1%	1,3%
Escolaridade	Não frequentou a escola	2%	2%	0,8%	0,0%
	Ensino Fundamental	24%	24%	17,4%	33,6%
	Ensino Médio	45%	35%	38,5%	20,1%
	Cursinho pré-vestibular	7%	5%	4,8%	5,4%
	Superior	18%	27%	28,3%	34,2%
	Pós Graduação	6%	7%	10,2%	6,7%
Região onde	Região Norte	54%	45%	52%	42%



mora	Grande São Paulo	16%	21%	18%	21%
	Centro	10%	10%	5%	11%
	Região Leste	10%	13%	10%	9%
	Região Sul	4%	6%	6%	6%
	Região Oeste	2%	3%	3%	5%
	Outros municípios	3%	2%	6%	5%
Trabalho	Não está trabalhando	57%	41%	47%	42%
	Está trabalhando	33%	59%	53%	58%
Situação de contratação	Empregado	48%	63%	40%	60%
	Trabalhador por conta própria	26%	14%	24%	12%
	Estagiário e aprendiz	11%	11%	8%	9%
	Militar ou servidor público	9%	9%	8%	8%
	Trabalhador não-remunerado	3%	1%	5%	3%
	Empregador	3%	1%	3%	3%
	Aposentado, pensionista	0%	1%	11%	5%

De modo geral os dados com relação a gênero e média de idade não sofreram alteração de 2013 para 2014. Assim como em 2013, a concentração por faixa etária em dias de semana é na faixa dos 16 aos 20 anos (em menor grau em 2014), o que deve estar relacionado à maior presença de estudantes. Nos finais de semana há uma distribuição por diversas faixas etárias e, em 2014, houve uma concentração na faixa etária mais baixa, até 15 anos, o que pode caracterizar a presença de mais crianças com seus pais. Essas hipóteses se fortalecem também a partir dos dados de grau de escolaridade, havendo uma concentração nos dias de semana de pessoas que terminaram ou estão cursando o Ensino Médio e nos finais de semana uma maior distribuição entre as categorias, com uma concentração no Ensino Superior. Esses dados confirmam a percepção da equipe de que o público de final de semana é diferente do de dia de semana.

Em 2014, parece ter havido uma leve ampliação de público de outras regiões que não a Região Norte - na qual fica localizada a BSP -, especialmente nos finais de semana. Isso pode estar relacionado com o esforço de diversas equipes da SP Leituras: área da comunicação, programação cultural, serviço social e atendimento para ampliar o relacionamento da BSP com o público. Também foi criado um grupo para pensar estratégias de comunicação e diversas parcerias foram estabelecidas.

Os dados quantitativos mostram, por exemplo, uma redução na proporção de público que tomou conhecimento da BSP através de Amigos e familiares e um aumento de público que tomou conhecimento através da Mídia (principalmente o público de final de semana), de passar em frente e através do site:

Variáveis relação com BSP	2013		2014		
	semana	finais de semana	semana	finais de semana	
Vínculo com a BSP	É sócio	92%	82%	87,5%	67,8%
	Não é sócio	8%	18%	12,5%	32,2%
Forma pela qual tomou conhecimento	Amigos/ Família	68%	76%	57%	63%
	Mídia	11%	10%	13%	14%
	Passando em frente	10%	5%	18%	14%
	Site BSP	4%	6%	7%	4%
	Informes BSP	5%	3%	4%	3%
	Telefonista	0%	0%	1%	1%
Interesses	Empréstimo de livro	32%	23%	49%	43%
	Leitura de livros, jornais e revistas	50%	35%	52%	53%
	Navegar na internet	46%	35%	38%	32%
	Atividades culturais	16%	14%	26%	30%
	Assistir a filmes no PC	14%	9%	13%	13%
	Estudar	17%	30%	6%	5%

	Descansar/ apreciar o ambiente			3%	3%
Frequência à BSP	Diariamente	23%	15%	21%	8%
	Semanalmente	36%	30%	26%	28%
	Quinzenalmente	15%	17%	19%	15%
	Mensalmente	15%	17%	15%	13%
	Raramente	12%	22%	18%	36%
Programação Cultural	Nunca foi a uma atividade	73%	77%	63,8%	66,4%
	Já foi a uma atividade	27%	23%	36,2%	33,6%

Os informes ainda não são muito mencionados pelo público, mas há nos dados uma confirmação da direção e do esforço dedicados à comunicação.

Houve um aumento na proporção de público interessado em empréstimo de livros e programação cultural, uma redução na proporção de público interessado em navegar na Internet, dado que a equipe questiona a partir do seu contato cotidiano com o público. Acreditamos que esse viés pode ter sido originado da estratégia de coleta, que não garantiu que pessoas que estejam ainda em “aproximação” com as ferramentas digitais (ou seja, que não estão completamente confortáveis com elas) respondessem na mesma proporção que pessoas que já se sentem mais confortáveis com elas, e para as quais tais ferramentas já não é novidade.

De qualquer modo, o dado do fortalecimento das atividades culturais também fica expresso no aumento na proporção de público que já esteve presente em tais atividades (de 27% e 23% a 36% e 34%). Esses são dados interessantes e podem também estar relacionados aos esforços da equipe no que viemos chamando de “qualificação da presença”, ou seja, em que a frequência à BSP seja cada vez mais, “ponte” entre o público e a ampliação do repertório sociocultural, especialmente a leitura.

Por outro lado, em conversas com a equipe da SP Leituras, o número de Centros de Acolhida aumentou muito na região do entorno da BSP no último ano e a tabulação de uso do VSCyber vem endossar a percepção do intenso uso da Internet, já que o uso de senha eletrônica antes só utilizados aos finais de semana, passou a ser utilizado logo na parte da manhã, todos os dias da semana.

Ao mesmo tempo, estar na BSP e conversar com os seus públicos, evidencia algumas questões para públicos específicos, que aprofundam o que os dados provenientes do questionário global não revelam. Por exemplo, este ano, entrevistando alguns jovens albergados, ficou clara a dificuldade de realizar um trabalho de qualificação de seu acesso ao espaço. Eles estão disponíveis e geralmente frequentam o espaço diariamente, porém, em sua maioria, ficam muito tempo na internet ou assistindo filmes em DVD. Um desses jovens relatou: “Eu vim aqui todo esse ano, mas só peguei um livro para ler, gigante, ‘A Segunda Guerra Mundial’. Não sou muito chegado a ler, só peguei porque fizeram uma aposta comigo, uma funcionária”. Essa forma encontrada por uma funcionária para fazer com que um jovem disponível e com quem estabeleceu vínculo levasse um livro para casa e, efetivamente, o lesse, nos faz pensar em quais outras maneiras poderiam ser encontradas pela equipe para desdobrar essa presença, que é maciça e cotidiana à BSP, em ações de formação de leitores. Isso não significa que a equipe tenha que criar mais ações, mas talvez refletir qualitativamente a respeito das ações que têm sido experimentadas para entender que resultados têm sido gerados a partir de cada uma.

Algo importante de destacar, trazido por todos os entrevistados, inclusive por esse jovem albergado, é o vínculo que os frequentadores assíduos do espaço acabam estabelecendo com os atendentes: “Eu gosto de tudo aqui dentro, o jeito que o

pessoal trata a gente, a gente precisa de ajuda e eles ajudam, eles também merecem ser tratados com respeito”. Este vínculo, somado a um saber-fazer específico, é o fundamental para que a presença das pessoas extremamente marginalizadas possa ser potencializada, aproveitada, transformada, através do que de melhor a BSP tem a oferecer: recursos e condições para promover o incentivo e gosto pela leitura podendo propiciar a formação de leitores. Conversando com atendente da BSP, ele relatou a dificuldade da equipe em desenvolver atividades que atraíam esse público, portanto, essa provavelmente é uma questão interessante de ser pensada, discutida e refletida pela equipe, de forma intensa: como envolver o público marginalizado em atividades mais focadas em leitura/literatura, de modo que sua postura e interesses (e, por que não dizer, comportamento), possam ser canalizados para este sentido específico?

De qualquer forma, ações já têm sido desenvolvidas e experimentadas pela equipe da BSP para dar conta deste público. O Serviço Social tem se proposto a conhecer os espaços onde vivem estes sócios, conhecer um pouco mais a respeito dos mesmos, através de visitas e parcerias com os Centros de Acolhida. Um outro projeto para 2015 e que já está previsto no planejamento da equipe, é elaborar um Programa de Acolhimento para os novos sócios em situação de albergue, e moradores de rua, um projeto que será feito pelo Serviço Social e o Atendimento em parceria.

Satisfação com as atividades e atendimento

Como nos anos anteriores, a equipe da avaliação constatou através dos dados e entrevistas com sócios e usuários da BSP uma enorme satisfação com o atendimento, as atividades e os serviços prestados, não havendo nenhuma alteração significativa de 2013 para 2014.

Variáveis de satisfação com as atividades e serviços		2013	2014
Encontra o título que procura	Sempre	30%	25,1%
	Muitas vezes	45%	53,3%
	Poucas vezes	20%	18,9%
	Nunca	5%	2,7%
Não encontrou título de:	Literatura em outros idiomas	13%	9%
	Um título específico de literatura	10%	21%
	Livros didáticos, pesquisa e referência	6%	16%
	Gibis, revistas e jornais	5%	11%
Gostaria de jornais e revistas revistas de:	Revistas de literatura	20%	27%
	Saúde	17%	16%
	Esporte	17%	6%
	Beleza	9%	6%
	Fitness	5%	5%
	Periódicos internacionais	23%	21%
Avaliação Programação Cultural	Arte-educador, oficinairo, palestrante	3,41	3,42
	Interação com o público	3,40	3,38
	Carga horária	3,21	3,22
	Tema	3,33	3,35
	Material oferecido	3,31	3,34
	Organização do local	3,45	3,43
Avaliação serviços BSP	Atendimento	3,58	3,46
	Comunicação	3,40	3,31
	Atividades	3,32	3,27
	Livros e Filmes	3,36	3,43
	Limpeza	3,70	3,68
	Segurança	3,46	3,46

Vemos apenas um aumento um pouco mais acentuado no percentual de público que não encontrou algum título de literatura, apesar de no âmbito global a maioria dos usuários ainda encontrar o título que busca “muitas vezes”. Dos que responderam ao questionário, 42% ainda não conhece o serviço de reserva e sugestão de livros.

Em algumas entrevistas, depoimentos de pessoas que estavam retirando livros de ficção relacionados às ciências ou à espiritualidade chamaram atenção. Este pode ser um bom caminho para lidar com o público que se interessa por livros especializados - o que não é o foco da BSP. Porém, livros de ficção que abordem assuntos de áreas especializadas do conhecimento, podem satisfazer este tipo de perfil.

Há uma leve queda na média atribuída ao atendimento, porém acreditamos que isso se deve à sistemática de aplicação do questionário que, em 2014, ficou disponível para o público e sem uma sistemática de aplicação por entrevistadores ou atendentes. Dessa forma, há alguns respondentes que manifestam sua insatisfação ou conflitos com determinados atendentes respondendo muito negativamente este aspecto no terminal.

Finalmente, com relação às atividades que ainda gostariam de frequentar, o público manifesta desejar participar principalmente de encontros com autores e apresentações musicais.

Atividade da qual gostariam de participar	
Encontro com escritores	45%
Apresentações musicais	30%
Oficinas de produção/escrita	22%
Contaçãõ de histórias	17%
Atividades culturais acessíveis (Libras, áudio descrição)	17%

As entrevistas aprofundam muitos destes aspectos. Foi surpreendente escutar de pessoas diferentes que a BSP “*é primeiro mundo*” e “*tem padrão Sesc*”. Esse tipo de fala sempre esteve presente nas avaliações, porém a comparação massiva com o Sesc começou a surgir agora: a associação com um espaço cultural de excelência, no qual a dimensão do direito à cidade e ao espaço público se impõe. As pessoas dizem se sentirem respeitadas por poderem ter acesso a este tipo de espaço, onde são bem atendidas, encontram tranquilidade gratuita e bons serviços. Embora a oferta de programação e atendimento esteja sendo comparada ao SESC, sendo o viés da BSP a leitura em suas diversas manifestação, entende-se que essas afirmativas se referem ao padrão de produtos e serviços da biblioteca.

O olhar específico para o público idoso

Este ano, como conversamos com o público idoso, frequentador do curso de informática, pudemos perceber ainda uma satisfação com a metodologia utilizada pelos professores do curso, atendentes da BSP. Foram entrevistados 7 idosos, entre 62 e 77 anos, homens e mulheres, todos sócios da Biblioteca de São Paulo. Um grupo de 4 idosos que estava lá para fazer o curso de informática voltado para eles, em sua maioria relatou que antes deste curso não conheciam a BSP e que, geralmente apoiados pelos filhos, acabaram por descobrir o espaço e a possibilidade de aprender ali a utilizar o computador.

Os filhos dos idosos entrevistados são, portanto, geralmente sócios da BSP e frequentadores do espaço, acabando por incentivar os pais a se tornarem sócios e frequentarem atividades ali também. A maioria dos idosos tem fácil acesso à BSP: ou moram muito perto e podem ir a pé, ou moram perto de uma linha de metrô.

Apesar de adorarem todos os aspectos da biblioteca - atendimento, metodologia do curso, convivência com outros idosos -, a maioria dos idosos dizem nunca ter lido um livro ali ou levado livros para casa.

Alguns idosos conheceram a BSP porque caminhavam no parque e acabaram entrando e se encantando pelo lugar. Em geral, chama a atenção o fato de que os idosos que já eram leitores adquirem ali um ambiente agradável de convivência e com outras opções além da leitura; mas que aqueles que não tinham o costume de ler, não mudam de hábito quando começam a frequentar a BSP.

Por outro lado, todos os idosos parecem redescobrir a função da biblioteca e estarem abertos aos estímulos quando passam a frequentar o espaço, ou seja, parece que as propostas feitas pelos atendentes são bem aceitas pelo grupo. Aqui, chama atenção o carinho que o grupo de idosos tem com os atendentes que são os seus professores de informática e o quanto esse vínculo pode ser aproveitado para o estímulo à leitura, formação de leitores e conversas sobre livros.

A fala de um idoso foi bastante interessante porque, assim como diversas crianças e jovens, ele também afirmou que *"Desde criança, a biblioteca para mim era outra coisa e, de repente, aqui é um espaço meio Sesc, e Sesc para mim é como deveria ser o Brasil inteiro! Quando eu conheci a biblioteca, percebi que tem crianças, eventos, tem atividades lá fora com as crianças, daqui a pouco a biblioteca invade todo o parque, e eu acho isso demais, é um pólo cultural!"*

Esse mesmo idoso, que já era leitor assíduo quando passou a frequentar a BSP, relatou um processo interessante em sua relação com a biblioteca. Ele, que não conhecia o escritor Milton Hatoum, viu um dia uma entrevista na televisão com o escritor amazonense e ficou interessado. Na mesma semana, viu um livro dele na prateleira e pegou:

"Aí, eu soube que ele vinha aqui, e vim ver, e foi bárbaro! Eu lendo o livro, conhecendo ele, conversando com ele, então, esse é um espaço maravilhoso de vivência. Eu jogo xadrez aqui de sábado!"

Esse depoimento, ao mesmo tempo em que mostra uma experiência pessoal de contato diversificado com as possibilidades abertas pela BSP, é muito esclarecedora do potencial ali presente: de ser um espaço no qual o livro (acervo), as atividades e o que ocorre na cidade e no país se conectem no sentido de gerar interesse dos frequentadores e criando formas de articulação os diferentes serviços oferecidos.

Todos os idosos, sem exceção, declararam ir à BSP em função do atendimento, da possibilidade de convivência e do espaço. Eles também pareciam contentes com a diversidade de públicos, satisfeitos em verem pessoas marginalizadas podendo ter acesso a esse tipo de serviço.

"Eu gosto de tudo aqui, porque vemos pessoas de todos os níveis. Ao invés das pessoas ficarem para cá e para lá, elas ficam aqui; porque aqui tem gente até que dorme na rua, e eu fico graças a Deus contente que devagar eles estão vindo,

participando, entrando na sociedade. Quem sabe algum livro seja uma semente e eles saiam dessa vida para melhor”.

O silêncio do espaço foi algo bastante comentado pelos idosos:

“Uma coisa que me chamou muito atenção quando vim aqui, foi o espaço, porque eu trabalho com arquitetura, paisagismo... Aí, um dia, teve uma fanfarra aí fora e aqui não se ouvia nada, e isso me chamou muita atenção: a acústica, a luminosidade natural, esses desenhos soltos no ar, o silêncio, é lúdico o espaço, as crianças entram aqui e de repente tem oficinas, tem crianças brincando”.

A convivência entre gerações, além da convivência entre classes sociais, também é algo que agrada os idosos. As crianças lendo, brincando, como comentado acima e por mais de um idoso, assim como a possibilidade de estar com jovens, em uma situação de leitura, oficina, discussão, ou seja, se ver ativos podendo escutar jovens ativos, de igual para igual:

“Os jovens são tão bacanas, um dia eu participei de uma oficina com eles e me senti tão à vontade, tão ativa!” ou “Isso aqui [se referindo à BSP] é uma forma de entrar em contato com as pessoas”.

Mas ainda é necessário incentivar a leitura, já que uma minoria leva livros para casa. Segundo um dos idosos,

“O ambiente é convidativo, confortável, mas eu sou muito preguiçoso para ler, já olhei um bocado nas prateleiras, mas nunca peguei nada”.

Em relação especificamente ao curso de informática, os idosos, em sua maioria, relataram que o que mais interessa é aprender a navegar na internet e se comunicar através das redes sociais e por e-mail. Todos disseram estar muito satisfeitos com a metodologia do curso, muito clara, segundo eles:

“Eu e minha esposa fizemos um curso no ano passado, no CEU JAÇANÃ, mas terminamos o curso muito crus. Através do meu neto ficamos sabendo desse curso. Assim que pus o pé aqui já senti a diferença, ambiente claro, os instrutores amáveis, fomos muito bem recebidos”.

“Aqui é diferente a forma de ensinar, é mais clara, é mais fácil de aprender”.

Depois de uma série de entrevistas com os idosos, nas quais um dos líderes de atendimento da BSP acompanhou a equipe do IF, comentou-se a importância de introduzir momentos de leitura antes e depois dos cursos oferecidos para eles, de conhecer as preferências e indicar livros para cada um, etc., como formas de qualificar esta presença e esta disponibilidade visíveis para a leitura e para uma convivência na qual a leitura seja o centro.

Mães e filhos

Esse ano, chamou atenção diversos casos de mães e pais que foram levados à BSP pelos filhos ou motivados por eles. Ou porque os filhos foram levados pela escola e comentaram com entusiasmo sobre a biblioteca em casa, ou porque começaram a frequentar a BSP como uma atividade interessante para a família, tornando-se, depois disso, interessados em atividades específicas da biblioteca.

Uma menina de 11 anos relatou que quando ela foi à biblioteca com a escola, a atendente *“mostrou para a sala toda como que é, aí eu mostrei para a minha mãe. Eu achei interessante aqui, porque essa biblioteca se preocupa com as pessoas. Lá em cima, tem para as pessoas que não enxergam ou escutam muito bem, eu achei legal isso. E agora um atendente me indicou um livro ‘Livro Perigoso para Garotas’ e outro livro de folclore que tem adivinhas e essas coisas...”*

Essa mesma menina disse que para ela o *tour* realizado pela atendente quando ela foi à biblioteca com a escola, mostrando todos os serviços da BSP, um pouco de seu acervo, contando sobre as atividades, foi muito importante para que ela quisesse voltar. Outro fator importante foi o fato de que todos de sua sala fizeram a carteirinha, o que parece ter lhe dado uma sensação de pertencimento, algo importante para apresentar para a sua mãe, que disse o seguinte:

“Esses dias a Isabela veio conhecer a BSP e ela falou daqui, e eu vim também pelo entusiasmo como ela falou da biblioteca, e eu também gostei. Eu vim por esse entusiasmo e eu gosto de ciências, biológicas, e aqui tem vários livros que tratam disso através da ficção. Ela disse que podia fazer carteirinha e ter acesso à literatura e eu achei isso bacana, então, mais um ponto forte para a gente vir mesmo aqui! Eu vim para a incentivar mais ainda a ler, ter acesso aos livros, isso é importante, ter conhecimento, está precisando de gente que vai atrás, se instrua, se entusiasme para estudar. Eu fiz a carteirinha hoje, já posso levar livros! A Isabela fez um tour comigo. Ainda estou na dúvida quais vou levar hoje, ainda estou olhando”.

BSP como espaço de referência para profissionais do ramo

Uma das entrevistadas, visitante da BSP, disse que o que a levou à BSP pela primeira vez foi um trabalho de contação de histórias para a qual foi contratada. Tendo se tornado uma biblioteca de referência para ela, pela qualidade do espaço, do atendimento e do acervo, ela retornou, agora *“porque tenho um trabalho para fazer para um curso, então vim observar a contação e vou aproveitar e ir atrás de uns livros que estou precisando ver para um outro trabalho que vou fazer em janeiro. Agora, o que me leva na biblioteca é meu trabalho mesmo. Tem muita encomenda de histórias hoje em dia, com temas. Então você tem que ir para a biblioteca, para pesquisar”.*

Ela ainda comentou que, além da boa acessibilidade - perto do metrô - ali é um espaço que dá vontade de ficar: *“Às vezes eu vou em bibliotecas que tem um ácaro danado, então logo eu quero ir embora, quero pegar o livro e ir, aqui não, dá vontade de ficar, ler, usufruir do espaço, é mais um espaço do que apenas um lugar no qual você pega o livro e vai embora: o atendimento é top, quando eu cheguei aqui peguei a carteirinha do Sesc, eu achei que eu estava no Sesc por causa do ambiente, do acolhimento, uma organização muito boa, primeiro mundo, é isso o que sinto aqui”.*

Esse depoimento chama atenção pelo potencial do espaço aos poucos se tornar um importante ambiente de referência para profissionais da própria área, que possam ir lá para assistir outras contações de histórias, observar atividades e utilizar o acervo. A BSP torna-se, aos poucos, um lugar inspirador de outras experiências.

Sócios que deixaram de ir

Em 2014 foi realizada pela segunda vez uma coleta de informações com sócios que deixaram de ir à Biblioteca no ano anterior, no intuito de entender a sua ausência ao espaço: se motivada por alguma insatisfação com o atendimento, com as atividades ou outros aspectos da BSP. Foi realizada uma coleta por telefone, a partir de uma lista de 3800 nomes de sócios que tiveram a sua carteirinha expirada a partir de maio de 2014 e não retornaram mais à Biblioteca depois disso.

Foram contatadas cerca de 30 pessoas sendo que, dentre estes contatos, somente foi possível obter informações sobre cerca de 20. Dos sócios com os quais a equipe de avaliação conversou, a maioria deixou de ir por motivos diversos, mas nenhum relacionado com algum tipo de insatisfação específica relacionada à Biblioteca. Os motivos mais citados são a mudança de residência, que faz com que a BSP fique distante e a falta de tempo - neste caso, por mudanças de emprego ou, no caso de jovens, pelo início dos estudos no terceiro grau - o que sempre confirma a hipótese de que a proximidade da BSP ainda é um fator determinante para a presença assídua no espaço.

Chamaram a atenção alguns perfis como, por exemplo, muitas pessoas que deixaram de ir à BSP quando, por algum motivo, pararam de estudar: seja porque terminaram o colégio, que era próximo da biblioteca ou tinha um fácil acesso a ela, seja porque tiveram que se dedicar ao trabalho. Uma jovem que ia de 15 em 15 dias na BSP, por exemplo, sendo uma leitora assídua e muito satisfeita com o acervo literário disponibilizado pela biblioteca, deixou de ir quando iniciou seus estudos em psicologia e não encontrou acervo especializado lá, tendo que recorrer e passar a frequentar bibliotecas universitárias. Outros jovens que terminaram o colegial em escolas próximas da BSP, mas que moram longe dali, deixaram de ir pela distância somada à falta de tempo quando iniciaram a faculdade.

Um outro tipo de perfil que apareceu muito foram pessoas que fizeram a carteirinha na primeira vez em que foram na BSP e nunca mais retornaram. Em geral, essas pessoas foram convidadas por amigos ou parentes frequentadores que insistiram que elas precisavam ir, conhecer e frequentar a biblioteca. Todas elas disseram ter gostado muito do espaço, do acervo e do atendimento, porém, que foi difícil retornar pela distância e/ou pela falta de tempo para tal.

Como no ano passado, também houve alguns ex-sócios que eram albergados, com os quais não foi possível conversar porque não eram mais moradores do albergue nos quais eram cadastrados. O contato foi então estabelecido com a assistente social da instituição, que informou que provavelmente o ex-albergado e ex-sócio da BSP mudou de cidade ou voltou para a rua. Ela ainda comentou que, quando estão no albergue, há um trabalho de incentivo dessas pessoas para retornarem aos estudos e reinserirem-se socialmente, sendo a biblioteca um dos espaços indicados para tanto. Sendo assim, especialmente quando voltam para a rua, os albergados deixam de estabelecer vínculo com qualquer tipo de espaço.

Um outro perfil que chamou bastante atenção foi de uma mãe que costumava levar os seus dois filhos (uma menina de 14 anos e um menino de 7 anos) semanalmente na BSP e que deixou de fazê-lo, segundo ela, *“porque tem a favelinha, tem muito malouqueiro (sic). Eu até gostaria, a minha filha costumava pegar muito livro na BSP, mas a internet livre tem ‘aquele pessoal’. Eu sei que é uma biblioteca pública e acho que todo mundo tem o direito de ir, mas eu não levo mais meus filhos pelo perfil dos frequentadores”*.

Quando perguntada a respeito da satisfação com o atendimento, serviços e espaço da BSP, ela disse achar tudo maravilhoso. Esse motivo pelo qual uma mãe deixa de levar os filhos na BSP, sendo que a família era assídua no espaço, reforça a percepção da equipe de que a BSP tem enfrentado questões que envolvem o convívio de diversos públicos, incluindo pessoas em vulnerabilidade.

Além disso, praticamente todos os sócios idosos entrevistados mostraram satisfação com a diversidade de públicos frequentadores da BSP, especialmente destacando o fato de existirem moradores de rua, albergados, juventude e crianças pobres frequentando a biblioteca, podendo ler e mostrando interesse por algumas atividades. Muitos idosos expressaram o quanto isso pode ser *“importante para tirar alguém de uma situação de vida ruim”*. A questão parece residir em como cada pessoa lida com a heterogeneidade presente na biblioteca.

Como a própria mãe que deixou de levar seus filhos na biblioteca por considerar *“o público inadequado”*, a biblioteca é pública e de modo algum pode existir uma restrição de acesso a este espaço, suas atividades e serviços. Torna-se então fundamental, como já vem sendo destacado pela própria equipe, encontrar maneiras de envolver o público vulnerável, pobre, marginalizado, do entorno, em ações e atividades que incentivem uma mudança de postura e interesse, potencializando sua criatividade e disponibilidade para o aprendizado da leitura e da pesquisa.

Praticamente todos os ex-sócios contatados se mostraram surpresos e satisfeitos com a ligação, perguntando se sua carteirinha tinha expirado e dizendo que estavam com *“saudades da biblioteca”* ou *“já é hora de voltar lá”*. Poderia ser interessante enviar um e-mail todo fim de ano, ou início de ano, para os sócios que deixaram de ir no ano anterior, com o intuito de incentivá-los a retornar.

Segundo a equipe da BSP, desde fevereiro de 2014 a biblioteca tem feito contato por mala direta chamando os sócios para se manterem ativos por meio da renovação da carteirinha. Foi criada também a possibilidade de que o sócio renove a inscrição online, de onde estiver, a partir de 30 dias antes da data de vencimento do seu cadastro. No entanto, além de ninguém ter comentado sobre isso nos contatos realizados, de acordo com a equipe, o índice de retorno de e-mails é baixo. Portanto, talvez caiba verificar como esses contatos e possibilidades podem ser mais eficientes ou melhor divulgadas.

Internautas

A pedido da equipe da BSP também foram realizadas conversas com diversos internautas da biblioteca, em sua maioria jovens e adultos e moradores de albergues ou de lugares bastante pobres do entorno. O foco da pesquisa era o interesse desses internautas quando navegam. O maior interesse é o entretenimento (jogos, músicas, filmes, redes sociais), serviços (compras, busca por emprego ou informações), notícias (especialmente futebol e esportes em geral) e para falar com famílias e amigos distantes. Quando perguntados a respeito de seu interesse por estudos, ou pesquisas, as respostas eram negativas ou muito vagas, como: *“Sim, pesquisei tudo o que me vem na cabeça”* ou *“Sim, pesquisei, afinal, pesquisa é pesquisa”*.

Como apontado em relatórios anteriores, este público que vai na BSP e fica apenas na internet e em busca de entretenimento é, em sua maioria, um público ativo e em idade produtiva e com o qual atividades de qualificação do uso do computador e da internet poderiam ser experimentadas: por exemplo, descoberta e incentivo para o

desenvolvimento de interesses pessoais que possam alimentar pesquisas específicas e mais qualificadas.

A biblioteca já dispõe de um serviço chamado “Agenda Cidadã” que busca qualificar o uso desses jovens na internet. Na Agenda é possível encontrar os assuntos de interesse mencionados pelos jovens. O que pode acontecer é que os sócios não se interessem ou não conheçam todas as potencialidades do serviço ou quem respondeu a pesquisa ainda não ousou utilizar o serviço disponível nas máquinas e oferecidas pelo atendimento. De qualquer forma, seria interessante descobrir qual o fator que não tem atraído esse público para as atividades e serviços já oferecidos e talvez refletir sobre a possibilidade de desenvolver outras abordagens de incentivo à pesquisa.

3.2. O impacto da frequência à Biblioteca nos hábitos leitores de seus usuários e na sua vida

Os dados relativos à formação de hábitos leitores e transformações na vida dos usuários da BSP são produzidos a partir de entrevistas e observações. Não há dados quantitativos a esse respeito.

Uma menina de 12 anos, que estava com a mãe, relatou que desde os 7 anos frequenta a BSP e que a biblioteca a *“ajudou a ler melhor e gostar mais da leitura, porque chego na biblioteca e começo a ler. Tem muita gente aqui que não sabe ler e pega cada dia um livro e vai se interessando mais pela leitura e eu fui uma delas, que não sabia ler bem, aí eu comecei a pegar livro, e comecei a me interessar e pegar bastante livro, e me apaixonei pela leitura”*.

Quando perguntada sobre a escola, se esta não tinha uma biblioteca ou incentivava a leitura, ela respondeu que a diferença entre a BSP e a escola é que na BSP tem muito mais livros interessantes, como contos de fadas, livros de terror, livros para crianças pequenas que estão aprendendo a ler.

Segundo ela, na escola *“tem mais gibi e só vamos na biblioteca sexta-feira. Já levei um livro daqui para mostrar na escola, um conto de fadas muito diferente, da Cinderela, mas muito diferente. Uma vez li um livro muito interessante que falava de uma menina investigadora, ela saía escondida da casa da mãe dela, investigando, ela mentia para a mãe...”*.

O acervo, portanto, com sua diversidade, parece ser um aspecto que atrai fortemente as crianças e adolescentes com pouco acesso a livros de qualidade e que, ao frequentarem a BSP, descobrem todo um universo múltiplo e antes desconhecido. Os dados quantitativos também expressam o aumento do interesse pelo acervo e pelo empréstimo de livros.

Uma mãe, atendente de telemarketing, relatou que para ela e sua família, ir à BSP é um passeio e que seus filhos adoram, mas *“eles [de 6 e 10 anos] não gostam muito de pegar livros, eles ficam mais nas máquinas. Quem participa mais de leitura, contação de histórias, sou eu, eu que gosto”*. De qualquer maneira, podemos inferir que mesmo que seja primeiro através da mãe, o aumento de interesse dela por leitura poderá contribuir para que o interesse também ocorra com as crianças. Ela disse ainda que tenta incentivá-los de várias formas a ler, às vezes estimulando-os a pegar um livro e ler *“antes de começar a jogar os joguinhos”*, mas que *“ainda não vi o interesse deles de pegar um livro e sentar para ler sozinhos”*.

Ela disse considerar o projeto da biblioteca maravilhoso, um incentivo para que as crianças possam ter a cultura próxima “*porque tem muitas crianças que não têm condição de ter um livro e as bibliotecas das escolas muitas vezes não têm nenhum livro que interesse às crianças. Aqui tem muitas opções, tem a contação de histórias que instiga as crianças. Eu participo muito da contação e, quando termina, eu vejo as crianças logo procurarem o livro, para ver as figuras*”. No entanto, esta mãe fez uma crítica muito interessante ao modo como esse tipo de atividade tem sido conduzido:

“Eu creio que ainda falta o incentivo de pegar a criança, sentar e ler, cada um com o seu livro em mãos, porque isso funcionou comigo, eles colocavam todo mundo sentado em roda, cada um com o seu exemplar, a professora começava a contar e todo mundo ficava prestando atenção no que ela estava lendo, acompanhando, aí ela parava em um determinado ponto e, quando ela parava, todo mundo queria continuar lendo, e se esforçava para entender o final. Eu acho que falta um pouco isso aqui, esse incentivo através de um contato maior com o livro, porque a maioria das crianças vêm para ficar nas máquinas; embora tenha o incentivo de ler, na contação, se eles fizessem a contação com as personagens, mas cada um tivesse um exemplar daquela história, a curiosidade de ler, de conhecer o final, faria a criança ler mesmo.”

Ainda segunda ela, falta esse tipo de ação para que as crianças realmente tenham a curiosidade de ir até a prateleira e ler um livro. Essa mãe, em sua percepção, parece estar chamando atenção para o fato de muitas crianças terem, ali, um contato mais abrangente com o universo do livro e da leitura através das contações de histórias, por exemplo, mas não terem um incentivo maior no sentido do contato direto com os livros e do enfrentamento da leitura. Tentar compreender de forma mais precisa qual a relação entre a contação de histórias e o incentivo à leitura foi uma questão que esteve presente também em outros programas e iniciativas, como o Praler e o Viagem Literária.

3.4. Síntese das reflexões da BSP

- O perfil do público não parece ter sofrido alterações de 2013 para 2014. Basicamente, durante a semana encontramos mais estudantes de Ensino Médio e alguns grupos específicos como albergados e outros grupos em vulnerabilidade. Durante os finais de semana encontramos mais famílias, com membros de uma idade mais alta, acompanhados de crianças e adolescentes.
- Apesar do perfil não ter mudado, vemos uma mudança interessante no que se refere aos interesses do público que os levam à BSP: aumentou o interesse por atividades culturais e pelo livro e empréstimo de livros. Acreditamos que estes podem ser sinais de que a BSP tem conseguido, além de fazer o público estar presente, possibilitado uma ampliação do repertório sociocultural e do interesse pelo livro. Caberiam aprofundamentos futuros para confirmar se tudo isso tem contribuído para a formação de hábitos leitores no público. Por outro lado, em conversas com a equipe da SP Leituras, aventou-se a hipótese de que isso possa estar ocorrendo devido ao fato de que uma parte considerável do público não responde a avaliação no totem, já que nos últimos meses a equipe tem constatado uma busca muito maior por acesso à internet. Segundo a equipe, o número de Centros de Acolhida aumentou muito na região do entorno da BSP no último ano e a tabulação de uso do VSCyber vem endossar essa percepção, já que

o uso de senha eletrônica antes só utilizados aos finais de semana, passou a ser utilizado logo na parte da manhã, todos os dias da semana.

- Foi constatado um desafio da BSP em lidar com jovens marginalizados que frequentam a BSP diariamente. Por outro lado, foi constatado um vínculo forte de alguns destes jovens com os atendentes - que muitas vezes se tornam referências importantes - ou com o espaço em si. Como envolver o público marginalizado em atividades mais focadas em leitura/literatura, de modo que sua postura e interesses (e, por que não dizer, comportamento), possam ser trabalhados neste sentido? Vale também pensar que a BSP deve lidar com a resistência que esse tipo de público produz em alguns frequentadores - *como lidar com isso?*
- Em relação aos idosos, a partir das entrevistas pode-se perceber que aqueles que já eram leitores continuaram sendo, aproveitando muito o espaço e acervo da BSP para tal fim. Porém, aqueles que não eram leitores, apesar de redescobrirem a função da biblioteca (como Biblioteca Viva, muito diferente daquela biblioteca que lembram frequentar quando crianças e jovens), não se tornam ainda leitores, mesmo indo semanalmente, às vezes mais de uma vez por semana, à BSP. O carinho que o grupo de idosos têm com os atendentes possibilita que esse vínculo seja melhor aproveitado para o estímulo à leitura, formação de leitores e conversas sobre livros.
- O depoimento de uma contadora que foi assistir uma contação dos atendentes como parte de uma pesquisa que estava realizando, sugere o potencial formador e de rede que tem o espaço - que pode se tornar um importante ambiente de referência para profissionais da própria área, um lugar inspirador de outras experiências, etc.
- Em algumas entrevistas, depoimentos de pessoas que estavam retirando livros de ficção relacionados às ciências ou à espiritualidade, chamaram atenção, pois este tipo de acervo pareceu satisfazer o público que se interessa por livros especializados - que não são o foco da BSP.
- Praticamente todos os ex-sócios contatados na pesquisa se mostraram surpresos e satisfeitos com a ligação para saber por que não renovaram suas carteirinhas. De modo geral a não renovação não tem relação com alguma insatisfação dos sócios, mas sim com mudança nas condições de sua vida. Segundo a equipe da BSP, desde fevereiro de 2014 a biblioteca tem feito contato por mala direta chamando os sócios para se manterem ativos por meio da renovação da carteirinha. Foi criada também a possibilidade de que o sócio renove a inscrição on-line, de onde estiver, a partir de 30 dias antes da data de vencimento do seu cadastro. No entanto, além de ninguém ter comentado sobre isso nos contatos realizados, de acordo com a equipe, o índice de retorno de e-mails é baixo. Portanto, talvez caiba verificar como esses contatos e possibilidades podem ser mais eficientes ou melhor divulgadas.
- Como apontado em relatórios anteriores, o público que vai na BSP e fica apenas na internet e em busca de entretenimento é, em sua maioria, um público ativo e em idade produtiva e com o qual atividades de qualificação do uso do computador e da internet poderiam ser experimentadas.
- A mãe de duas crianças que estavam na BSP, fez uma crítica muito interessante ao modo como as contações têm sido conduzidas. Apesar de, ela mesma, adorar participar dessa atividade e de outras na BSP, segundo ela, poderia haver mais



incentivo durante as ações para que as crianças realmente tenham a curiosidade de ir até a prateleira e ler um livro. Essa percepção de uma mãe chama atenção para o fato de muitas crianças terem, ali, um contato mais abrangente com o universo do livro e da leitura, através, por exemplo, das contações de histórias, mas ainda ser necessário um incentivo maior no sentido do contato direto com os livros e do enfrentamento da leitura.

III. Praler

1. O desenvolvimento do processo avaliativo em 2014

Em 2014, houve uma clara solicitação da equipe do Praler e da gestão da SP Leituras para que fossem desenvolvidos instrumentos e estratégias para avaliar a satisfação do público com as atividades realizadas no programa. Além disso, existia uma necessidade de tornar mais claras as opiniões, percepções e sugestões de facilitadores e instituições receptoras, de forma que os impactos do Praler nos hábitos leitores do público e na relação da instituição com o universo da leitura e literatura, tanto do ponto de vista qualitativo, quanto do ponto de vista quantitativo, se evidenciassem. Foram, para isso, desenvolvidos critérios e indicadores mais objetivos e que levaram à confecção de questionários com perguntas abertas e fechadas, passíveis de gerarem as análises desejadas.

Realizado em diferentes instituições e tendo facilitadores/mediadores diversos, interessa, portanto, observar e levantar dados que tornem possível uma leitura do Praler como um programa único. Ou seja, que facilitem a compreensão de quais desafios e resultados têm sido comuns em todos os contextos, quais objetivos têm sido alcançados e quais conquistas secundárias tornam-se constantes. Também, das especificidades, ou seja, das soluções geradas quando a equipe e os facilitadores se deparam com realidades sociais específicas.

Por isso, este ano, optou-se também, ao invés de entrevistas com gestores das instituições, focar as visitas da equipe de avaliação em ações do Praler - ou seja, no momento em que essas estavam ocorrendo, na forma de observações e conversas com facilitadores.

Acreditamos que isso torna-se relevante para a tomada de decisões sobre os futuros passos do Praler, na medida em que algumas problemáticas passaram a orientar cada vez mais o olhar para este programa em 2014. Dentre elas, a reflexão sobre o tipo de realidade em que é mais produtivo atuar; quais metodologias são mais acertadas; que estratégia gera mais impacto institucional; como fortalecer a influência do Praler nas instituições; como potencializar a relação entre facilitador e público e preparar os facilitadores para que eles possam representar o programa e como o programa pode deixar um “legado” consistente nas instituições nas quais atua, são as mais prementes.

A matriz de avaliação do Praler foi baseada nos seguintes critérios e perguntas:

1) *As estratégias estão adequadas para cumprir o objetivo central do Praler? (• Pertinência e comparação de estratégias)*

- Número de participantes nas ações
- Relevância dos temas
- Qualidade dos formadores/ mediadores/ profissionais
- Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/ público local)
- Metodologias e estratégias de formação utilizadas
- Pertinência e qualidade do acervo doado
- Quantidade de encontros
- Carga Horária

2) *Qual foi impacto do Praler na instituição?*

- Formação de multiplicadores (mediadores de leitura)

- Melhora da Biblioteca/ sala de leitura
- Melhora no cuidado com empréstimo de livros
- Mudança de concepção sobre o potencial da leitura e da mediação
- Novas atividades envolvendo leitura
- Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)

3) *Qual o impacto das ações no uso da Biblioteca ou sala de leitura?*

- *Frequência de público na Biblioteca ou sala de leitura e nas atividades*
- *Uso do Acervo (consulta e empréstimo)*

4) *Qual o impacto da ação sobre os hábitos leitores do público?*

- *Frequência no empréstimo de livros*
- *Conversas sobre livros*
- *Interesse pelo estudo e assuntos culturais*
- *Busca e dá indicações de livros*
- *Manifestação de preferências*
- *Busca livros de forma autônoma*

2. A coleta de informações em 2014

Para dar conta das informações necessárias para responder a essas perguntas, optou-se pelas seguintes estratégias e fontes de informação:

Fonte	Estratégia	N
Relatórios trimestrais SP Leituras		3
Participantes das oficinas	Questionários de satisfação	100
Facilitadores do Praler	Questionários	4
Gestores/responsáveis das instituições que receberam o Praler	Questionários	13
Membros das instituições	Observação/entrevistas	3

Como mencionado na introdução deste relatório, o Praler em 2014 aplicou novas estratégias de coleta, como os questionários com os públicos das ações nas instituições, além de um questionário semiestruturado construído a partir de um modelo de relatório já existente também com gestores das instituições. Os questionários com os facilitadores também sofreram modificações no sentido da inclusão de algumas perguntas mais direcionadas.

Em 2014, além da análise dos dados tabulados ao longo do ano, referentes às coletas feitas através de questionários específicos com o público, gestores e facilitadores do Praler, duas ações foram observadas no segundo semestre: uma aula da facilitadora Beth Ziani para funcionários da APOIO, com o objetivo de formá-los mediadores de leitura; e uma aula de Silvio Andrade no CIEJA CAMPO LIMPO, com o objetivo de incentivar a participação dos alunos do CIEJA no concurso literário, através de mediação de leitura, apresentando os diversos estilos literários

3. Achados

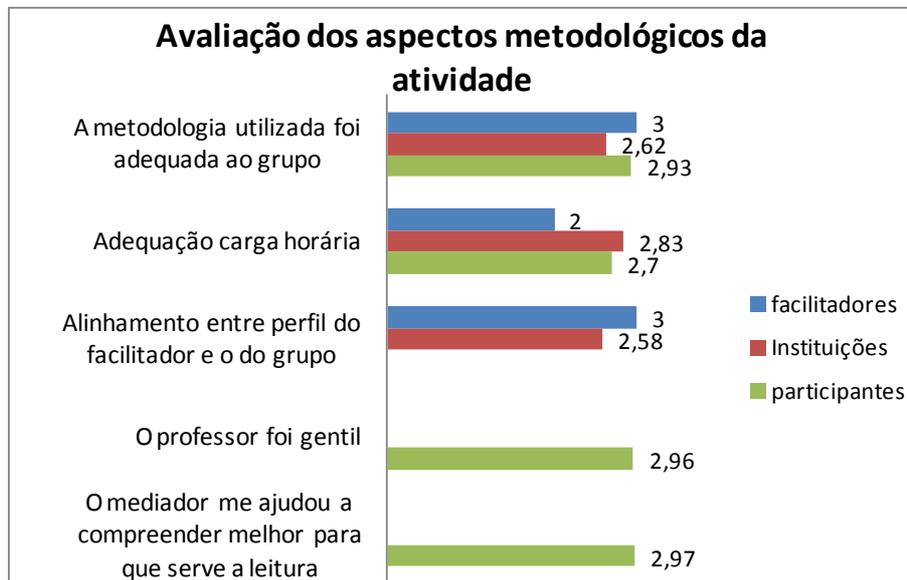
As análises quantitativas serão apresentadas a partir dos dados agrupados por temas. Todas as médias se referem à faixa de 1 a 3 e os dados provenientes das diferentes fontes de informação (instituições, facilitadores e participantes) são apresentados conjuntamente. A ausência de informação de alguma das fontes se deve ao fato de

que nem todas as fontes foram questionadas sobre os mesmos aspectos, principalmente pelas diferenças etárias - sendo alguns instrumentos direcionados à crianças, outros a jovens, outros a adultos - e papel dentro do Programa - públicos ou equipes das bibliotecas.

Os achados são apresentados por temas, por sua vez relacionados com as perguntas de avaliação. Primeiro, são apresentadas as informações relacionadas à adequação das estratégias do Praler; depois aos impactos do Praler nas instituições e nos seus espaços de leitura, finalmente, os resultados na formação de leitores.

3.1. Adequação das estratégias do Praler

Com relação à metodologia das atividades, os dados quantitativos indicam que há uma aprovação ampla, com uma pequena diferença com relação às instituições, que possuem uma visão um pouco mais crítica.



Dos aspectos relacionados com a metodologia, a carga horária é mais criticamente avaliada por todos os sujeitos consultados, especialmente do ponto de vista dos facilitadores, que consideram o tempo muito curto para a atividade. Para as instituições, o alinhamento entre o perfil do grupo e o facilitador foi o elemento mais crítico. Para os participantes, todos os aspectos relacionados com o mediador foram muito bem avaliados.

Leitura com sentido e multiplicidade de estratégias e linguagens

A partir da leitura dos relatórios trimestrais, da análise de dados dos questionários e das observações feitas de duas ações do Praler, é possível perceber um objetivo comum nas diversas ações do Praler, que diz respeito à aquisição ou reaquisição pelo público de uma “leitura com sentido”.

Como o programa é realizado através de ações em diferentes instituições e com diferentes facilitadores, para atingir o objetivo da promoção da aquisição de uma “leitura com sentido” são utilizadas estratégias variadas. A diversidade de expressões e linguagens é, portanto, uma marca do programa.

Em relação a esta diversidade de estratégias e linguagens utilizadas pelos diferentes facilitadores do programa, cabe observar em que medida esta multiplicidade contribui para o aprimoramento da relação com o universo da leitura especificamente e até que ponto é possível traçar, considerando este caráter múltiplo, aspectos que evidenciam o que é “comum” no Programa: estratégias, conteúdos, princípios, objetivos que, aos poucos, tornem possível a constituição de uma visão compartilhada dos caminhos e metas. Ao trabalhar com uma grande diversidade dos facilitadores, seria interessante poder reunir e sistematizar aprendizagens das experiências e que estas retornem para a equipe - já que estas são levadas a cabo por facilitadores terceirizados e em instituições parceiras. Um processo de sistematização com enfoque pedagógico poderia ser um mecanismo. Cabe pensar a quem caberia essa função/papel.

Importante ressaltar que a construção de uma “visão compartilhada” não significa de forma alguma encontrar padrões para o Programa, já que uma de suas principais características e riquezas é, como diz a própria equipe, o seu caráter experimental. Sobretudo, que o retorno do que ocorre nas diversas ações poderia servir como instrumento estratégico para que a equipe do Praler e SP Leituras planejem ações futuras do Praler e possam construir uma visão do todo.

Histórias de vida e escuta dos contextos

Entre os aspectos comuns ao programa como um todo, a abordagem através de “histórias de vida” aparece nos relatos de todas as ações (por parte de facilitadores, gestores das instituições e público). Em depoimentos dos facilitadores, ela é trazida como uma forma de tornar a leitura um “ato contextualizado”. A incorporação das histórias de vida dos participantes se dá através de um intenso trabalho de “escuta” do grupo por parte dos facilitadores e se configura como algo transversal ao programa. Isso fica claro no depoimento de um mediador do Praler: *“A possibilidade que tiveram de recordar momentos de sua vida, experiências, de se lembrarem de coisas importantes é algo positivo, é uma possibilidade de se sentirem vivos, pessoas que têm uma história. Terem a oportunidade de se expressarem diante dos amigos, de se verem nas histórias, enfim, de se lembrarem de si mesmos”*.

De acordo com os depoimentos dos mediadores, não basta, no entanto, oferecer “apenas” a oportunidade de narrar histórias de vida; a diversidade de linguagens para que as pessoas se conectem às suas próprias histórias e aos livros, é fundamental para que a aproximação com a leitura e com o texto efetivamente ocorra - na medida em que cada um tem mais afinidade com uma linguagem e que é esta afinidade, segundo diversos facilitadores, que faz com que a narração efetivamente aconteça.

Por outro lado, em alguns relatos de facilitadores, é possível perceber o foco do trabalho com histórias de vida no desenvolvimento da “autonomia do sujeito” ou no “desenvolvimento de valores por parte do público”. Neste sentido, seria importante checar se, nestes casos, a estratégia é compreendida como um meio para promoção da leitura e não como um fim em si mesmo, deixando em segundo plano o objetivo principal.

De qualquer forma, é importante ressaltar que muitos facilitadores dizem optar por trabalhar a partir de histórias de vida por considerarem uma forma de aproximar os diferentes públicos, com suas dificuldades, do universo da leitura, seja pela associação de espaços prazerosos com a leitura, seja pela oportunidade de construção de sentido, entre outros:

“Penso que o maior ganho é juntar essas pessoas em torno de uma atividade que propicia que falem sobre as suas vidas de forma reflexiva, carinhosa e emotiva; nesses momentos eles se vêem parecidos uns com os outros. Se esses momentos estão ligados a atividade de ler, é possível que fiquem com uma visão prazerosa da leitura”.

“Sentiram que havia espaço para eles, principalmente, de escuta. Valorizamos a palavra deles, o que facilitou demais a sua participação, sendo que muitos se abriram e contaram histórias de vida muito interessantes e cheias de experiências ricas de sentimentos e emoções. Um exemplo disso foi quando apresentamos a música ‘Não existe amor em SP’, de Criolo, que proporcionou uma aproximação tão intensa entre eles e o texto, que puderam compartilhar uma visão muito próxima da do autor, pois tinham vivido muita solidão e desilusões na metrópole.”

“A atividade com o poema, ‘No meio do caminho’, de Carlos Drummond de Andrade, foi fantástica. A leitura dos versos, como ladainha, deu ritmo e sinergia ao grupo. Aos poucos, os participantes foram não só falando palavras relacionando-as à pedra no caminho, como foram formando frases, que naquele contexto tornaram-se versos. Foi uma atividade muito alegre. Até quem não queria participar participou. Trabalhamos com a autoestima deles, possibilitando a expressão de todos. Deu para perceber que sentiram-se gratos com os resultados”.

Os facilitadores demonstram, em diversos momentos, que optam por este tipo de estratégia também para poderem compreender melhor os contextos nos quais atuam:

“Como todos os grupos, este tem problemas de dispersão, talvez pela necessidade de atenção. Foi necessário continuarmos com esse espaço de escuta que possibilitamos, para podermos compreender suas necessidades”.

Os encontros parecem ser, geralmente, divertidos, descontraídos: *“Os olhos brilham quando escutam histórias ou participam de atividades integradas”;* *“Sempre descontraídos, os encontros foram divertidos. Demonstraram interesse pelo projeto. Conversaram e brincaram, com respeito e descontração. Facilitaram nossa aproximação”.*

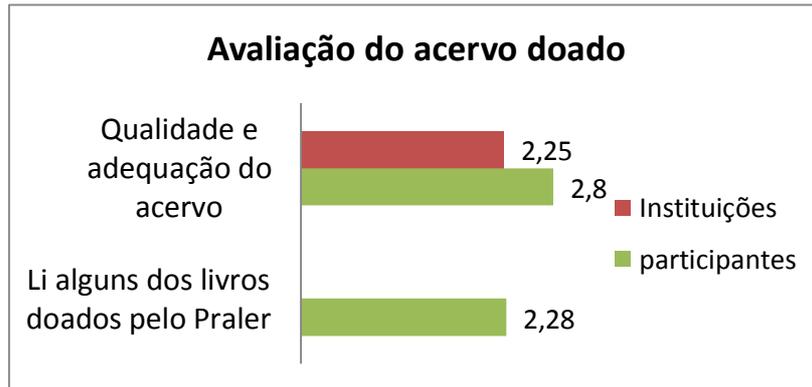
Para que isso ocorra, os facilitadores estabelecem uma relação forte de vínculo com os participantes, demonstrada em sua atenção em relação ao grupo, nas observações cuidadosas que fazem dos contextos específicos, geralmente difíceis e que demandam conhecimento e experiência por parte dos profissionais que neles atuam:

“Às vezes, alguns participantes encontravam-se embriagados, o que atrapalhava bastante o andamento das atividades. Composto somente por homens, havia diversidade étnica e cultural: negros, morenos, brancos, estrangeiros (português, caribenho), nordestinos, nortistas, sulistas, paulistas e paulistanos. Deu para perceber que alguns são egressos de regime prisional; alguns têm problemas psiquiátricos; problemas com bebidas alcoólicas. Desemprego e abandono são comuns a todos. São depositários de estigmas sociais e negatividades, como elementos expiatórios para os desequilíbrios de nossa sociedade”.

“Em relação às atividades penso que conseguimos estabelecer um vínculo com os participantes, ficamos próximos e ganhamos a atenção deles por um tempo maior do que seria de se supor; participaram, contaram histórias e piadas junto comigo, conversaram, pensaram e se emocionaram escutando as histórias; em vários momentos, depois de escutar uma história, começavam a falar de suas vidas como se fossem eles mesmos personagens de histórias”.

Acervo e Espaço de leitura

Com relação ao acervo doado, as médias variaram de maneira importante entre as instituições e os participantes, sendo as primeiras mais críticas. Apesar dos participantes avaliarem com uma média de 2,8 a qualidade do acervo, a média é bem mais baixa quando se referem ao fato de terem efetivamente lido algum dos livros doados.



Nos depoimentos, tanto o gestor da Casa de Acolhida Jaçanã, quanto do Albergue Esperança, afirmam que o acervo doado pelo Praler dialogava com o contexto específico a que ele foi destinado.

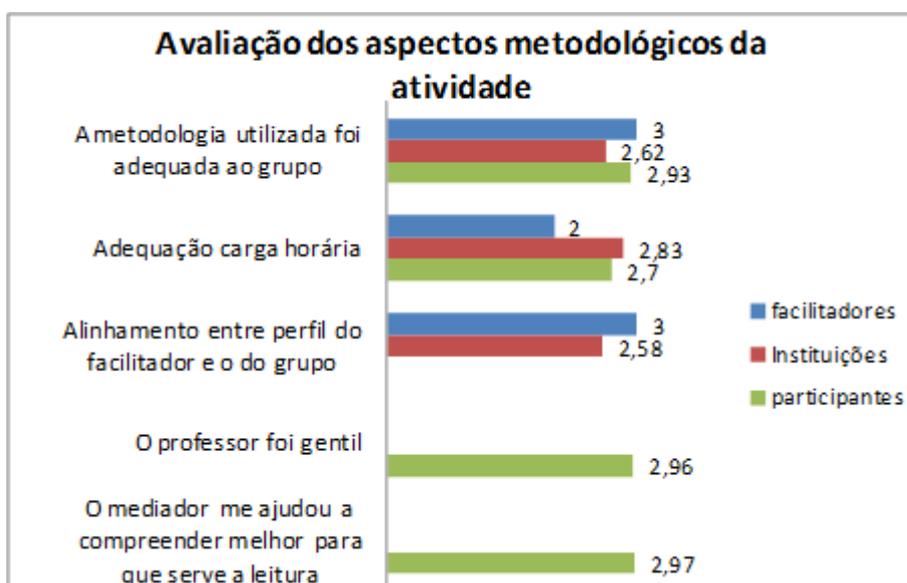
Contato com o texto

Há, claramente, por parte da maioria dos facilitadores do Praler, uma real preocupação em dar a oportunidade ao público de ter um contato forte e direto com os textos, inclusive através de exercícios de interpretação e análise dos mesmos. Há, também, um incentivo para que os públicos se entendam não apenas como receptores, mas como possíveis produtores de textos, poesias, etc. Os diversos facilitadores parecem ter uma convicção comum (algo constatado nas observações, relatórios feitos pelos mesmos e questionários) - e que se torna algo presente em todas as ações do programa - de que aproximar as histórias dos livros à vida das pessoas, para criar empatia entre livro e não-leitores; para que se percebam possíveis autores também, aproxima as pessoas da leitura e aquece o seu interesse por este universo. Vemos isso no depoimento de um dos facilitadores:

“A partir das imagens que nos foram oferecidas pelo poema, partimos para a análise do texto, tentando uma reconstituição coletiva da cena lida, focando na visão como sentido impresso pelas palavras. Sugerimos para que refletissem sobre o porquê do título, para que pensassem na possibilidade de se encontrar histórias interessantes em qualquer lugar, seja na estação de trem, na rua e até mesmo em notícias de jornais - e até construímos juntos uma notícia a respeito do texto. Mas foi bem interessante porque eles perceberam a visão do poeta, que quer ter outras perspectivas e enxergar o mundo de modo diferente do usual, algo que eles também querem e têm o desejo e curiosidade para isso, o que não deixa de ser uma descoberta”.

Facilitador e instituição

As coletas de dados demonstraram que há uma “escuta” e critérios que a equipe do Programa Praler vem desenvolvendo para selecionar facilitadores que correspondam ao perfil dos públicos e das diversas Instituições atendidas. É perceptível a coerência entre o perfil dos facilitadores e o perfil das instituições em que realizam o trabalho de mediação. Esse dado também é constatado nas informações quantitativas, em que as notas atribuídas aos facilitadores pelos participantes são altas, e os próprios facilitadores percebem esse alinhamento:



Apesar disso, é necessário destacar que os facilitadores demonstraram não ter um conhecimento mais profundo sobre o trabalho prévio feito nas Instituições em que atuam em relação à leitura. Da mesma forma, os gestores demonstraram não ter uma opinião clara a respeito da relação entre as escolhas metodológicas específicas feitas pelo facilitador/programa em relação às especificidades de sua instituição e do grupo ali atendido. Segundo depoimento de dois facilitadores:

“Não posso falar do trabalho da instituição em relação a leitura porque não percebi. fiquei com a impressão de que eles gostariam que as atividades e a nossa intervenção durasse muito mais, o que me levou a desconfiar de que isso não acontece normalmente, ou não é uma atividade que a instituição desenvolve”; “A impressão é de que não havia nenhuma atividade na instituição de incentivo a leitura...”

Se, por um lado, a ação de Sylvio Andrade no CIEJA CAMPO LIMPO consistia na preparação dos alunos para a escrita de um texto para o concurso literário da escola, o que foi, em si, uma resposta às necessidades da instituição - o que pode ser interessante, tendo em vista o caráter experimental do Praler (já tratado em anos anteriores nos relatórios de avaliação do IF) e sua “adaptabilidade” a diferentes contextos; por outro lado, não parece ter se estabelecido uma relação entre esta ação e a biblioteca da instituição; assim como entre os textos trabalhados pelo facilitador e o carrinho do Praler, que contém um acervo doado à instituição. Neste

caso específico, em relação à articulação entre facilitador e biblioteca da instituição, nos foi informado pela equipe do Praler que isso não ocorreu porque os participantes, em um grupo no qual há também a presença de muitos cadeirantes, não caberiam dentro da biblioteca.

Isso leva a pensar no que ocorre e se há diferenças de impacto no uso dos livros do carrinho após terminada a intervenção do Praler, quando o facilitador usa esses livros durante sua ação. Também é interessante notar o tipo de articulação que ocorre entre o facilitador e o acervo já existente na instituição - seja na biblioteca ou sala de leitura (assim como entre o facilitador e as pessoas da instituição responsáveis pela biblioteca ou sala de leitura). Esse tipo de articulação, que já vem sendo tema tratado em outros relatórios de avaliação (por exemplo, na ação do Praler no Arrastão, onde houve uma relação muito forte entre os facilitadores e a bibliotecária), é fundamental para que haja uma continuidade dos princípios do programa de forma autônoma dentro da instituição.

No caso específico do CIEJA, nos foi informado pela equipe do Praler que a professora que será a responsável pela sala de leitura acompanhou todas as oficinas e se responsabilizou por replicá-las nas outras turmas. Além disso, que a sala de leitura dessa instituição, sendo muito pequena e tendo um acervo organizado por voluntários, não estava adequada para a recepção do Programa neste momento. O tempo de duração da atividade, ainda de acordo com a equipe do Praler, infelizmente não permitiu com que essa questão fosse trabalhada.

Apesar de, neste caso específico do CIEJA, o facilitador - Silvio Andrade - já conhecer e ter sugerido a instituição, para próximas ações do Programa talvez possam ser pensadas formas de que hajam conversas prévias entre o facilitador, a equipe do Praler e a instituição em relação ao contexto existente e as propostas que serão desenvolvidas - o que poderia, inclusive, gerar um planejamento compartilhado por parte das três instâncias que beneficiasse a autonomia do trabalho depois de terminada cada edição do programa.

Segundo a equipe do Praler, facilitadores e instituições raramente se conhecem antes das intervenções, exceto em casos de retorno. Reuniões prévias são realizadas pela equipe da SP Leituras que passa o *briefing* para os facilitadores. Portanto, caso fossem convocados para tais reuniões, os facilitadores teriam de ser remunerados para tal, o que a equipe do Praler relatou considerar interessante para garantir maior aproximação prévia entre as duas instâncias. A garantia de recursos e tempo destinados para este tipo de ação (tempo também da equipe do Praler) poderia ser pensada institucionalmente, pela SP Leituras, portanto, em conjunto com a equipe do programa, se isso for de interesse.

Apesar do desafio de que a relação do facilitador com a instituição seja mais efetiva, as observações feitas pela equipe do IF da ação da facilitadora Beth Ziani na formação de multiplicadores da APOIO, assim como de Sylvio Andrade no CIEJA CAMPO LIMPO, deixaram evidente a boa preparação dos profissionais para trabalhar com os contextos e públicos específicos com os quais atuaram.

Na intervenção observada pelo Instituto Fonte, Beth (que fez a formação em mediação de leitura de funcionários de diversas unidades da APOIO que trabalham com jovens e crianças de abrigos) levou para a discussão, dentre outras questões, a importância de perceber de onde vêm as histórias dos livros. Apresentou, para isso, o livro que escreveu com as afilhadas, que viveram desde pequenas em situação de rua e em diversos abrigos de São Paulo. A relação entre histórias de vida, identificação

com as histórias, ser leitor e produtor de histórias, ficou bastante clara. A facilitadora também demonstrou a preocupação de colocar os participantes em contato direto com o texto e a leitura através de estratégias e modos diversos: leitura compartilhada, leitura solitária, escuta, transformação de texto em filme, etc. Também foi interessante perceber que a facilitadora criou situações para que os participantes pudessem ter a experiência de meta-cognição, ou seja, de transpor os aprendizados ali adquiridos para as situações que teriam que enfrentar com os jovens e crianças nas mediações.

Apesar de haver uma representante do grupo de formação dos profissionais da instituição, que parecia ter uma função mais de produção, e como a ação ocorreu em um espaço administrativo, foi perceptível uma certa “ausência” institucional no momento da formação. Como dito, a facilitadora, que demonstrou conhecer bem o contexto do público - crianças em situação de risco - parecia não conhecer o contexto institucional específico no que diz respeito à relação da instituição com a leitura. Isso pode ter ocorrido porque cada unidade participante tem a sua particularidade - tanto de público-alvo, como de perfil de funcionários - e porque, como já dito, no modelo atual do Praler, os facilitadores não tem garantidas horas de trabalho remuneradas para visitas e reuniões prévias nas instituições prévias onde irão atuar.

Neste sentido, fica a pergunta de como incentivar a continuidade das ações de leitura depois de terminada a ação do Praler. No caso da APOIO, especificamente, foi relatado pela equipe do Praler, que diversos acordos feitos com a instituição não foram cumpridos por ele, o que ainda dificultou essa possível continuidade, já que estiveram presentes muito menos multiplicadores do que o previsto, assim como o processo teve menos apoio institucional do que o que havia sido previamente conversado.

Apesar de todos esses desafios, a oportunidade de pensar estratégias e conteúdos para a formação de mediadores e multiplicadores, é algo central para que o Praler possa assumir a vocação de um programa que tenha impacto institucional.

Em relação à ação promovida por Silvio Andrade no CIEJA CAMPO LIMPO, também foi perceptível a intimidade do facilitador com o público - alfabetização de adultos - e, portanto, a adequação entre facilitador e contexto específico. As estratégias utilizadas estavam adequadas tanto ao objetivo do programa, quanto ao objetivo específico da ação, que era familiarizar os participantes com alguns estilos literários e, assim, colaborar para que criassem textos para um concurso literário. Para tanto, o facilitador realizou leitura compartilhada e interpretação de texto com o grupo, o que fez com que todos entrassem em contato direto com a leitura. Além disso, o texto utilizado no momento da observação, “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, tinha tudo a ver com a realidade do grupo.

A partir dessas observações de atividades do Praler, algumas perguntas se evidenciaram para a equipe de avaliação: Qual o ganho para a instituição, ou a especificidade, de uma preparação/mediação com um facilitador do Praler (e não com um professor da escola, no caso do CIEJA, por exemplo)? Essa poderia ser feita este ano pela equipe de avaliação para os gestores e educadores do CIEJA, por exemplo, tendo em vista que a demanda que levaram para a equipe do Praler foi justamente de como mediar a leitura.

As estratégias de escrita, muitas vezes utilizadas pelos facilitadores do Praler, colaboram em que sentidos para a ampliação do universo leitor do participantes?

Essas são questões que a equipe de avaliação gostaria de aprofundar com a equipe que realiza o projeto.

3.2. Impacto do Praler nas instituições

Um dos principais resultados buscados pelo Praler e que tem pautado diversas reflexões com a equipe é o legado deixado nas instituições em diversos âmbitos, desde uma melhora na infraestrutura relacionada com as condições de leitura, até a formação de possíveis multiplicadores. Os dados provenientes da análise dos questionários aplicados com 13 representantes de quatro instituições nas quais se realizou o Praler sugerem caminhos nesse sentido.



O principal resultado na instituição indicado foi a melhoria na biblioteca ou sala de leitura, o que pode ser compreendido como um resultado direto relacionado com a doação de livros.

No CIEJA, a diretora afirmou que foram criados, a partir do Praler, novas ações de incentivo à leitura, como Saraus. No entanto, de acordo com as observações e a escuta de depoimentos, parece haver a necessidade específica de incentivo claro de uso dos livros do carrinho; de modo contrário, os livros parecem ficar subutilizados, como, por exemplo, no Albergue Esperança, instituição visitada em 2013 onde o carrinho com os livros estava fechado após o término das intervenções; ou ainda na escola CIEJA, visitada em 2014 pela equipe de avaliação, onde os livros do carrinho não estavam sendo lidos pelo facilitador durante a sua intervenção. Este mesmo facilitador disse que, ao longo do processo, “...poucos livros foram retirados do carrinho.”

De acordo com a equipe do Praler, isso pode se dar devido a algumas questões, como o fato do carrinho não ser doado à instituição e, deste modo, as ações não serem vinculadas diretamente a ele. Além disso, ainda de acordo com a equipe, o prazo de entrega dos livros pelos fornecedores muitas vezes extrapola o período das intervenções.

Portanto, o acervo, aparentemente, também é um dispositivo para o qual há a necessidade de formação para o uso adequado. É interessante observar que

estratégias específicas às realidades institucionais diversas potencializam o uso dos livros do carrinho para que circulem mais tanto durante as intervenções do Praler, quanto após seu término.

Os aprendizados sobre mediação e a criação de novas ações de leitura também são fortemente indicados pelas instituições. Porém, a formação de multiplicadores é o resultado menos apontado pelas instituições. Esse dado sugere que, apesar do Praler possivelmente estimular novas questões e aspirações com relação a ações de promoção da leitura, ainda não se faz claro enquanto um conjunto específico de princípios, de forma a deixar multiplicadores. Segundo a equipe do Praler, isso pode ocorrer porque a continuidade de multiplicadores dentro da instituição depende dos profissionais das unidades que participam - e, em geral, as equipes nos locais que recebem o Praler são bastante rotativas.

Após a ação do Praler realizada na Casa de Acolhida Jaçanã, no primeiro semestre de 2014, houve, segundo a avaliação do gestor, o desenvolvimento de um zelo pelo acervo, um alto número de empréstimos e de participantes, o envolvimento dos funcionários e a interação do Praler com outras atividades da instituição - como de alfabetização, por exemplo.

Em relação ao Albergue Esperança, é possível perceber, através de depoimentos presentes nos relatórios trimestrais, como, mesmo com a descontinuidade entre as duas edições do Programa, o trabalho desenvolvido em 2012 continuou sendo uma referência importante para a equipe da instituição receptora. Ao voltar para uma instituição, a equipe do Praler tem a oportunidade de ver o que foi incorporado do trabalho e o que não foi, o que pode colaborar para o planejamento estratégico do próprio programa.

Ainda a partir dos questionários respondidos pelas instituições que receberam o Praler, vemos o grande significado do aprendizado institucional relacionado com um processo de conscientização, já destacado em relatórios anteriores de avaliação, de que há um saber-fazer específico envolvido em processos de mediação de leitura. A nota de 2,92, relacionada a esse aspecto, além de depoimentos como: *“Entendi a importância de que haja uma metodologia para incentivar a leitura”*, demonstram isso. O Praler, neste sentido, continua tendo a importante missão de levar este tipo de percepção para dentro de instituições que muitas vezes entendem a mediação de leitura a partir de uma visão espontaneísta ou amadora. Como evidenciado acima, esse tipo de percepção deve ter um acompanhamento para que se enraíze efetivamente enquanto um impacto institucional.

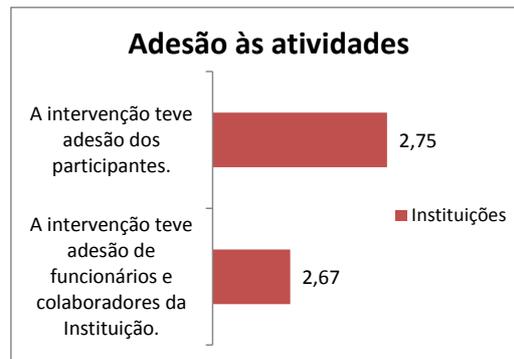
Diversos depoimentos deste tipo tornam possível afirmar que um dos maiores impactos institucionais atingidos pelo Praler, tem a ver com uma sensibilização da equipe da instituição receptora, que passa a entender a leitura como uma ação que deve ser pensada, planejada e executada por profissionais e que adquire uma consciência de que existem estratégias e metodologias específicas para que o incentivo à leitura leve a resultados efetivos. Não necessariamente, porém, se dá o passo da formação de multiplicadores (como já mencionado). Um ponto interessante apontado pela equipe do Praler em relação a isso, é de que as estratégias de aprofundamento do vínculo entre mediador e instituição poderiam ser pensadas como um passo seguinte a esta sensibilização já que, assim, poderiam fazer mais sentido para a instituição. Isso pode ser pensado, em geral, para as estratégias que possam ser pensadas de impacto institucional.

É também perceptível um interesse gerado a partir das ações do Praler de incluir a leitura como uma atividade na instituição (mesmo que isso não signifique o conhecimento específico para tal): *“Percebi a importância de incluir no currículo atividades diferentes de leitura”* ou *“Entendi que vale a pena trabalhar a importância da leitura.”*

Além disso (como foi possível perceber também em anos anteriores), as equipes das instituições se surpreendem com o seu próprio público ao perceber que ele é mais apto a adquirir o hábito da leitura do que se imaginava, que gosta mais de ler do que supunham. Ou melhor, as equipes descobrem, a partir disso, que vale a pena investir na leitura. Isso fica claro no depoimento do funcionário de uma das instituições: *“Fica para os funcionários a lição de que não se pode subestimar a capacidade de compreensão e de atenção dos idosos que, por mais que estejam com comprometimento cognitivo têm a emoção completamente preservada”*.

De acordo com a equipe do Praler, vencer este tipo de preconceito é um dos desafios a serem enfrentados, já que é pautada pela própria instituição receptora (que muitas vezes tem essa visão). Por isso, ainda segundo a equipe, só depois de alguns encontros sabem até onde podem de fato ir. Estes aspectos demonstram que o impacto institucional esperado demanda um tempo de criação de confiança entre a equipe do Praler e o facilitador com a instituição receptora do Programa - este, portanto, para ser um primeiro passo fundamental.

Se evidencia na fala de um dos facilitadores o desejo por interferir de modo mais efetivo na instituição, mas a falta de meios para isso. Aparece nesta fala a importância de que um representante da instituição estivesse presente nas atividades (o que nem sempre acontece). Os dados quantitativos sobre adesão também mostram uma diferença entre a adesão dos participantes e de representantes institucionais:



E um depoimento confirma: *“A reação dos participantes foi muito boa, entraram na atividade, prestaram atenção nas histórias que estavam sendo contadas, viveram um tempo mágico durante a nossa convivência. Por outro lado, a participação dos membros da Instituição foi pequena, apenas duas funcionárias que estavam ali para emergências - levá-los ao banheiro, acalmá-los etc.”*

Apesar de ser um resultado pouco apontado pelas instituições, um dos facilitadores menciona a formação de multiplicadores como um possível legado do Praler na instituição em que trabalhou:

“Em relação aos professores do CIEJA, desejavam tornar-se multiplicadores do Praler dentro da escola, compreendendo as estratégias do trabalho. Participaram

até fazendo comentários, como os demais alunos, mostrando-se entusiasmados com o Praler. Os docentes são articulados com outros projetos comunitários, e demonstraram saber dialogar com propostas culturais e educativas, em áreas de muita carência e necessidade de inclusão e recursos. Alguns deles têm atuação em projetos desse cunho e afirmaram pessoalmente suas impressões sobre o Praler, elogiando e dando contribuições significativas durante os encontros. Nosso trabalho ajudou a incentivar os educadores a serem multiplicadores do Praler na instituição”.

Neste caso, por exemplo, seria interessante voltarmos (ao menos a equipe de avaliação) ao CIEJA em 2015 para entender se a formação de multiplicadores atuantes de fato ocorreu e, se não, o que precisaria para tal - já que, pelo que afirma o facilitador, os educadores estavam bastante abertos e animados para tal.

É possível afirmar, portanto, que um dos principais desafios do Praler neste momento é levar a cabo as interessantes, porém complexas parcerias que estão sendo construídas através do trabalho de articulação.

Em relação à parceria com a APOIO, especificamente, há ainda um desafio complementar, na medida em que o foco prioritário, neste caso, esteve na formação de mediadores/multiplicadores e, além disso, o que foi acordado com a instituição não foi cumprido por ela. É necessário, portanto, uma atenção em relação às metodologias utilizadas e impactos gerados por essa ação nas instituições finais que serão atingidas pelos mediadores formados na APOIO. Coletar esse tipo de dado qualitativo é algo que pode ser feito este ano pela equipe de avaliação.

Aqui, algumas perguntas se fazem presentes: Que tipo de conversa metodológica poderia haver entre o facilitador, a equipe do Praler e a equipe da Instituição receptora para que os caminhos de formação de leitores e de incentivo à leitura naquele contexto fiquem claros e sejam compartilhados por todos? Que estratégias poderiam ser criadas pelo facilitador/equipe do Praler para que gestores e educadores das instituições dêem continuidade ao trabalho de forma mais efetiva? Como as instituições poderiam entender e se apropriar mais e melhor do sentido do Programa?

Essas perguntas sugerem, do nosso ponto de vista, a necessidade de clarear, cada vez mais, a política do Programa em relação à sua continuidade nas Instituições beneficiadas.

3.3. Impacto da ação sobre os hábitos leitores do público, sobre a sua escrita e outras aprendizagens

Os dados quantitativos mostram que o resultado mais consistente nesse quesito, apontado pelos próprios participantes das ações, foi o aumento na vontade de ler, após ter passado pela ação do Praler (nota 2,81 - entre 1 e 3). Segundo os dados das instituições, houve um aumento no número de empréstimos de livros, que possivelmente também está relacionado com o acervo doado.



Finalmente, o aumento do interesse pelo estudo e assuntos culturais - ambos relacionados indiretamente com aquisição de hábitos leitores, foi um resultado apontado com nota mais alta pelos próprios participantes do que pelas instituições.

Funcionários das instituições que responderam aos questionários, constataram que houve, a partir do Praler, o aumento da “*prática de se reunir para dividir experiências de leitura*” e “*das conversas sobre os livros que estão lendo, e das indicações sobre os livros já lidos*”. É muito interessante essa compreensão de que compartilhar as experiências de leitura é, antes de tudo, uma prática. Isso porque, como prática, ela pode ser incentivada e transformada em ensino-aprendizagem por parte dos educadores das instituições.

Todos os facilitadores relatam que os alunos, ao exercitarem falar sobre os textos que estão lendo e contar as suas histórias de vida, aos poucos sentem confiança para ler, para ler em voz alta e também para escrever.

“As rodas de improviso permitiram a quebra do gelo e melhor aproximação da turma, despertando o entusiasmo deles. Incentivamo-los à leitura em voz alta, que ocorreu de modo tímido no primeiro encontro, mas que acabou com uma leitura fluida, descontraída e voluntária, cheia de confiança e entusiasmo da parte deles”.

Um dos facilitadores comenta algo interessante, apesar do sucesso do projeto junto aos alunos: *“Faltou lidar com um aspecto fundamental do Praler, que seria dar espaço para os alunos falarem como leitores, apresentando seus gostos e preferências, além de livros que estavam lendo no momento”.*

Esse tipo de sentido mais concreto do contato com os livros, através da biblioteca da própria instituição, do uso do carrinho, da indicação de livros específicos para cada aluno para que possam comentar com os outros, é algo que parece que pode ser mais explorado nos processos pedagógicos do Praler no futuro. Isso está explicitado na fala de outro facilitador: *“Interessante, também, seriam atividades utilizando mais o*

acervo doado, para que pudessem de fato ter um contato direto com as obras, de modo a socializá-las”.

A realidade deste tipo de conquista, de hábitos leitores, que tem um tempo lento para que ocorra, é explicitada também por um facilitador e faz pensar na necessidade de que haja intervenções que continuem na mesma instituição ao longo de um tempo, de modo a possibilitar que a aquisição de hábitos leitores esteja mais solidificada:

“Apesar do acervo não ter despertado diretamente o interesse desse público, aos poucos, pudemos notar que os participantes estavam começando a conversar sobre algumas obras do acervo, como algumas histórias em quadrinhos”.

Há, portanto, vários indícios de sensibilização dos participantes em relação ao seu desejo de ler, estudar, conversar sobre livros, entre outros. Apesar disso, os dados relacionados com o aumento de idas a bibliotecas (da instituição ou não) para empréstimo de livros de forma autônoma, mostram impactos mais limitados.

3.4. Síntese das reflexões do Praler

- Parece tornar-se cada vez mais clara a urgência de colocar a questão do impacto institucional (relativo à criação de um ambiente leitor e formação de mediadores), como um objetivo central do programa.

- A preparação do facilitador, a orientação do seu olhar para a instituição na qual irá atuar é de fundamental importância, considerando que ele é, efetivamente, a “cara do Praler” nas instituições. Isso pode sugerir a necessidade de que haja mais conversas prévias entre o facilitador, a equipe do Praler e a Instituição em relação ao contexto existente e às propostas que serão desenvolvidas.

- Apesar da atenção ao impacto institucional do programa precisar ser trabalhada, é possível afirmar que um dos maiores impactos institucionais atingidos pelo Praler tem a ver com uma sensibilização da equipe da instituição receptora, que passa a entender a leitura como uma ação que deve ser pensada, planejada e executada por profissionais e que adquire uma consciência de que existem estratégias e metodologias específicas para que o incentivo à leitura leve a resultados efetivos. Também se surpreende com a capacidade e interesse do seu próprio público em relação a esse universo.

- Em relação à grande diversidade de estratégias e linguagens utilizadas pelos diferentes facilitadores do programa, é possível apontar alguns desafios, que devem ser enfrentados pela equipe do Praler, tendo em vista o aprimoramento do projeto. Por exemplo, cabe observar em que medida esta multiplicidade contribui para o aprimoramento da relação com o universo da leitura especificamente e até que ponto é possível traçar, considerando este caráter múltiplo, aspectos que dêem unicidade ao programa.

- No Praler, é necessária especial atenção para que as ações retornem enquanto aprendizado para a equipe - levando em consideração que as atividades são conduzidas por facilitadores terceirizados e em instituições parceiras. Aqui, cabe o questionamento de como, além dos questionários e relatórios gerados no processo avaliativo, é possível ocorrer um trabalho de sistematização com enfoque pedagógico - a quem competiria tal tarefa, é algo que deve ser pensado pela equipe. Cabe

também refletir sobre a importância de que uma pessoa da equipe que possa ter a função educadora acompanhe todas as ações, traçando os “fios comuns” que vão dando ao Praler um caráter efetivamente de “programa”.

- A conquista de hábitos leitores tem um tempo lento para que ocorra e faz pensar na necessidade de que haja intervenções que continuem na mesma instituição ao longo de um período mais extenso de tempo, de modo que a aquisição de hábitos leitores possa estar mais solidificada.

IV. SisEB

1. O desenvolvimento do processo avaliativo em 2014

O processo avaliativo do SisEB enfocou a qualificação dos instrumentos já utilizados, como o questionário de avaliação de impacto das capacitações; a construção de novos instrumentos e processos avaliativos para ações que antes não existiam, como para o Curso EAD e o Grupo de Difusão; assim como para ações que o IF não acompanhava, como o Seminário Biblioteca Viva. A equipe foi bastante ativa na construção de demandas para a equipe do IF e no aproveitamento desse apoio para suas ações. O acompanhamento das muitas atividades¹ (capacitações, Seminário BV, Grupo de Difusão, Curso EAD, publicações, portal Aprender Sempre) pelo Instituto Fonte, porém, não tem conseguido produzir uma visão integrada de todas as ações. Há, do nosso ponto de vista, um desafio na construção de uma visão integrada e estratégica de todas as ações coordenadas pelo SisEB e de um aprofundamento da compreensão de como se articulam e se complementam. Importante notar que isso não significa que a equipe não possua essa visão, mas que ela ainda não foi objeto de diálogo com a equipe de avaliação do IF.

Quando as conversas sobre avaliação tiveram início em 2014, boa parte das capacitações já tinha acontecido, o que impediu mexer no instrumento de avaliação de reação das mesmas (o questionário aplicado logo após as capacitações). Porém, houve a oportunidade de construção de novas formas de tabulação e análise dessas informações. Observando esses dados, chamou atenção as taxas de não comparecimento após as inscrições, especialmente em grandes municípios, como São Paulo. Nesse sentido, a equipe se pergunta que tipo de procedimento poderia adotar no sentido de criar um histórico de não comparecimento ou de diferentes estratégias que aumentassem o compromisso dos participantes entre a inscrição e o efetivo comparecimento às capacitações. De fato, a equipe já pensou e sugeriu ações que ainda estão em análise pela coordenação da UBL/SEC e diretoria executiva da SP Leituras.

Há também, na equipe, questões relacionadas aos temas das capacitações. Está claro que os temas mais inovadores têm seu lugar no Seminário Biblioteca Viva e que as capacitações têm zelado por temas que devem estar presentes sempre e que mostram ser necessários, até mesmo do ponto de vista dos participantes, como mediação de leitura, concepção de Biblioteca Viva, acessibilidade e programação cultural em bibliotecas. Desde essa visão, a equipe acredita que as próprias capacitações devem ser origem de sugestões de temas para o Seminário.

No questionário de impacto aplicado à distância, algumas novas perguntas foram adicionadas para buscar informações para dar subsídio a reflexões junto com a UBL, por exemplo, de acesso ao edital de modernização das bibliotecas.

Por todo o exposto, a matriz de perguntas e critérios de avaliação do SisEB não teve alterações com relação ao seu conteúdo, mas sim com relação às fontes de informação, que aumentaram consideravelmente.

As perguntas e critérios utilizados foram os seguintes:

¹ O acompanhamento foi feito a distância, por meio de questionário online e reuniões com a equipe de projetos e programas da SPL. O IF não esteve presente fisicamente capacitações presenciais, reuniões do grupo de difusão ou 7º Seminário Biblioteca Viva.

- 1) *As estratégias do SisEB estão adequadas para cumprir seu objetivo central?*
 - *Número de participantes nas ações*
 - *Relevância dos temas*
 - *Qualidade dos formadores/ mediadores/ profissionais*
 - *Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/ público local)*
 - *Metodologias e estratégias de formação utilizadas*
 - *Pertinência e qualidade do acervo doado*
 - *Carga horária*
 - *Acesso ao Banco de dados*
 - *Atualização de informações no BD*

- 2) *Qual foi o impacto na formação dos profissionais das bibliotecas/ atingidos pelas ações?*
 - *Concepção da equipe a respeito da biblioteca (Biblioteca Viva)*
 - *Qualidade do atendimento*
 - *Criação de novas atividades*
 - *Busca autônoma de informações relevantes*
 - *Busca de mais formação*

- 3) *Qual o impacto das ações no uso da Biblioteca? Há impactos?*
 - *Freqüência de público (na Biblioteca e na programação)*
 - *Satisfação do público com o atendimento*
 - *Uso do Acervo (consulta e empréstimo)*
 - *Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)*

- 4) *Qual o impacto na dinamização da Biblioteca?*
 - *Relação com instituições do entorno (escolas, equipamentos públicos)*
 - *Apoio da Prefeitura (atualização acervo, disponibilização recursos, etc)*
 - *Atividades culturais na biblioteca (quantidade e qualidade)*
 - *Divulgação da Biblioteca*
 - *Reverberações nas instituições participantes do evento (escolas, por exemplo)*

- 5) *O SisEB tem possibilitado o reconhecimento do Sistema?*
 - *Contato entre bibliotecas*
 - *Troca de informações entre bibliotecas*
 - *Acesso a serviços oferecidos pelo SisEB*
 - *Identificação com o Sistema*

2. A coleta de informações em 2014

Para dar conta das informações necessárias para responder a essas perguntas, optou-se pelas seguintes estratégias e fontes de informação:

Fonte	Estratégia	N
Leitura dos relatórios trimestrais		3
Participantes das formações	Questionário à distância	146
Grupo de Difusão	Questionário e discussão em grupo	9

Em 2014 não fizemos entrevistas ou aplicamos um questionário com as bibliotecas que receberam as capacitações, como em 2013.

3. Achados

A aplicação do questionário de impacto com pessoas que participaram das capacitações gerou um número de 146 respostas válidas - em oposição às 537 respostas em 2013. Essa queda pode ter algumas explicações - desde o esgotamento dos respondentes, que receberam em 2014 o terceiro convite para responderem à pesquisa, até o fato de que em 2014 foi utilizado um mailing mais específico, direcionado apenas aos profissionais de bibliotecas que participaram de capacitações em 2014. De qualquer modo, acreditamos que para lidar com a primeira hipótese, é fundamental que criemos a rotina de publicação e divulgação dos resultados dessas análises, para que os respondentes se sintam estimulados a responderem futuramente. A operacionalização desse relatório será objeto de conversa com a equipe.

Também é importante ressaltar, que o trabalho com o mailing qualificou a informação, trazendo as respostas do profissional de bibliotecas, que é realmente foco do SisEB, como será discutido logo a seguir.

Dos respondentes, 83% era do sexo feminino e 17% do sexo masculino. Em relação à faixa etária, vemos uma distribuição semelhante à de 2013, porém com uma tendência a uma concentração um pouco maior numa faixa etária mais alta, assim como de uma escolaridade concentrada no ensino superior:

Faixa etária dos respondentes	2013	2014
Até 20		3%
de 21 a 30	18%	17%
de 31 a 40	28%	26%
de 41 a 50	30%	23%
de 51 a 60	19%	27%
mais de 60	5%	4%

Escolaridade dos respondentes	2013	2014
Ensino Fundamental	0,0%	1%
Ensino Médio	4,1%	6%
Curso técnico	5,4%	6%
Superior	51,6%	62%
Pós-graduação	32,0%	24%
Mestrado/ Doutorado	6,9%	1%

Este ano alcançamos menos estudantes e mais profissionais de bibliotecas. Dentre os respondentes de 2014, 81% trabalham em Biblioteca; enquanto que em 2013, 72% trabalhavam. O objetivo da aplicação deste questionário é acessar o impacto das formações na qualificações dos profissionais das bibliotecas do estado; portanto, a qualificação do mailing, apesar de poder ter contribuído para a redução no número de respostas, certamente contribuiu para a qualificação da informação. O número de 146 respostas representa 22% dos 670 convites disparados - o que configura uma amostra baixa. Para os próximos anos, o IF tem interesse de tomar providências mais cuidadosas para garantir uma representatividade da amostra e para isso estará em diálogo para que os meios do SisEB possam apoiar a divulgação da pesquisa.

Os dados, porém, mostram que representantes das Bibliotecas de 13 das 16 regiões administrativas do estado de São Paulo responderam ao questionário, apesar da concentração na região de São Paulo:

Região da Biblioteca	N	%
Araçatuba	6	5%
Barretos	0	0%
Bauru	5	4%
Campinas	11	8%
Central	3	2%
Franca	1	1%
Itapeva	0	0%
Marília	7	5%
Presidente Prudente	5	4%
Registro	0	0%
Ribeirão Preto	3	2%
Santos	4	3%
São José do Rio Preto	4	3%
São José dos Campos	6	5%
São Paulo	70	53%
Sorocaba	8	6%
Total de respostas	133	100%

Entre os 81% dos respondentes que trabalham em bibliotecas, a grande maioria é pública, mas também tivemos respondentes que trabalham em outros tipos de bibliotecas, como universitária, pública temática, comunitária, escolar, entre outros.

Tipo de Biblioteca	N	%
Nacional	0	0%
Universitária / Acadêmica	2	2%
Pública	103	77%
Pública Temática	5	4%
Comunitária ou Popular	4	3%
Escolar	10	8%
Especializada	4	3%
Biblioteca / Centro de Referência	2	2%

Das pessoas que responderam o questionário, 49% disse que sua biblioteca participou do Edital de Modernização, 21% disse não saber e 30% disse que não. Entre esses, a maior parte (11) disse ter alguma dificuldade para apresentar projetos, desde questões de organização, até “indisponibilidade dos superiores”. Outras disseram que não tomaram conhecimento (6) e outras (6) manifestam não cumprirem os critérios ou não saberem se cumprem.

Entre os participantes, a maioria participou da capacitação sobre Acessibilidade, inclusão e atendimento de pessoas com deficiência, além da de pequenos reparos em material bibliográfico e ação cultural em bibliotecas.

Capacitação	n	%
Acessibilidade, inclusão e atendimento de pessoas com deficiência em bibliotecas	44	31%

Capacitação	n	%
Pequenos reparos em material bibliográfico	39	28%
Ação Cultural em Bibliotecas	36	26%
Administração do tempo	32	23%
Fortalecimento de equipe	27	19%
Liderança e poder	27	19%
Contação de histórias: o barbante e a rima	26	18%
Relacionamento interpessoal	26	18%
Bibliotecas mudam vidas	25	18%
Mediação de leitura: ler entre linhas...	25	18%
Serviços de informação ao cliente: do atendimento presencial ao virtual	18	13%
Coaching na atuação do profissional da informação	15	11%
Mediação de leitura: literatura e outras linguagens para dialogar com o leitor	12	9%
Associações de Amigos da Biblioteca, experiências e práticas	8	6%
Motivação: a jornada do herói moderno	7	5%
Eu Conto! Um jogo para contar histórias	5	4%

Os participantes estiveram em média em 2,5 capacitações, havendo a variação de uma até 9 capacitações.

3.1. Adequação das estratégias do SisEB

Como mencionado na introdução, o SisEB se compõem de múltiplas estratégias de intervenção, como as capacitações, Seminário BV, Grupo de Difusão, Curso EAD, publicações, portal Aprender Sempre e a doação de acervo. Nesta seção, trazemos alguns dados sobre a adequação de cada uma delas em relação às suas estratégias metodológicas.

Em 2014 também inaugurou-se uma nova estratégia para disseminação e planejamento do SisEB, que chamou-se Grupo de Difusão. Esse grupo se reuniu mensalmente, com uma facilitação especializada e coordenação conjunta entre SP Leituras e UBL. O intuito desse grupo, do ponto de vista da coordenação, era criar um grupo que pensasse estrategicamente o planejamento do SisEB, assim como levantasse estratégias para sua difusão. Os representantes foram selecionados a partir de uma chamada pública e também teriam a responsabilidade de buscar articular redes locais de bibliotecas para fazer chegar a elas as informações e reflexões originadas no Grupo.

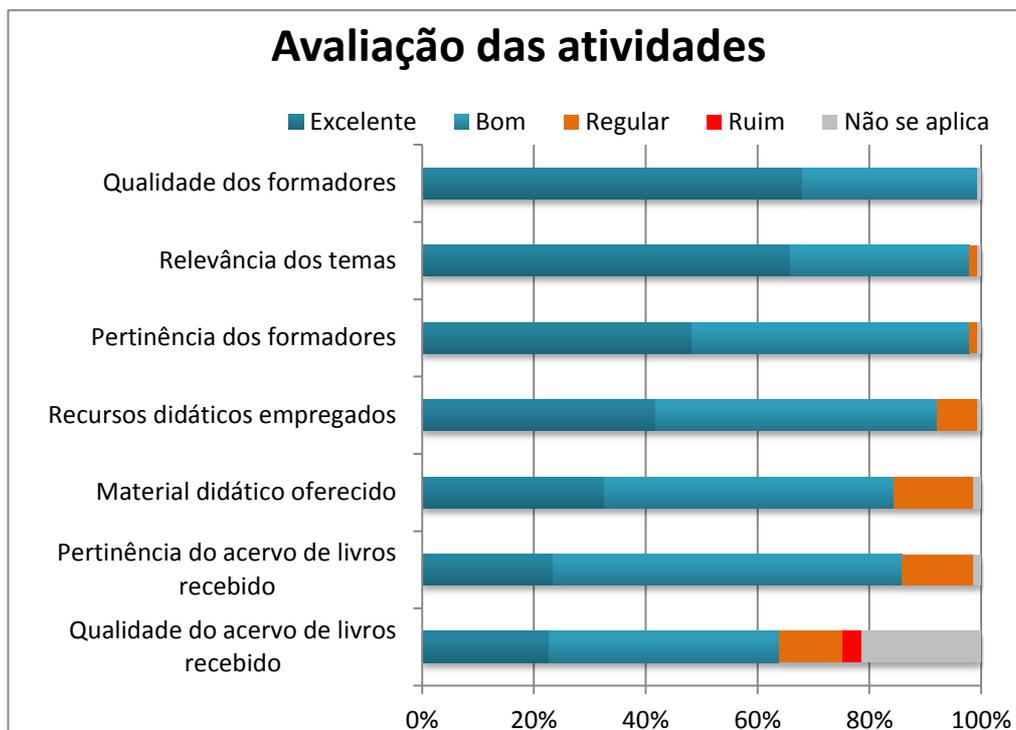
Muitas questões emergiram durante a implementação dessa estratégia, e a principal delas foi a percepção, por parte da coordenação, de que o grupo não estaria dando conta da reflexão estratégica necessária para pensar o planejamento do SisEB. Em reunião no final do ano, decidiu-se descontinuar o Grupo e investir numa outra estratégia, na qual a própria UBL percorrerá as regiões do estado, prestando assessoria técnica às bibliotecas e promovendo encontros que possam oportunizar troca entre bibliotecas da mesma região.

Olhando as respostas aos questionários, vemos que os membros acreditavam que o objetivo do Grupo era difundir o SisEB. Apenas alguns mencionam o objetivo de criar metas, ou outros elementos que se relacionam ao planejamento. Vemos que essa ideia do grupo fazer um planejamento estratégico talvez não tenha ficado clara para os membros do grupo, seja porque o grupo não tenha alcançado esse nível de maturidade, seja por alguma questão no desenho mesmo da estratégia - afinal que

lugar esse grupo ocupava de fato na gestão do SisEB? Não seria precipitado imaginar que ele se fizesse o planejamento do SisEB? O que precisa um grupo para se colocar efetivamente no papel de gestor estratégico do SisEB? Segundo a equipe, essas questões já foram constatadas e estão sendo trabalhadas por ela.

A facilitação e a coordenação foram percebidas positivamente pelos membros do grupo. Alguns participantes mencionam que nas primeiras reuniões a direção estava mais confusa, mas que depois ficou mais clara. E a direção mencionada é, justamente, para a difusão e articulação - o que reforça a tese da inadequação das expectativas com relação ao grupo. Porém, quando questionados sobre a qualidade da participação deles próprios, os relatos se referem a uma avaliação positiva, baseada no critério de “cumprimento das tarefas”. Ou seja, os membros do grupo relatam que sua participação foi positiva, pois “cumpriram o que foi combinado”. Embora esse seja realmente um critério de qualidade da participação, há uma percepção limitada sobre o que poderia ser a participação no grupo do ponto de vista estratégico. Eles poderiam, por exemplo, falar de sua participação em termos da sua capacidade de trazer leituras estratégicas sobre a realidade das bibliotecas públicas no estado de São Paulo, entre outros. Esse olhar mais superficial, portanto, reforça a tese da imaturidade do grupo para a função que lhe foi atribuída. Outro dado que reforça essa tese é a dificuldade dos membros do grupo em trazer nos questionários elementos que poderiam ter sido melhores na condução do grupo.

Com relação às capacitações, os dados mostram uma tendência similar aos anos anteriores: uma forte aprovação de modo geral, especialmente dos formadores e relevância dos temas tratados. Os quesitos menos bem avaliados permanecem os mesmos: o acervo de livros e o material didático oferecido, em menor grau.



Esses dados, do nosso ponto de vista, evidenciam que o SisEB tem demonstrado competência na gestão das capacitações, desde a seleção de temas até a seleção dos profissionais que as conduzem. Fica a questão sobre os desafios e os espaços para inovação. Aparentemente tais desafios estão em outros aspectos das capacitações (que não os temas e os formadores): por exemplo, com relação ao comprometimento

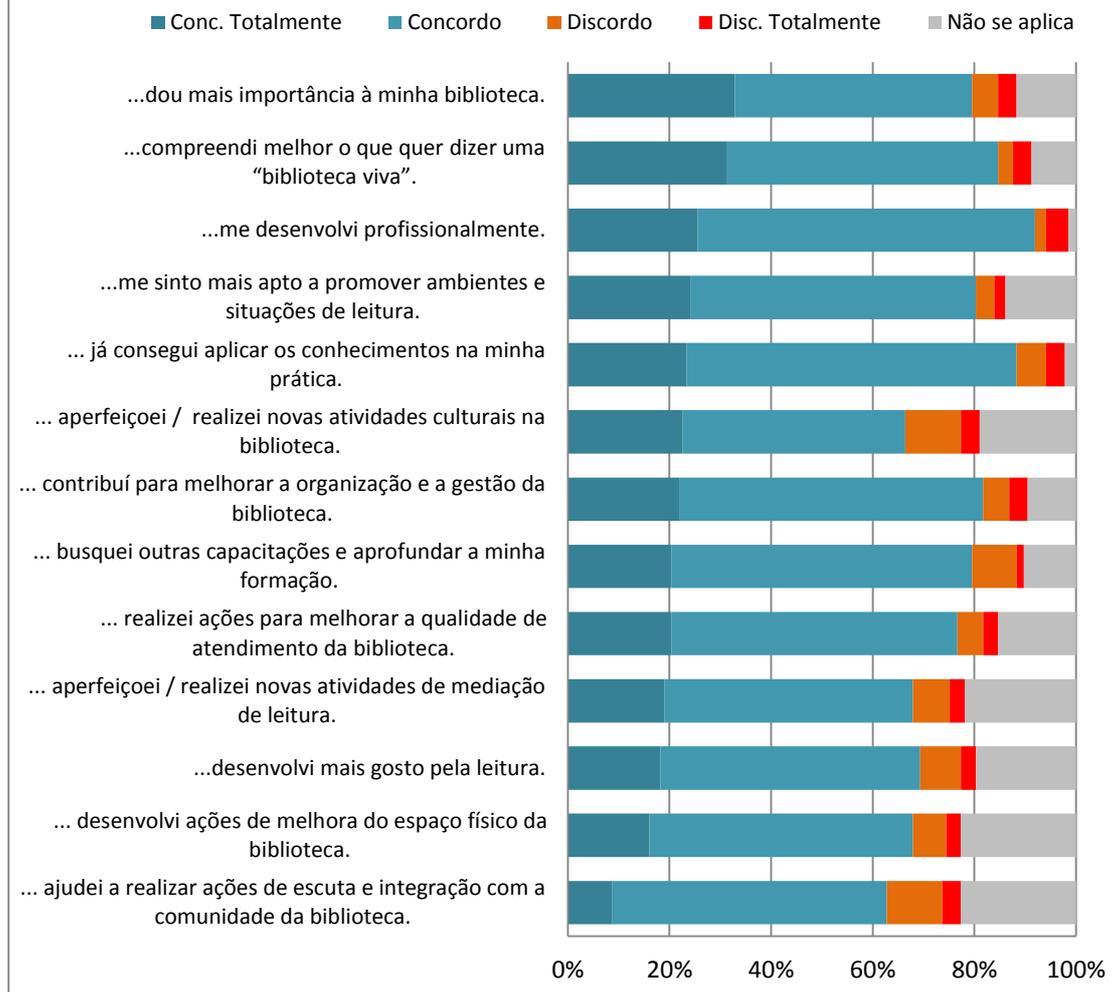
das pessoas que se inscrevem e não comparecem e até que ponto efetivamente as capacitações têm conseguido transformar a prática dos profissionais das bibliotecas (questão que será melhor discutida no próximo item). Por outro lado, há de se questionar até que ponto podemos esperar que as capacitações em si tenham esse alcance, já que são rápidas, juntam muita gente (e garantem, portanto, escala) e usam de metodologias bastante expositivas e tradicionais - que favorecem a “aquisição de conhecimento”, mas nem tanto “a mudança do fazer”. *Se essa última for um desejo do SisEB, há de se pensar outro tipo de formação?*

3.2. O impacto na formação dos profissionais das bibliotecas e possíveis consequências nas bibliotecas

Os dados mostram também uma tendência semelhante a 2013 em relação às aprendizagens adquiridas pelos participantes. A principal aprendizagem manifesta é a de ter passado a dar mais importância à própria biblioteca. Apesar de podermos considerar o ato de dar importância à própria biblioteca algo “básico”, o fato desse aspecto ser a principal aprendizagem é, do nosso ponto de vista, muito importante. Se a ideia é promover a valorização da biblioteca, nada mais coerente e consistente que se comece pelo profissional que faz parte dela. A mesma interpretação temos com relação ao fato da segunda principal aprendizagem ser com relação à compreensão da noção de Biblioteca Viva.

A noção de que as capacitações também contribuíram para que o profissional que se desenvolvesse foi a terceira aprendizagem mais fortemente mencionada.

Aprendizagens a partir das capacitações



Quanto questionados sobre as principais aprendizagens, os respondentes do questionário também relatam principalmente mudanças em termos de ampliação de visão sobre o papel da biblioteca, sobre as possibilidades de realizar ações culturais na biblioteca e tomar conhecimento sobre novas “soluções”:

“[ajudou no] No atendimento, me tornando mais profissional, vontade de fazer mais pela biblioteca e entendendo que a biblioteca, além de pertencer à educação é também cultura, portanto, estou envolvendo ela na cultura”.

“As oficinas me ajudaram a perceber a importância do trabalho que desenvolvo em minha biblioteca”.

“Ampliando as ideias, conseguindo enxergar alternativas para serem aplicadas no dia a dia da nossa Biblioteca”.

“Novas ideias de projetos culturais, e, principalmente, uma mudança de visão e postura frente aos novos desafios da Biblioteca Pública na atualidade”.

“Eu estava sem muitas ideias do que fazer para melhorar as atividades na biblioteca, o espaço físico e como fazer a comunidade conhecer mais nossa unidade”.

e o curso me ajudou muito nesses quesitos, além de saber que há tantos profissionais passando pelo mesmo questionamento”.

A questão sobre a possibilidade de implementação na prática, porém, encontra mais dificuldades, desde o apoio da Prefeitura ou superiores, até condições da própria Biblioteca. Também como em anos anteriores, ações mais orientadas para a prática e também menos sob controle dos profissionais, como desenvolver ações de melhora no espaço físico da biblioteca ou realizar ações de aproximação entre a biblioteca e a comunidade, são aprendizagens que parecem acontecer em menor grau.

Nos depoimentos qualitativos ao questionário encontramos alguns exemplos de possíveis mudanças na prática, que costumam estar relacionadas ao atendimento realizado pela própria pessoa que está respondendo. Ou seja, mais uma vez vemos que mudanças que estão no âmbito da governabilidade do próprio sujeito que participa da ação acontecem mais frequentemente do que mudanças que dependem de terceiros ou de outras condições:

“As capacitações auxiliaram na relação com a equipe e na melhoria das atividades de gestão e atendimento ao público”.

“Abrindo um perfil da biblioteca no Facebook, postando sugestões de leitura, contando um pouco do conteúdo, para atrair novos leitores”.

“Ajudou a melhorar o relacionamento com a equipe e a organizar melhor o meu trabalho e ser mais proativa”.

“Fiz o curso de Pequenos Reparos em materiais bibliográficos e pude colocar em prática na biblioteca que trabalho. Na maioria dos livros em mau estado, consegui fazer os reparos necessários para serem colocados de volta na estante”.

“Passei a ouvir para entender e assim atender com eficácia o público que frequenta a biblioteca”.

Complementando a reflexão anterior sobre o perfil e alcance específico dessas capacitações, fica aqui também a reflexão de se pensarem temas, metodologias e um foco que priorize a disseminação de soluções nas bibliotecas e que possam ser implementadas sem que seja necessário engajar terceiros. Ou seja, o que as capacitações podem oferecer em termos de soluções que estejam sob a governabilidade de quem participa delas?

3.3. O reconhecimento do SisEB como sistema

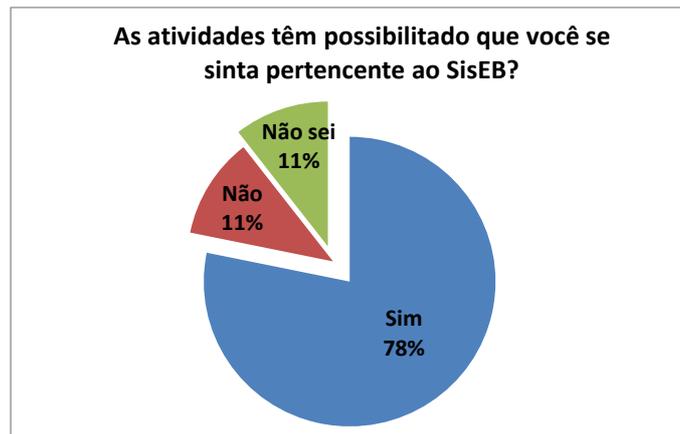
Do ponto de vista dos membros do grupo de difusão, o objetivo que estava claro para eles, de difusão do SisEB, foi alcançado e as articulações que se esperavam deles, também. Apesar do resultado almejado ser a elaboração do planejamento do SisEB - o que não aconteceu - o principal resultado observado diz respeito à capacitação dos membros do grupo em relação à sua compreensão do papel da biblioteca, do SisEB e da capacidade de perceber suas regiões e articular com outras bibliotecas:

“Fazer parte do grupo, me trouxe um grande aprendizado, aprendi sobre a minha região, conheci pessoas, troquei experiências”.

“Que precisamos ficar atentos aos problemas de cada região, que as bibliotecas precisam desse olhar, atenção, de quem as escute, oriente, que se estabeleça um canal de comunicação entre elas e UBL/ SisEB”.

“Fazer parte do grupo contribuiu para o fortalecimento e maior entendimento do papel do SisEB, bem como propiciar o contato direto com outras Bibliotecas locais, bem como outros tipos de bibliotecas que fazem parte do grupo”

Os dados provenientes dos questionários com participantes das capacitações mostram que as atividades têm contribuído para que se sintam pertencentes ao Sistema:



“Principalmente para nós profissionais que moramos distantes da capital, temos o Siseb como o único a dar a chance de nos aperfeiçoarmos e atualizarmos”.

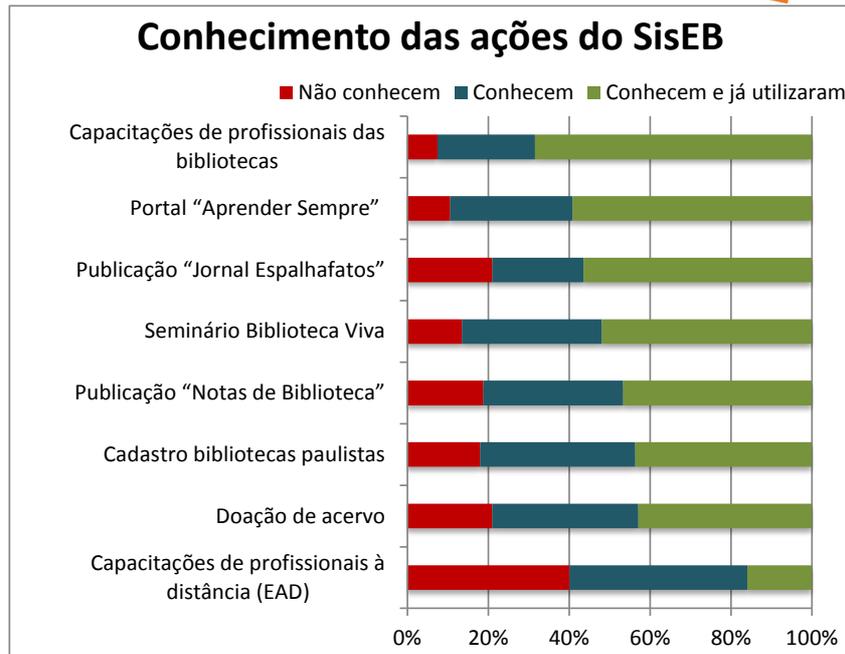
A importância de que exista esse Sistema é reconhecida pelos participantes abaixo, que mencionam que, diante de contextos bastante adversos que as bibliotecas enfrentam nas suas regiões, o SisEB emerge como uma atividade que vai no sentido contrário, de fortalece-las:

“Muitas vezes sinto que a administração local não valoriza o profissional de biblioteca, existe uma ênfase nos eventos culturais que não contemplam as necessidades de modernização da biblioteca ou ainda a própria manutenção, o que torna os profissionais menos motivados. A formação continuada é essencial para o distanciamento com relação a estas questões”.

“Me sinto mais forte para buscar a solução de problemas de minha biblioteca porque percebi que o Siseb existe para me ajudar”.

Nesse sentido, sempre há também depoimentos que expressam o desejo que as bibliotecas de CEUs, escolares, etc., também sejam reconhecidas como bibliotecas pertencentes ao Sistema.

E a atividade que tem contribuído especialmente para isso parece ser justamente as capacitações, já que a maioria menciona conhecer e também ter utilizado. Porém, é curioso notar que esse questionário foi respondido por pessoas que participaram das capacitações e que disponibilizaram seus e-mails no cadastro e, mesmo assim, cerca de 30% não declara ter participado delas. Ou seja, essas pessoas foram à capacitação, mas não reconheceram que ela fazia parte desse conjunto de atividades oferecidas pelo SisEB. Esses dados mostram que, assim como em outros anos, a transmissão durante as capacitações de que aquela atividade faz parte de um serviço oferecido pelo SisEB, ainda pode melhorar e ser mais clara. A equipe conhece essa questão e, em 2014 foi elaborado o vídeo institucional do SisEB que visa lidar com ela. Em 2015 poderemos verificar os possíveis impactos dessa ação.

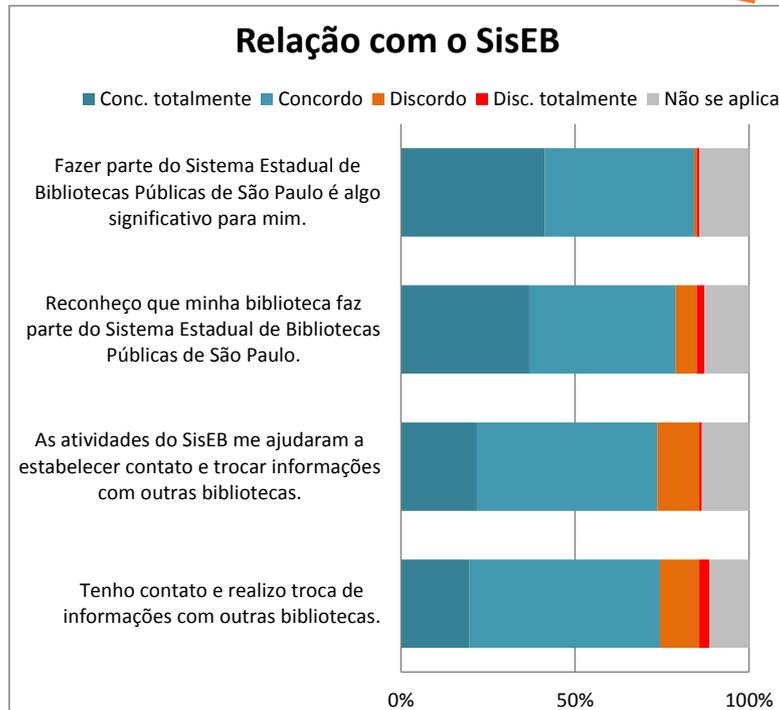


A atividade menos conhecida e menos utilizada foi a formação à distância, o que não surpreende, dado que é uma atividade nova, lançada no segundo semestre de 2014 e ainda em fase de experimentação.

Em relação ao ano de 2013, houve uma mudança com relação à publicação Espalhafatos, que tinha mais de 50% dos respondentes mencionando não conhecerem e agora apenas 20%. Caiu também a porcentagem de menções de desconhecimento do "Notas de Biblioteca". Ambos podem estar relacionados a ações específicas que desconhecemos, e também ao fato de termos orientado a amostra para profissionais que trabalham efetivamente em bibliotecas, que são "quem" recebem essas publicações.

Além disso, a doação de acervo foi, tanto em 2013 como em 2014, a atividade menos conhecida e menos utilizada. Em 2014, junto com o cadastro de bibliotecas paulistas.

Importante notar que o cadastro é uma estratégia que poderia contribuir à possibilidade de que as bibliotecas se localizem umas às outras e se articulem. Dessa forma, vemos que o SisEB encontra o desafio de ser reconhecido como sistema e de que as bibliotecas se sintam pertencentes a ele, mas notamos muitos avanços nesse sentido (mesmo que ainda hajam falas como "pertencem à rede municipal de São Paulo, e não ao SisEB). Já a questão do reconhecimento de que o Sistema é mais do que um conjunto de serviços, de que é uma rede de bibliotecas que também poderiam se apoiar mutuamente, ainda parece estar bem distante - como também mostram os dados abaixo, sobre aspectos da relação dos participantes com o SisEB:



Ou como expressa um participante:

“Simplesmente não parece real, está distante da realidade, esta interação”.

Ou ainda:

“As atividades não permitem uma continuidade no trabalho, ou seja, são naquele momento e só, pois o SISEB não abre canais para dar continuidade e interação”.

3.4. Síntese das reflexões do Siseb

- Apesar do acompanhamento de parte das atividades, o Instituto Fonte não tem conseguido ter uma visão integrada de todas as ações do SisEB. Há, do nosso ponto de vista, um desafio na construção de uma visão integrada e estratégica de todas as ações coordenadas pelo SisEB e de um aprofundamento da compreensão de como se articulam e se complementam. Importante notar que isso não significa que a equipe não possua essa visão, mas que ela ainda não foi objeto de diálogo com a equipe de avaliação do IF. Também importante notar que a própria equipe tem bastante clareza desse desafio e que esforços de comunicação têm sido feitos para divulgar as capacitações e em criar o vínculo entre todas as atividades. Todavia, a construção da “marca” do SisEB como uma ação integrada leva tempo.
- Muitas questões emergiram durante a implementação do Grupo de Difusão como estratégia do SisEB, e a principal delas foi a percepção, por parte da coordenação, de que o grupo não estaria dando conta da reflexão estratégica necessária para pensar o planejamento do SisEB. Olhando os dados vemos que os membros acreditavam especialmente que o objetivo do Grupo era difundir o SisEB e que essa ideia do grupo fazer um planejamento estratégico talvez não tenha ficado clara para eles. Duas hipóteses coexistem para que essa diferença entre o desejado e o realizado tenha acontecido: uma que o grupo não tinha maturidade

para alcançar reflexões mais estratégicas e outra que o desenho mesmo da estratégia tenha partido de uma premissa equivocada - *afinal que lugar esse grupo ocupava de fato na gestão do SisEB? Não seria precipitado imaginar que ele fizesse o planejamento do SisEB? O que precisa um grupo para se colocar efetivamente no papel de gestor estratégico do SisEB?*

- Os dados indicam forte aprovação das escolhas feitas nas capacitações (como os temas e os formadores) e do nosso ponto de vista mostram a competência acumulada em torno das capacitações do SisEB. Fica a questão sobre os desafios e os espaços para inovação e a questão de se elas têm de fato contribuído para transformar a prática dos profissionais das bibliotecas. Talvez seu foco seja outro, como o de garantir conhecimento básico e escala. Se o desejo for de também transformar práticas, perguntamos: *faria sentido pensar outro tipo de formação que complementasse essas capacitações?* Segundo a equipe, as capacitações do SisEB buscam qualificar as equipes que atuam nas bibliotecas, e oficinas que apresentem conhecimentos básicos para um grande número de pessoas são formas de promover a qualificação profissional e a melhoria dos serviços. Quanto mais próximas da realidade operacional do bibliotecário, melhores serão os resultados.
- Complementando a reflexão anterior sobre o perfil e alcance específico dessas capacitações, fica aqui também a reflexão de se pensarem temas, metodologias e um foco de maneira geral, que priorize a disseminação de soluções nas bibliotecas que possam ser implementadas sem que seja necessário engajar terceiros. *Ou seja, o que as capacitações podem oferecer em termos de soluções que estejam sob a governabilidade de quem participa delas?* Também, segundo a equipe, para 2015, já foram definidos temas e alguns palestrantes para focar mais no âmbito da governabilidade dos participantes e ações de advocacy em favor da autonomia na gestão das bibliotecas públicas poderiam resultar em melhor aproveitamento dos cursos sobre liderança, inovação, relacionamento interpessoal e outras práticas de administração.
- É curioso notar que parte das pessoas que participou das capacitações não demonstra reconhecer que elas fazem parte das ações do SisEB. Nesse sentido, parece que a transmissão durante as capacitações de que aquela atividade faz parte de um serviço oferecido pelo SisEB, ainda pode melhorar e ser mais clara. Uma hipótese trazida pela equipe é de que a marca da SEC ainda ofusca a do SisEB. Atualmente a estratégia é de realizar ações sob o signo do SisEB para aumentar essa percepção (vídeo, “O SisEB somos nós”, espaço expositivo do SisEB no seminário, flyers etc) na abertura de todas as capacitações para reduzir o desconhecimento dos participantes.
- Vemos que o SisEB encontra o desafio de ser reconhecido como sistema e de que as bibliotecas se sintam pertencentes a ele, mas notamos muitos avanços nesse sentido. Já a questão do reconhecimento de que o Sistema é mais do que um conjunto de serviços, de que é uma rede de bibliotecas que também poderiam se apoiar mutuamente, ainda parece estar bem distante.

V. Viagem Literária

1. O desenvolvimento do processo avaliativo em 2014

Em 2014, a equipe do Instituto Fonte iniciou um processo de acompanhamento mais próximo e mais intenso do programa Viagem Literária junto à sua equipe, depois de um contato inicial no fim de 2013 - no qual foram gerados indicadores de impacto do programa nas bibliotecas participantes, um instrumento de avaliação para tal e, efetivamente, uma breve análise de dados a partir das respostas das equipes dessas bibliotecas.

Nas reuniões entre a equipe do IF e do VL ao longo do último ano, foi ficando clara a necessidade de avaliar os diversos aspectos do programa, tendo em vista, inclusive, que as ações ocorrem fora de São Paulo em diversas cidades (este ano foram 80 cidades atendidas). Foi assim que criamos, em conjunto, um foco de avaliação e instrumentos de coleta voltados para todos os públicos (crianças e seus professores, adolescentes e seus professores e adultos). Em relação aos instrumentos criados para as equipes das bibliotecas e para os autores que participam do Viagem, foram feitas adequações no sentido de deixá-los mais de acordo com os indicadores e critérios levantados pelo processo avaliativo e de possibilitar a coleta de dados de modo não apenas qualitativo, mas também quantitativo.

De modo geral, a avaliação procura compreender o andamento de toda a produção envolvida para que o evento ocorra de forma adequada nas bibliotecas - ou seja, se os profissionais da biblioteca se sentiram apoiados neste processo e se, efetivamente, o evento teve êxito em termos de produção; se houve preparo dos públicos e parceiros das bibliotecas para que a relação com o autor ou com a atividade fosse mais proveitosa tanto para a escola (professores e alunos), quanto para a recepção do público por parte da biblioteca; se as estratégias de divulgação funcionaram, atraindo públicos adequados aos diferentes eventos; a satisfação da equipe e dos públicos em relação ao evento e, finalmente, os impactos do evento tanto na formação das equipes da biblioteca, quanto na dinamização do espaço.

Em relação aos resultados propriamente ditos, nos questionários já aplicados há uma tentativa de enxergar especialmente a satisfação e primeiros efeitos no curto prazo. Para as crianças e adolescentes, as principais indagações neste sentido têm a ver com a sua aproximação com o livro - se houve aumento no desejo de ler ou conhecer outras histórias; e também com a biblioteca - vontade de levar livros emprestados ou de retornar à biblioteca. Não há, porém, questões sobre se algo mudou efetivamente no comportamento desses públicos, pois não temos como ter acesso a eles depois de finalizado o evento.

Para os professores, as perguntas de efeitos de curto prazo focaram compreensão sobre se a atividade colaborou de alguma forma com o seu trabalho - seja em sala de aula (se o estimula a ler ou contar mais histórias para as crianças, por exemplo); seja reacendendo o seu desejo de ser leitor (partindo da hipótese de que um bom formador de leitores deve ler e gostar de ler).

Para as bibliotecas, foi possível questionar aspectos de mudança mais a médio prazo, já que foram usados dois instrumentos - um questionário a respeito de cada módulo e um outro questionário de impacto enviado no final do ano. Nestes, procura-se compreender se houve aprendizados das equipes e quais foram os mais marcantes; se houve um aumento da frequência de público e empréstimo de livros, se a biblioteca passou a ser mais reconhecida na cidade, se houve aprofundamento ou extensão de

parcerias com escolas ou outras instituições e se a programação cultural sofreu alterações após a intervenção do Viagem.

As diversas reuniões realizadas pelo IF com a equipe do VL e a observação dos eventos que ocorreram em São Paulo (encontro inicial e quarto módulo), também colaboraram para que boas perguntas a respeito da própria natureza do programa pudessem ser traçadas. Dentre elas, se evidenciou a necessidade de diferenciar, junto aos profissionais das Bibliotecas, o papel da divulgação, da preparação de público e da mediação de leitura, compreendendo as diferenças entre cada uma dessas ações e as possíveis consequências de cada.

Além disso, em uma conversa entre as equipes do VL e do IF, ficou claro que as bibliotecas são formadas para ter um papel de catalisador cultural/literário quando participam deste programa: ao receber um autor, a biblioteca representa toda uma cidade. Portanto, ela tem um papel de mediação entre o autor e a cidade em um sentido muito mais amplo do que apenas uma mediação intramuros. Essa se torna uma oportunidade para que o autor e sua história se façam conhecidos, assim como a própria biblioteca, na cidade inteira, instigando a curiosidade de públicos diversos e tornando mais possível que a formação de públicos efetivamente ocorra.

Um outro aspecto muito discutido nas reuniões entre a equipe do VL e do IF, foi o papel da parceria entre as bibliotecas e escolas para que o momento da intervenção seja vivido com um sentido maior e para que o trabalho possa ser permeado por uma preparação e por uma continuidade, extrapolando o momento de encontro com o autor. Adquirir um caráter processual é importante na medida em que um dos principais objetivos do Viagem é que as equipes das bibliotecas possam adquirir autonomia para criar programações literárias/culturais e, com isso, ter um papel ativo na formação dos seus públicos.

A equipe do Viagem refletiu, em relação a isso, sobre a necessidade de tornar cada vez mais claro o papel da biblioteca no processo como um todo, para a própria biblioteca, as prefeituras das cidades e as escolas. Um membro da equipe comentou sobre este aspecto: *“Por exemplo, uma prefeitura comprou livros do autor do Viagem para todas as escolas, mas mandou direto para as escolas. Então, não necessariamente está claro para a escola e para a prefeitura o papel central da biblioteca nesse processo”*. Uma outra pessoa da equipe do Viagem, complementou dizendo: *“Por isso, estamos atentos ao critério da quantidade de público, que deve ser limitada ao espaço da biblioteca, para que a atividade esteja diretamente conectada com a Biblioteca”*.

Diante disso, nos parece evidente que a escolha de que o evento seja realizado necessariamente na biblioteca é estratégica e tem efeitos expressivos, mesmo que ainda precise ser mais trabalhada do ponto de vista processual, na formação das escolas, equipes das bibliotecas, públicos, etc.

O contato mais assíduo dos públicos e em maior quantidade, acaba por clarear, para as próprias bibliotecas, aspectos que devem ser trabalhados para que, aos poucos, se tornem “bibliotecas vivas” - detalhados ao longo do relatório. De qualquer forma, a decisão de colocar a biblioteca como central parece ser fundamental para o programa, inclusive para tornar mais visíveis questões que de outra forma ficariam à margem ou não viriam à tona.

O Viagem Literária é um programa que procura dinamizar as bibliotecas não apenas com ações teóricas, mas intervindo na realidade e, com isso, dando referenciais nos

quais as equipes dessas bibliotecas possam se apoiar para dar continuidade à criação de ambientes leitores.

A matriz de avaliação do VL, com suas perguntas e critérios, está assim:

- 1) *As estratégias estão adequadas para cumprir o objetivo central do Viagem?*
 - *Número de participantes nas ações*
 - *Relevância da atividade*
 - *Pertinência dos autores (adequação do perfil ao contexto/ público local)*
 - *Metodologias e estratégias utilizadas*
 - *Carga Horária*
 - *Preparação da biblioteca/ instituições parceiras antes do evento*
 - *Preparação do público para escutar/ dialogar com o autor*
 - *Produção do evento*
 - *Utilização do Guia de divulgação do evento para as cidades*
 - *Relação estabelecida com a SP Leituras (quantidade e qualidade do contato)*
 - *Público sai instigado a retirar livros, a voltar na biblioteca*
 - *Satisfação dos públicos com a atividade*
- 2) *Qual foi o impacto na formação dos profissionais das bibliotecas atingidos pelas ações?*
 - *Concepção da equipe a respeito da biblioteca*
 - *Criação de novas atividades*
- 3) *Qual o impacto das ações no uso da Biblioteca ou sala de leitura?*
 - *Frequência de público (na Biblioteca e na programação)*
 - *Uso do Acervo (consulta e empréstimo)*
 - *Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)*
 - *Formação de leitores*
- 4) *Qual o impacto na dinamização da Biblioteca?*
 - *Relação com instituições do entorno (escolas, equipamentos públicos)*
 - *Apoio da Prefeitura (atualização acervo, disponibilização recursos, etc.)*
 - *Atividades culturais na biblioteca (quantidade e qualidade)*
 - *Divulgação da Biblioteca*
 - *Reverberações nas instituições participantes do evento (escolas, por exemplo).*

2. A coleta de informações em 2014

Para dar conta das informações necessárias para responder a essas perguntas, optou-se pelas seguintes estratégias e fontes de informação:

Fonte	Estratégia	N
Leitura dos relatórios trimestrais		2
Participantes dos eventos - crianças (Módulo1)	Questionário auto aplicado ou aplicado pelo professor	3727
Participantes dos eventos - professores das crianças (Módulo 1)	Questionário auto aplicado	980
Participantes dos eventos - adolescentes/ jovens (Módulo 2)	Questionário auto aplicado ou aplicado pelo professor	1981
Participantes dos eventos -	Questionário auto aplicado	368

professores dos adolescentes/jovens (Módulo 2)		
Participantes dos eventos - adultos (Módulo3)	Questionário auto-aplicado	1682
Convidados: autores e contadores (Todos os módulos)	Questionário auto-aplicado	235
Bibliotecas que receberam os Eventos do Viagem Literária	Questionário on-line de impacto	56
Bibliotecas que receberam os Eventos do Viagem Literária	Questionários por módulo preenchido por e-mail	240

3. Achados

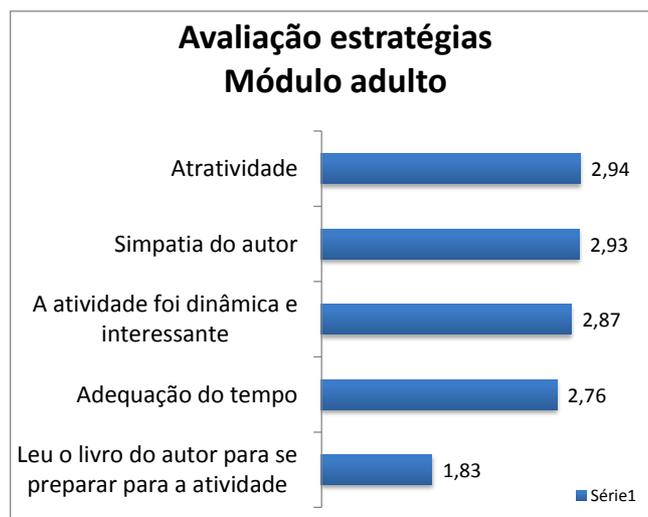
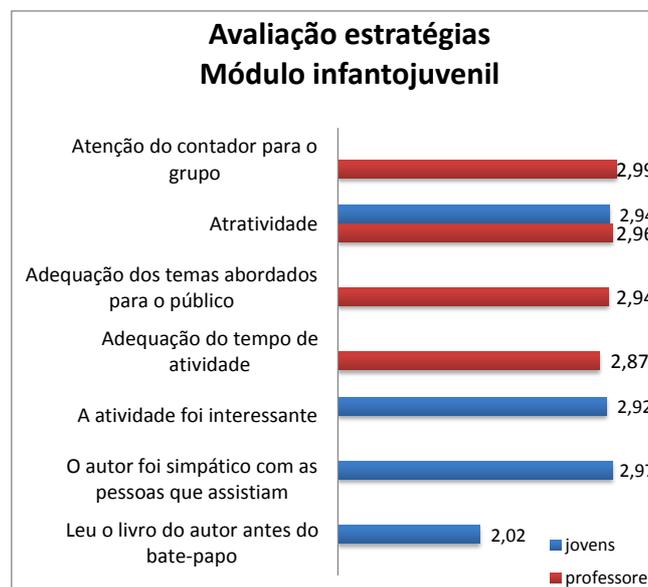
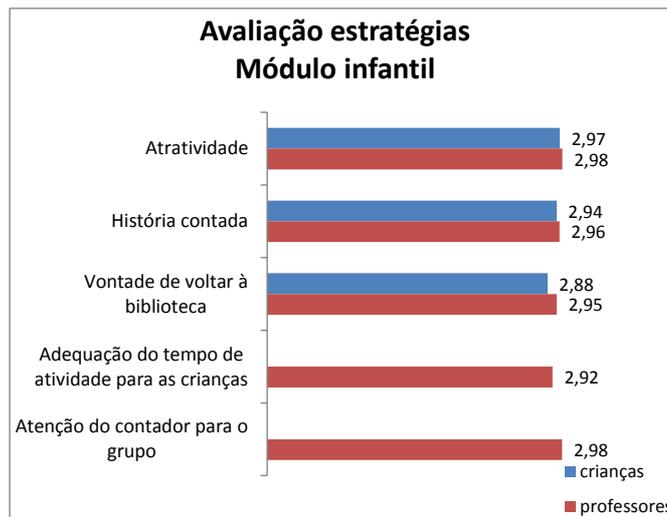
Os resultados dos questionários são apresentados aqui de forma agregada e em função do tema tratado. As notas variaram sempre de 1 a 3.

3.1. Adequação das estratégias do Viagem Literária

As estratégias envolvidas no Viagem Literária são basicamente: a seleção das bibliotecas que receberão os eventos, seu preparo para recebê-lo, a seleção de convidados/ autores conforme o Módulo e o perfil de onde vai atuar, a produção do evento e o apoio ao convidado/ autor, o preparo do público, a própria realização do evento e a avaliação dos mesmos.

Com relação às estratégias utilizadas nos eventos, como o tipo de interação, a história contada, etc.; vemos que de modo geral os públicos as avaliam positivamente. Os eventos são considerados atrativos e agradáveis e os aspectos relativos ao autor/convidado também são bem avaliados, o que evidencia a seleção bem feita, apoiada no conhecimento da equipe de um grande conjunto de autores e possíveis convidados, como vemos nos gráficos na próxima página.

Alguns comentários de professores e alunos, coletados através de questionários, como o de um professor que disse *“Este autor deveria vir mais vezes”,* ou *“Foi muito importante o diálogo que o autor estabeleceu com as crianças, a sua afetividade, estabeleceu vínculo até com criança autista”,* mostram que os autores souberam estabelecer vínculo com o público - um aspecto importante, levando em consideração que os vínculos com os mediadores são fundamentais na formação dos leitores.



O aspecto menos bem avaliado pelos professores foi a adequação de tempo da atividade dos adolescentes e jovens ($m=2,87$), o que também foi o aspecto menos bem avaliado entre os adultos. Ambos consideraram que a atividade poderia ser mais longa, ou ocorrer mais vezes.

Depoimentos de equipes das bibliotecas, professores, adultos, crianças e jovens, demonstram que as estratégias e metodologias utilizadas pelos autores e contadores são acertadas para as diversas faixas etárias e em muitos sentidos.

No caso das crianças, por exemplo, aparece nos depoimentos a mistura de linguagens (história, arte, brincadeiras) pelos autores/contadores escolhidos que relatam, em suas falas, realmente prezar por isso, como pode ser lido no depoimento de um contador: *“O brilho no olhar das crianças, o encantamento com a brincadeira de atores e bonecos, o contato com a literatura viva do teatro, as músicas que muitas vezes cantaram junto com os atores, as danças realizadas no palco, a poesia do texto, a concentração para compreender partes mais difíceis da história, o envolvimento com o aspecto lírico das emoções da princesa-lua, as risadas das brincadeiras do ator-clown, e o prazer culinário de faz-de-conta da sopa de pedra foram emoções estéticas compartilhadas por todos. Muitas brincadeiras e estudos podem nascer deste momento mágico!”*

Depoimentos como *“O instrumento musical usado durante a contação chamou a atenção (apito, percussão)... eu quero ser percussionista”*; *“O contador misturava bastante brincadeira e ler história”*, *“A história foi criativa, gostei da mágica”*; *“A diversidade de linguagens é muito boa para as crianças”*; *“Gostei da teatralização das histórias”*, mostram a importância da dimensão estética/artística/cultural associada ao espaço de leitura e à contação de histórias. Como acima colocado, além de associada à brincadeira, contar e ouvir histórias pode estar associado à criação, à arte, o que pode ser muito novo para muitas crianças e enriquecer o trabalho pedagógico dos professores ali presentes. Um deles comenta que aprendeu, com a atividade que: *“Através do lúdico, do imaginário, atingimos sentimentos e emoções dos alunos”*.

Além disso, comentários como *“Eu ri muito”*; *“Foi muito engraçado”*; *“A atividade foi muito interativa”*; *“As crianças nem piscavam”*; ou um autor que escreveu que *“Eu não sabia que poderia rir tanto, me divertir tanto numa biblioteca” disse a professora*, além de evidenciar uma satisfação com a participação na atividade, sugerem um resultado importante, que é a atividade servir para que os públicos experienciem o contato com o universo da leitura como algo que pode ser prazeroso e com a biblioteca como um lugar que pode ser divertido. Diversos autores comentam sobre isso: *“Associar histórias muito engraçadas e divertidas aos livros, trouxe um olhar interessante ao público. As crianças do quinto ano, presentes na platéia, após a apresentação, solicitaram informações sobre autores e títulos”*.

Aqui, é apenas necessário atentar para o perigo do convidado em recair por demais em outras linguagens (especialmente com as crianças e adolescentes) e abrir mão do livro, como demonstra o depoimento de um professor, que diz *“O teatro foi maravilhoso, sugiro que a apresentação seja antes ou depois do recreio, para que assim seja mais apreciado”*.

Em diversos depoimentos, as crianças dizem que fizeram perguntas para o autor e que ele as estimulou a *“ter imaginação”* e fazer as suas próprias histórias. Isso mostra a adequação metodológica dos autores convidados pelo Viagem, na medida em que estes têm escuta para os seus públicos e incentivam-nos a entrar neste universo. Os jovens trazem também esta escuta dos autores em seus depoimentos, quando dizem que *puderam fazer muitas perguntas para o autores e que este respondeu muitas perguntas de uma forma muito cativante*. Um jovem chega a dizer que gostou muito da *“entrevista com o autor”*.

O preparo dos autores se explicita também pela forma do autor falar de assuntos geralmente tidos como “chatos” ou “entediantes”. Muitos jovens dizem, de diferentes maneiras, que o escritor era muito comunicativo, pois sabia falar com eles. Depoimentos de alguns jovens deixam isso claro, quando dizem: *“Eu gostei muito, pois ele abordou um assunto que eu não gostava, mas da forma que ele falou, eu acabei me interessando”, “Foi legal, pois o jeito dele falar é diferente, até o jeito de explicar a matéria (História) foi mais legal!”*, *“O autor é muito espontâneo e inteligente. Consegue prender um jovem nesse mundo tão interessante que é a leitura”*.

Por sua vez, na fala de muitos professores, este mesmo aspecto é destacado como uma referência, quando dizem que eles mesmos não sabem falar com os jovens como o autor soube falar - o que torna visível que o programa tem também um potencial de inspiração/ formação dos professores que dele participam. Esse aspecto formativo ocorre tanto em relação a conteúdos, quanto no sentido metodológico propriamente dito, na medida em que os professores passam a entender que os seus alunos gostam de assuntos que pareciam não gostar e, portanto, que há outras formas, talvez mais interessantes, de abordar tais assuntos/temas com os jovens: *“O autor soube, de forma dinâmica e descontraída, falar sobre um assunto que normalmente os alunos não gostam: literatura”*; *“Aprenderam muito mais do que na sala de aula, ouviram detalhes da História do Brasil que não são abordados por nós, professores. Trouxe mais conhecimento até mesmo para os adultos presentes. A atividade foi satisfatória e prazerosa para todos os ouvintes”*.

Um dos autores comenta que para jovens, adultos e professores, o principal para que haja um interesse pelo universo da leitura, é a oportunidade dada pelo Viagem de passarem pela experiência de um *“debate vivo sobre literatura”*. A respeito disso, comenta uma bibliotecária que: *“O encontro foi agradável, a autora discorreu sobre seu trabalho tanto acadêmico como com a literatura, tocou em questões consideradas tabus como drogas, abortos e posição política de forma filosófica, levando os presentes a questionarem a realidade e a se questionarem como seres humanos envolvidos em uma sociedade. Foi realmente um bate-papo, bem interessante e democrático”*.

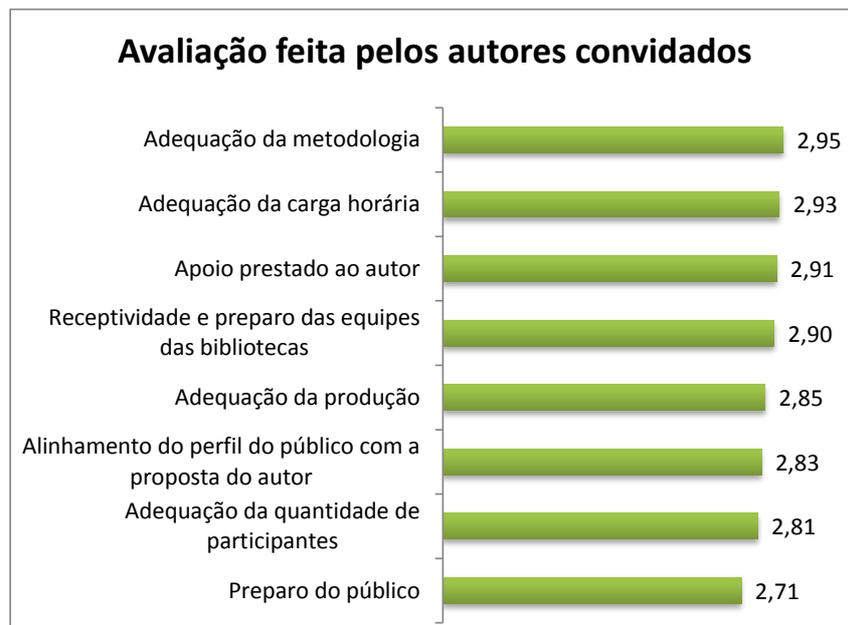
Evidencia-se também que temas como “folclore” e ligados à cultura de raiz, caipira, assim como a mistura de histórias com “causos”, são muito apreciados, tanto pelos adultos, quanto pelas crianças. Diz um professor: *“Isto poderia acontecer mais vezes: gostei da interpretação e o palavreado usado nos contos, foi bem raiz, bem caipira, foi muito bom. Tenho certeza que eles gostaram; eu notei pelos comentários dentro da sala”* ou *“Quero parabenizar esse ‘Programa Viagem Literária’, pois está resgatando a cultura do nosso povo, os contadores de causos, que hoje não vemos mais nas famílias brasileiras, pois nesse mundo globalizado e tecnológico que vivemos, a TV, o computador e o celular apagaram essa prática tão importante que era ouvir os mais velhos contarem histórias e se deliciar com os mocinhos e mocinhas, ou então se arrepiar com assombrações e bruxas, os quais nossos avós falavam e às vezes até juravam que já haviam visto”*. Diz um contador sobre isso: *“Percebemos com muita satisfação e alegria que o trabalho que propomos, que é sobre o universo caipira, repercutiu muito bem entre o público, criando uma empatia e identificação com as músicas e textos narrados. Para nossa surpresa, muitas crianças cantavam as músicas que, apesar de serem conhecidas, não estão na mídia atual”*.

Além dos dados gerais por módulo, outras análises foram aprofundadas com a equipe do Viagem. Em anexo pode ser vista a análise por quesito e por convidado. Em análises preliminares com a equipe, por exemplo, foi bastante discutido o tipo de atuação de cada convidado e a influência das atividades diversas, com suas características específicas, na aproximação com o livro propriamente dito. Essa discussão é interessante na medida em que pode ajudar a compreender os impactos diferenciados de cada atividade na formação de leitores.

Divulgação do evento / Utilização do Guia de divulgação pelas Bibliotecas

Em relação à divulgação do Viagem Literária, uma mãe comenta que *“A atividade foi excelente. Só acho que a divulgação foi deficiente para a população, pois a maioria foi de escolares que participaram. Eu vim com minha filha e soube através do cartaz na brinquedoteca, senão eu não saberia!”* Isso aponta para a necessidade de refletir, junto com as bibliotecas, quais têm sido os critérios e as estratégias para divulgação, tendo em vista que, apesar de ser grande o interesse de que o Viagem firme parcerias com escolas e instituições, ele também é voltado para a população em geral. Diversos professores também comentam que acham que a divulgação deveria ter sido melhor para atrair outros tipos de público, mais variados, e não apenas as escolas.

Autores reforçam essa percepção, em depoimentos nos quais dizem que, apesar de adorarem trabalhar com o público escolar, principalmente quando este está preparado para a atividade, sentem falta de outros públicos da cidade, *“a comunidade em geral”* - dizem que isso dá uma riqueza maior à conversa e à troca, maior diversidade de opiniões e pontos de vista. As estratégias de divulgação também refletem na quantidade de público, o que, para os autores esteve abaixo do desejado:



Os autores em geral constatarem que a comunidade não tem acesso ao programa porque a divulgação feita é completamente focada no público escolar. Diz um dos autores sobre isso: *“Muita gente se disse surpresa com a presença de um escritor na cidade, pois não haviam sido informadas disso pelos jornais ou emissoras de rádio do município e da região. Talvez valesse a pena, sem descuidar do público estudantil,*

buscar novas formas de divulgar o projeto junto às comunidades que venham a fazer parte das próximas edições do projeto”.

Isso pode estar ocorrendo pelos horários de funcionamento das bibliotecas, que podem não ser atrativos para outros públicos, que trabalham, moram longe, etc. De qualquer forma, seria algo interessante de compartilhar com as bibliotecas para pensar, conjuntamente, o que poderia ser feito.

O público

Com relação à quantidade de público, vemos que os autores avaliaram menos positivamente esse aspecto, do que a maioria dos outros. Alguns comentam que o público foi pequeno e muitas variáveis podem estar relacionadas a isso, desde o tamanho da biblioteca, a divulgação, até o reconhecimento do autor, ou a faixa etária envolvida.

Os dados mostram que a questão do alinhamento entre perfil do público e do autor é bem avaliado ($m=2,83$), porém também é um dos critérios menos bem avaliados. Quando aprofundamos a análise, vemos que a média desse quesito no módulo com adultos foi a mais baixa.

	Média alinhamento perfil
Adulto	2,65
Infantil	2,90
Infantojuvenil	2,92
Total Geral	2,83

No evento inicial do Viagem, em relatos das equipes das bibliotecas a respeito de como haviam escolhido os públicos no ano passado e como estavam sendo escolhidos este ano, os critérios eram muito variados, indo desde uma parceria antiga com a biblioteca, até instituições que têm menos oportunidades do que outras. Em relação ao público alvo, cabe então levantar uma questão, relacionada com os critérios de escolha dos públicos para os eventos: do ponto de vista do VL, enquanto Programa, *seria importante ter critérios de referência para a escolha dos públicos para os eventos? Como fazer para que a equipe do Viagem possa ter acesso aos critérios utilizados pelas bibliotecas, ao menos para que esta seja uma questão a ser conversada com as equipes das bibliotecas, se for o caso?* A questão dos critérios para a escolha dos públicos não é menos relevante se levarmos em conta o impacto do programa no uso da biblioteca. Neste sentido, os públicos selecionados para participarem das ações refletem impactos diferentes na intensidade das parcerias firmadas e, portanto, no uso posterior das bibliotecas.

Apesar desta ser uma questão mais de estabelecimento de princípios claros para o programa e, considerando que em grande parte dos casos existe uma adequação dos públicos aos eventos; aparecem, no entanto, algumas respostas aos questionários do Viagem que evidenciam que o público não estava coerente à proposta: *“Gostaria que o Viagem fosse mais juvenil”*; *“As histórias poderiam ser menos infantis”*. Estes comentários, por exemplo, de professores/as, podem demonstrar essa necessidade dos parceiros institucionais saberem que há módulos adequados para diferentes faixas etárias.

É possível perceber, nas falas dos convidados, que a idade adequada e o comparecimento de uma quantidade adequada de público, são fatores muito importantes para que a atividade transcorra bem.

A preparação do público também é outro fator muito comentado pelos autores, e o menos bem avaliado ($m=2,71$), sendo no módulo adulto novamente a média mais baixa. Vemos que o Módulo adulto, de modo geral, foi aquele em que os convidados/ autores avaliaram mais criticamente, assim como o próprio público.

	Adequação da metodologia	Adequação da carga horária	Receptividade e preparo das equipes das bibliotecas	Adequação da produção	Adequação da quantidade de participantes	Preparo do público	Apoio prestado ao autor	média módulo
Adulto	2,89	2,93	2,80	2,76	2,76	2,55	2,85	2,77
Infantil	2,96	2,86	2,96	2,85	2,84	2,86	2,96	2,90
Infanto-juvenil	3,00	3,00	2,94	2,94	2,82	2,71	2,92	2,91

Os dados dos adolescentes e jovens, e os dos adultos trazidos na seção sobre as estratégias, também mostram que o quesito menos presente é a leitura prévia das obras dos autores convidados ($m=2,02$ e $1,83$), que é, segundo os autores, o que realmente muda qualitativamente o bate-papo. A leitura prévia das obras dos autores pode estar associada à antecedência do fechamento e da divulgação da programação, que é o que desencadeia o processo de parceria com as escolas.

Ainda com relação à preparação do público, em alguns depoimentos, vemos a importância de que os alunos das escolas leiam as obras dos autores com os quais têm contato: *“Foi importante a escola ter recebido exemplares da obra do autor, que estão sendo lidos pelos alunos da classe”*.

No depoimento de alguns professores, se vê que se prepararam, assim como aos seus alunos, para participar da atividade, tendo isso sido fundamental, de acordo com eles, para tirar um melhor proveito desta participação: *“Acredito que esta foi uma excelente oportunidade para nossos alunos expandirem o conhecimento e o gosto pela leitura. Jamais esquecerão o dia em que conheceram e conversaram com o autor de livros que eles leram durante meses! Projetos assim incentivam a leitura, as visitas à Biblioteca e desenvolvem em nossos alunos a capacidade leitora e escritora!”*; *“Nossos alunos já conheciam várias obras do autor e isso tornou tudo mais interessante e dinâmico”*.

Alguns autores dizem que a biblioteca estava preparada, mas o público não e mostram-se insatisfeitos com isso. Por outro lado, a maioria dos autores, que dizem que o público estava preparado para recebê-los, demonstra que, quando isso ocorre, a intervenção ocorre de forma muito mais interessante. Os autores associam a preparação do público com boas perguntas, participação atenta e qualificada, melhor aproveitamento e interação entre a história contada, o bate-papo e a platéia. Um autor diz sobre isso: *“O surpreendente foi o grande interesse dos professores que acompanhavam as crianças. A postura do professor é importante na preparação dos alunos para o encontro com o escritor. Muitas crianças eram leitoras e participaram de maneira ativa. A atuação da equipe foi perfeita”*.

Dado que o preparo do público favorece a escuta das histórias, a formulação de perguntas melhores, a qualidade da atenção e o sentido da experiência de encontro com os autores/contadores, nos questionamos se *a disponibilidade para preparar o público para o evento poderia, então, ser considerado como um critério importante para que uma biblioteca continue no Programa?* Em relação às Bibliotecas que estão entrando no Programa, talvez possa servir como um critério para estar atento ao longo do processo.

Produção do evento / andamento da atividade

Os autores manifestam-se satisfeitos com a recepção pela biblioteca: a média foi de 2,92 e os comentários fortalecem essa percepção: espaço adequado, boas instruções, equipe preparada. Ainda assim, alguns professores e convidados reclamam que o espaço era pequeno e o som não estava adequado. Uma minoria de autores e contadores diz ter sentido falta de iniciativa na equipe da biblioteca, por não ter separado livros que pudessem ter a ver com as histórias contadas, não terem providenciado livros do convidado ou mesmo não saberem responder se havia livros do autor na própria biblioteca onde trabalham!

Em sua grande maioria, em seus depoimentos, os autores consideram que as intervenções feitas pelo Viagem são ainda muito escassas tendo em conta a carência nos locais em que atuam. Depoimentos de muitos convidados demonstram isso: excesso de crianças nas apresentações, inclusive levando alguns autores/contadores a realizar mais de duas apresentações (o acordado com a SP Leituras) no mesmo dia. Isso mostra a pertinência do Programa e faz pensar se não seria o caso de expandir o seu alcance.

Em relação aos critérios orientadores da produção, um dos autores explicita quais são, para ele, os principais para o bom andamento do evento: *“espaço adequado e confortável; leitura prévia dos livros do convidado; existência de livros do convidado na biblioteca; participação dos professores no desenvolvimento do trabalho anterior; número de participantes adequado ao espaço. São essas as condições que decididamente garantem a boa qualidade do evento”*.

Preparo da biblioteca

Nota-se alguns bons desafios do Viagem em relação à preparação das bibliotecas para receber o programa. Chama atenção o fato de que muitas crianças tentam pegar nos livros ou emprestá-los para ler em casa, mas têm uma resposta negativa ou da bibliotecária ou da professora. Algumas, no momento de responder ao questionário, demonstram o desejo de levar livros, mas ao mesmo tempo não sabem como fazer isso (o que será explorado mais adiante). Importante constatar que o Viagem permitiu identificar essas questões e que, enquanto programa de dinamização da Biblioteca, traz à tona algumas demandas de formação das bibliotecas, como a de como receber o público dos eventos e aproveitar essas oportunidades. Por exemplo, aproveitar o momento da intervenção do Viagem Literária para falar sobre empréstimo de livros e criar ações para efetivamente emprestar livros para crianças e escolas que participam do evento.

Os depoimentos de professores expressam uma grande satisfação em relação à equipe e ao acolhimento oferecido pela Biblioteca: *“Encontros riquíssimos, cercados de cuidado e compromisso da equipe”*.

Alguns professores comentam que as bibliotecas não são “acessíveis” - destacam situações de cadeirantes e cegos. Talvez isso seja uma demanda que comece a surgir, dada a quantidade de pessoas que o Viagem atrai. Algo que pode também ser apontado e trabalhado com as Bibliotecas. Em depoimento, um professor diz: *“Pensando na inclusão... Verificar se a biblioteca atendida (projeto) tem setor braille. Se sim, é importante o envio de questionários impressos em Braille ou alguém para fazer audiodescrição. Independente de se ter o setor, é direito de todos o acesso à cultura. Temos que pensar na acessibilidade necessária”*.

3.2. Impactos das ações do Viagem na formação dos profissionais das bibliotecas

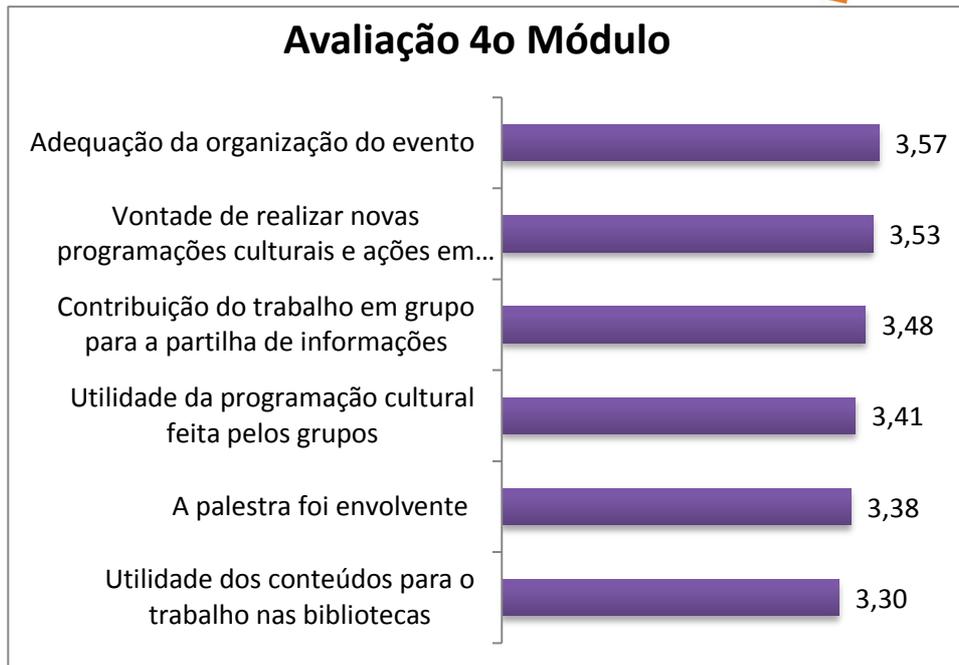
Na reunião inicial do VL, na qual estavam presentes equipes de praticamente todas as bibliotecas participantes do programa, chamou a atenção o quanto o processo proporcionado pelo programa, desde a produção, divulgação, estabelecimento de parcerias diversas, recepção do autor, e o evento em si, pode ser uma oportunidade de aprendizagem para as equipes das bibliotecas envolvidas.

Apesar dos depoimentos dados pelos profissionais neste dia reforçarem este aspecto, já destacado no relatório de avaliação do ano passado (o caráter formativo do programa), ficou claro que permanecem dúvidas importantes a serem trabalhadas nas próximas edições do Viagem como, para dar um exemplo bastante significativo, a diferença entre divulgação do evento do Viagem e o preparo e a formação de público/mediação de leitura. Talvez seja o caso de transpor essa questão para uma capacitação do SisEB.

Quando perguntados o que estavam fazendo para transformar o Viagem em um programa processual, ou seja, que tipo de preparo faziam dos públicos e instituições parceiras antes do evento ocorrer e como têm conduzido uma continuidade depois, as equipes das bibliotecas deram exemplos principalmente de como haviam divulgado o programa para atrair diversos públicos. Ficou explícito, assim, que estavam confundindo formação de público e divulgação. Portanto, este é um ponto importante de ser discutido com as equipes das bibliotecas, para que o programa alcance seu objetivo último que é dinamização das bibliotecas e a formação de leitores e que seja compreendido como uma ação contínua e não apenas um conjunto de eventos.

O último módulo do Viagem Literária (observado pela equipe de avaliação), tem um caráter expressamente formativo, sendo um momento fundamental tanto para que as equipes das bibliotecas possam compartilhar experiências, quanto para que a SP Leituras tenha a oportunidade de realizar uma leitura sobre as demandas e pautar o planejamento da edição seguinte do programa.

Os dados mostram que, de maneira geral, o módulo foi bem avaliado, especialmente a organização do evento e o trabalho em grupos desenvolvido entre os participantes:



Aparentemente o Módulo também produziu motivação entre os participantes, já que eles saíram com vontade de realizar novas ações culturais e ações em bibliotecas. O quesito menos bem avaliado foi a utilidade com que viram os conteúdos para suas bibliotecas. O que parece contraditório, podendo ser checado com os próprios respondentes em uma próxima oportunidade de encontro presencial coletivo.

A equipe de avaliação esteve esse dia e a partir da observação do encontro, algumas questões podem ser levantadas, justamente com o intuito de contribuir para que o encontro se desdobre como aprendizado para a própria equipe do Viagem.

A primeira delas diz respeito ao fato de que a formação dos profissionais das bibliotecas tenha sido, neste dia, focada na questão da programação cultural - e partindo do pressuposto de que as culturas locais são um foco importante para o desenvolvimento de atividades nas diferentes bibliotecas. Cabe, agora, tentar compreender como re-focalizar a questão da literatura e da mediação de leitura depois desse quadro ampliado de compreensão do papel dinamizador da biblioteca e deixar mais claro os passos dados no sentido da formação de leitores (os passos poderiam ser pensados, por exemplo, da seguinte forma: identificar cultura local - dinamizar biblioteca - criar de ambiente leitor - formar leitores?).

Uma segunda questão diz respeito ao caráter estratégico que este tipo de encontro promovido pelo Viagem, nos quais todas as bibliotecas se reúnem presencialmente, pode assumir como oportunidade clara de diagnóstico e de leitura sobre a situação das bibliotecas no estado de São Paulo. Dito de outra forma, como esses eventos podem alimentar o programa efetivamente, desde o seu planejamento estratégico, sua avaliação, entre outros?

Uma terceira questão diz respeito ao monitoramento dos impactos gerados pela participação no quarto módulo: até que ponto as equipes das bibliotecas vão, efetivamente, criar programações culturais inspiradas por essa participação? O olhar das bibliotecas para a questão da cultura local efetivamente mudou - ou as bibliotecas já tinham um olhar atento para isso?

Neste sentido, nas pesquisas qualitativas a respeito do quarto módulo, chama atenção o fato de que muitas equipes dizem ter saído motivadas a realizar um projeto específico em suas bibliotecas, inclusive já tendo colocado o projeto no planejamento da biblioteca de 2015.

Alguns participantes do quarto módulo dizem, nas pesquisas, que gostariam de ter podido *“discutir mais pontos sobre o Viagem Literária”* e que *“o momento mais importante foi o de troca de experiências entre as equipes das bibliotecas”*. Importante atentar para estes conteúdos, já que os momentos de encontro entre as bibliotecas e dessas com a equipe da SPLeituras são raros - e, aqui, parece estar sendo apontada a necessidade de haver um espaço para que o próprio programa seja colocado em pauta, sistematizado, refletido e planejado conjuntamente.

3.3. Impactos das ações do Viagem no uso e dinamização das Bibliotecas

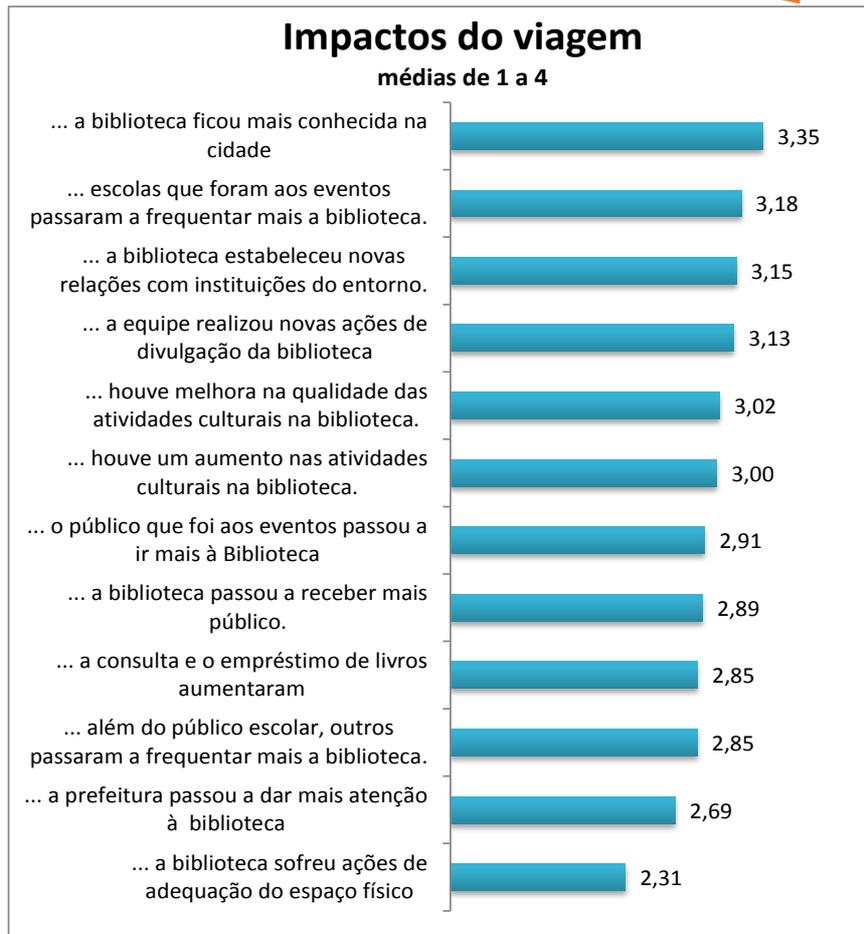
Antes de mais nada, é necessário dizer que a satisfação com as intervenções do Viagem é grande em todos os segmentos - crianças, jovens, adultos, professores e equipes das bibliotecas: em sua grande maioria, os eventos aparecem como cativantes, interessantes, dinâmicos, agradáveis. As atividades mostram-se, portanto, relevantes sob muitos aspectos.

Em relação às crianças, chama atenção o fato de que muitas delas, com a oportunidade dada pelo programa, entram pela primeira vez em uma Biblioteca e/ou em contato com o universo da leitura e da literatura. Algumas crianças disseram, em depoimentos coletados pelos questionários: *“Não sabia que as crianças podiam visitar a biblioteca”*. Diversos autores comentam sobre a importância do evento ser na biblioteca: *“Sem dúvida [o aspecto mais relevante da intervenção foi] a apropriação pelas crianças e professores do espaço privilegiado da biblioteca”*. Um outro autor coloca essa dimensão da apropriação da biblioteca em termos muito interessantes, dizendo que para ele *“a ocupação da biblioteca é o aspecto mais relevante, pois mostra uma articulação entre a secretaria, a escola e a equipe da biblioteca”*.

É muito comentado, tanto pelas crianças, quanto por seus professores, o quanto elas se sentem, ao participar do evento, *“pertencentes”* à Biblioteca - alguns dizem ter descoberto que a Biblioteca também é feita para eles. Uma criança escreveu, em seu questionário *“Queria agradecer por vocês chamarem a minha classe para fazer parte da biblioteca”*. Esse tipo de sensação tem uma relação intrínseca com o desejo de voltar à biblioteca (e está diretamente relacionada com a questão do direito à cidade, da abertura dos acessos). O depoimento de outra criança ainda chama atenção por fazê-la sentir vontade não apenas de ouvir mais histórias e ir mais à biblioteca, mas também de *“fazer mais histórias”*.

O questionário de impacto do Viagem foi direcionado às 80 Bibliotecas que acolheram os eventos e participaram de todo o processo. Dessas 80, 53 responderam ao questionário (em quatro delas, duas pessoas da mesma biblioteca) e 27 não.

A análise desses questionários aponta que a principal mudança é no conhecimento da Biblioteca. Os participantes reconhecem que, a partir do evento, a Biblioteca passou a ser mais conhecida na cidade. Esse também havia sido o principal resultado apontado em 2013. Vemos que a estratégia mais básica de dinamização do Viagem - de oportunização de um evento na biblioteca da cidade - mostra ser efetiva e reconhecida.



De maneira geral, as informações de 2014 se assemelham às de 2013: além do principal resultado apontado acima, outro resultado reconhecido é o estreitamento de relações da biblioteca com a escola e com outras organizações do entorno. Além disso, resultados que parecem encontrar mais dificuldades de serem alcançados são a adequação do espaço físico da biblioteca e a Prefeitura Municipal voltar sua atenção de forma mais consistente à biblioteca. Ambos foram resultados com médias mais baixas, tanto em 2013, como em 2014.

Em diversos depoimentos nos questionários, destaca-se o desejo de voltar à biblioteca por parte do público. Comentários como *“resolvi fazer a carteirinha”* ou *“vou pedir para a minha mãe me trazer na biblioteca”*, demonstram isso. Uma bibliotecária diz ter se surpreendido, pois muitas crianças voltaram em outros períodos acompanhadas dos pais e *“comentando sobre o bate-papo, pontos que chamaram a atenção e, principalmente, querendo saber do próximo módulo quando será”*.

Muitas bibliotecárias dizem, em seus relatórios de impacto, que a biblioteca ficou mais conhecida na cidade e confirmaram que, no período que sucedeu o evento, muitos alunos voltaram para fazer o registro na Biblioteca.

Uma outra questão a ser refletida e que aparece nos resultados da avaliação, diz respeito ao fato de professores pedirem mais espaço, mais eventos, mais tempo de atividade, etc. Apesar de um bom sinal de satisfação, é necessário trabalhar esse aspecto para que tanto bibliotecas, quanto escolas, possam inspirar-se no Viagem ao criar e implementar parcerias autônomas, interessantes e duradouras e que tenham,

nas diversas formas de mediação dos livros e histórias, uma fonte inesgotável de invenção.

Este aspecto tem muito a ver tanto com a “preparação da equipe”, quanto com a “preparação do público” já mencionados, não somente para o evento específico promovido pelo programa, mas para que passe a frequentar a biblioteca depois do Viagem. Caberia ao Programa colaborar para a formação dos profissionais das bibliotecas neste sentido, ou seja, ajudá-los a sistematizar a experiência vivida, as dificuldades enfrentadas e as demandas que surgiram a partir do processo instaurado pelos eventos, tendo em vista a continuidade das parcerias firmadas e do contato com os públicos que passaram a frequentar as bibliotecas depois do Viagem? Como isso poderia ser feito é algo a ser pensado, se fizer sentido, mas uma possibilidade pode ser o Quarto Módulo.

Dizem os professores que sentem falta de ir mais frequentemente à biblioteca, de poder levar mais turmas, de levar, em última instância, toda a escola: *“O ambiente era pequeno para o evento, poderia ser maior para toda escola participar”*; *“O Viagem poderia ser oferecido com maior frequência”*; *“As crianças deveriam ser convidadas e estimuladas a irem na biblioteca não apenas na época do Viagem Literária”*; *“A biblioteca cumpre sua missão satisfatoriamente. Apenas é preciso que as escolas públicas tenham mais acesso aos encontros”*.

Os professores também mostram-se satisfeitos com a parceria mais ampla estabelecida entre a biblioteca e a escola, inclusive no sentido de aproveitar conteúdos e novas estratégias em sala de aula: *“Tenho muito, mas muito mesmo a dizer! Tive o privilégio de conhecer a Biblioteca no ano passado e desde então fui acolhida de maneira carinhosa e personalizada, sendo informada constantemente à respeito de materiais e programações pertinentes aos projetos oferecidos pela Biblioteca, compatíveis com o trabalho que realizo. Já participei de eventos oferecidos pela Biblioteca e todos de excelente qualidade. Quanto aos materiais, são variados, atualizados, organizados e em ótimo estado, mesmo os mais antigos. Porém, a maior riqueza da Biblioteca não são os livros! São as pessoas, a equipe que está sempre disponível, fazendo a gente ter vontade de voltar sempre... Só tenho a agradecer!”* Esse depoimento demonstra que a equipe das bibliotecas em geral está bem preparada para receber/acolher as crianças e professores.

Muitos professores sugerem que a biblioteca também vá às escolas, e não somente a escola à biblioteca, o que pode ser uma forma interessante de continuidade do trabalho em parceria entre as bibliotecas e as escolas e algo que pode ser comentado pela equipe do Viagem com as equipes das bibliotecas, sem necessariamente esta equipe assumir qualquer tipo de ação nesse sentido.

É importante ressaltar que a equipe do Viagem já tem identificando a questão de como promover autonomia e continuidade das ações para que as bibliotecas promovam suas próprias atividades culturais a partir do aprendizado adquirido com o Viagem. Neste sentido, um professor deu a ideia de levar escritores da região para a biblioteca, para que o programa possa ter continuidade ao longo de todo ano. Muitos professores demonstram ter consciência de que participar do Viagem aproxima a escola da Biblioteca e de que *“A parceria entre escola e biblioteca é muito importante”*.

De qualquer forma, já é perceptível uma mudança nas cidades, já que diversos bibliotecários comentam que a partir do Viagem deu para estabelecer e manter contato com escolas que passaram a incentivar os seus alunos a conhecerem a

biblioteca e com os professores que desenvolvem atividades ligadas à literatura. Além disso, muitos dizem que o público em geral gostou muito, o que atraiu outros leitores e que a biblioteca passou a ter uma *“maior participação da comunidade”*.

Uma bibliotecária diz que a Biblioteca deixou de ser somente um local de empréstimo de livros, *“passamos a desenvolver eventos culturais no espaço, como: bate-papo, jogos interativos, roda de leitura, exposições, exibição de filmes e curtas, dramatização de histórias infantis e saraus entre outros”*.

3.4. Impactos das ações do Viagem na formação de leitores

O fato de poder conhecer um autor aparece como uma experiência nova e marcante para muitos jovens e adultos (inclusive, para os professores que acompanham crianças e jovens). Diversos jovens e adultos dizem que o Viagem foi importante porque *“Foi realmente uma Viagem! Foi uma aventura interagir com uma autora”*; *“O bate-papo com a escritora foi informativo, mas não só por conhecer a autora, e sim sua vida e também sobre literatura, português, a dificuldade de ser escritora e seus benefícios”*; *“Foi muito importante ter contato com um autor de um livro que li”*. Conhecer um autor se mostra importante na medida em que permite com que os públicos possam *“entender o porquê o escritor optou por escrever o livro”* ou *“É muito legal trazer autores de livros que temos em nossas bibliotecas!”*.

Todas essas falas sugerem que, tanto em termos de conteúdo, quanto em termos cognitivos, é fundamental o encontro com autores porque isso permite conhecer a forma de pensar de um criador, o seu processo criativo, estratégia de estímulo tanto à recepção, quanto à produção cultural. Diz um jovem que *“Os comentários dos autores nos inspiram a continuar estudando e a desenvolver nosso próprio futuro”*. Um autor também comenta esse tipo de sensibilização promovida pela atividade: *“Percebo sempre que em minha atividade as crianças e jovens se aproximam querendo mostrar textos. Noto também um crescente interesse por professores em participar de oficinas de contação para incorporar às atividades diárias nas escolas”*.

Muitos jovens e adultos associam essa oportunidade de desmistificar a figura do “artista” - vendo que ele é uma pessoa e que, portanto, todos podem vir a ser artistas -, a uma descoberta do “mundo da leitura”: *“Parabéns! É importante mostrar que por “detrás” de um livro, existe uma pessoa ‘real’ que escreve. Fiquei com vontade de escrever também”*. A partir disso, diversos jovens dizem ter podido entender muito melhor o que é leitura, como funciona esse universo, o que é ser um escritor, em falas como: *“Gostei muito de ter ido e poder entender um pouco sobre o mundo da leitura, ter uma visão melhor das coisas, do mundo”*, *“Gostei muito da atividade pois proporcionou a resolução de muitas dúvidas quanto à leitura”*; *“Eu nunca tinha ido à Biblioteca. Gostei muito de lá e gostei de saber a opinião de um autor. E saber de onde vêm as ideias para criar os livros”*.

Além disso, poder ter lido livros dos autores com os quais têm contato antes, ou poder lê-los depois, são aspectos que aparecem muito e que tornam, por sua vez, o Viagem ainda mais relevante para todos (públicos, professores, equipes das bibliotecas): *“Achei legal a Biblioteca ter vários exemplares dos livros dela, pois nos dá mais oportunidade de conhecer suas obras e de outros autores famosos que estão nos abrindo para o mundo”*.

Os dados do questionário de impacto também mostram que o principal resultado do Viagem Literária para todos os participantes (crianças, professores das crianças,

jovens, professores dos jovens e adultos) foi a vontade de voltar à biblioteca onde foi realizada a ação:



Outros dados interessantes foram os relacionados com os professores das crianças e dos jovens: de modo geral os resultados relacionados ao aumento do interesse deles pela biblioteca e pela leitura, e de promover mais ações com elas junto aos seus alunos foram bem significativos. Por exemplo, a contribuição da atividade para o desenvolvimento de outras atividades em sala de aula, a vontade de trazer novamente os alunos à biblioteca e de ler para os alunos.

Diversos professores apontaram que, depois de participarem do Viagem, puderam trabalhar temas e conversas decorrentes da atividade com os alunos em sala de aula: “O Viagem contribui muito para a sala de aula”; “O Viagem rendeu em sala de aula, através de vários comentários dos alunos”; “Incentivou meus alunos à leitura e o fato de poder bater um papo com autores reforça e aprimora a atividade leitora”. E diversos comentam o quanto a atividade foi importante não somente para as crianças, mas também para eles - pessoalmente e estimulando-os a lerem e contarem mais causos para as crianças. Alguns professores dizem claramente: “Fiquei com vontade de ensinar literatura para as crianças”, “A atividade me estimulou a ler mais para as crianças”.

Vemos, portanto, que os resultados com os professores foram consistentes, já que emergiram de diferentes formas, tanto no reconhecimento da metodologia, como no reconhecimento de mais interesse pela biblioteca, assim como no estreitamento da relação da escola com ela.

No entanto, curiosamente, os resultados indicados com menores médias foram os relacionados com o aumento da vontade de ler e de levar livros emprestados, por parte de crianças, jovens e adultos. Novamente emerge a questão sobre como estreitar a relação dos eventos e a promoção da leitura e do livro propriamente dito.

Alguns autores, porém, mencionam que a sua intervenção teria cumprido a função de sensibilizar as crianças e jovens, assim como os professores para a leitura, como podemos ver no depoimento de um dos autores: *“A professora ‘brincava’ que eles gostavam muito de ler (ironizando), e mais tarde disse que eles sempre reclamavam do momento da leitura em sala. Espero ter contribuído um pouco para amenizar este olhar negativo sobre algo tão prazeroso que é a leitura”*.

Alguns autores/contadores sugerem que esse grande interesse dos públicos pelo que dizem, é gerado quando há uma contextualização da obra a partir das histórias de vida dos autores: *“Penso que o resultado mais relevante destas duas ações que realizamos é sempre o contato do público com a história de vida destes dois escritores tão importantes para a literatura brasileira. Também o contato com a obra dos mesmos. Tivemos alguns depoimentos dos educadores de que aprenderam e reaprenderam a olhar para estes dois autores. Aqui um exemplo: ‘Obrigada, amei, a gente conta história na sala de aula, mas é muito diferente...dá vontade de contar mais agora, inspirada em vocês! E quanta riqueza tem a vida das pessoas, às vezes a gente lê uma obra porque nos mandam, mas quando sabemos de tudo que acompanha, a leitura fica mais legal’”*.

Para muitos dos professores que responderam aos questionários, a satisfação com as atividades é evidente - a grande maioria sai muito feliz com tudo e mesmo inspirada pelas histórias contadas. Muitos professores dizem também ter percebido que seus alunos saíram da contação de histórias *“com vontade de ler os livros e procurar as histórias que foram contadas”*. Alguns professores e alunos comentam, inclusive, que fizeram a carteirinha da biblioteca ou que ficaram com vontade de fazê-la. Na opinião de um professor, *“A contação de histórias é sempre um ótimo recurso para incentivar a leitura”*. A questão talvez resida no quanto a satisfação com a atividade, o momento inspirador da história, a atividade em si, realmente consigam produzir também uma aproximação com o livro e a leitura.

O depoimento de algumas crianças mostram o desejo de ter mais contato com os livros - algo que foi despertado pelo Viagem: *“Eu queria ver mais livros na biblioteca”*; *“Eu queria ir mais à biblioteca só para ver e ler livros. Eu gostei das histórias e quero voltar mais vezes para ver os livros que ouvi”*. Muitos professores dizem, em seus depoimentos, que as crianças e jovens buscaram informações a respeito de como retirar livros da biblioteca depois da atividade. Nos depoimentos das crianças e jovens, isso é reforçado; mesmo nos casos em que eles tentam obter essa informação ou retirar livros das bibliotecas e não conseguem, por falta de permissão seja da equipe da biblioteca, seja da professora: *“A atividade aguça a busca por leitura nas crianças e adultos, que ao fim do bate-papo procuraram a Biblioteca para emprestar livros. É sempre importante este tipo de atividade onde o livro seja o foco e a busca por leitura seja incentivada”*; *“Foi notável a atenção das crianças ao autor, interagindo e perguntando bastante. O escritor foi bem acessível a todos. Após a atividade diversas crianças procuraram se informar sobre como retirar livros da Biblioteca”*.

Muitos contadores/autores comentam que, logo após as atividades, as crianças e jovens saíram perguntando sobre livros e como retiravam livros. Alguns autores disseram em depoimento que os aspectos mais relevantes de sua intervenção haviam sido: *“Ver uma criança de 11 anos perguntando para a funcionária da biblioteca*

quais livros mais tinham poesia. Ver as crianças com os livros do Machado na mão”; “Acho que [o mais relevante da minha intervenção] foi eu dizer que eles poderiam fazer a carteirinha e retirar livros, foi muito importante. Porque, como constatei, em quase todas as cidades, as crianças não sabem que podem usar a biblioteca e, principalmente, levar livros para casa. No final do encontro, um menino veio até a mesa e me disse: ‘É verdade que posso retirar livros e levar para casa?’ ‘Claro que sim’, eu disse. Ele ficou com o olhar desconfiado e completou: ‘mas eu sou da roça!’”.

Passado dois meses de término do programa, algumas bibliotecárias dizem que as escolas que participaram das atividades e têm suas próprias bibliotecas, estão comentando que *“os alunos passaram a ler mais utilizando os livros da própria escola”*.

De qualquer forma, é interessante atentar para os indicadores de satisfação e impacto a partir dos convidados estabelecendo, com isso, uma forma de compreensão do que ocorre com o público e com a biblioteca quando a atividade está mais próxima de uma mediação de leitura que use o livro diretamente; e quando está, por outro lado, mais próxima da contação de histórias (que prescinde do objeto livro, pelo menos mais imediatamente). Também é interessante atentar para as diferenças entre a satisfação com a atividade e impacto nas bibliotecas e suas equipes nos casos em que os contadores são escritores e nos que os contadores não são escritores - por exemplo, quando são atores, mas não escritores. Com isso, pode-se ter mais clareza de quais impactos cada tipo de atividade tem na formação de leitores e na dinamização da biblioteca.

3.5. Síntese das reflexões do Viagem

- Vemos que o Módulo adulto, de modo geral, foi aquele em que os convidados/ autores avaliaram menos positivamente, assim como o próprio público. Isso pode estar relacionado com uma maior criticidade por parte desse público e também com algum elemento metodológico do próprio programa com os adultos.

- Nota-se alguns bons desafios do Viagem em relação à preparação das bibliotecas para receber o programa. Chama atenção o fato de que muitas crianças tentam pegar nos livros ou emprestá-los para ler em casa, mas têm uma resposta negativa ou da bibliotecária ou da professora. Algumas crianças demonstram o desejo de levar livros, mas ao mesmo tempo não sabem como fazer isso.

- No encontro inicial que inaugurou o VL em 2014, foram detectadas dúvidas importantes de serem trabalhadas nas próximas edições do programa com as equipes das bibliotecas, como a diferença entre divulgação (neste caso, do VL) e formação de público/mediação de leitura. Este tema poderia ser levado como capacitação para o SisEB.

- No evento inicial do Viagem, em relatos das equipes das bibliotecas a respeito de como haviam escolhido os públicos no ano passado e como estavam sendo escolhidos este ano, os critérios eram muito variados, indo desde uma parceria antiga com a biblioteca, até instituições que têm menos oportunidades do que outras. Em relação ao público alvo, cabe então levantar uma questão, relacionada com os critérios de escolha dos públicos para os eventos: *do ponto de vista do VL, enquanto Programa, seria importante ter critérios de referência para a escolha dos públicos para os eventos? Como fazer para que a equipe do Viagem possa ter acesso aos critérios*

utilizados pelas bibliotecas, ao menos para que esta seja uma questão a ser conversada com as equipes das bibliotecas, se for o caso? A questão dos critérios para a escolha dos públicos não é menos relevante se levarmos em conta o impacto do programa no uso da biblioteca. Neste sentido, os públicos selecionados para participarem das ações refletem impactos diferentes na intensidade das parcerias firmadas e, portanto, no uso posterior das bibliotecas.

- Interessante atentar para os indicadores de satisfação e impacto a partir dos convidados estabelecendo, com isso, uma forma de compreensão do que ocorre com o público e com a biblioteca quando a atividade está mais próxima de uma mediação de leitura que use o livro diretamente; e quando está, por outro lado, mais próxima da contação de histórias (que prescinde do objeto livro, pelo menos mais imediatamente). Também é interessante atentar para as diferenças entre a satisfação com a atividade e impacto nas bibliotecas e suas equipes nos casos em que os contadores são escritores e nos que os contadores não são escritores - por exemplo, quando são atores, mas não escritores. Com isso, pode-se ter mais clareza de quais impactos cada tipo de atividade tem na formação de leitores e na dinamização da biblioteca.

- Chama atenção o fato de que professores e alunos comentam que sentiram vontade não apenas de escutar mais histórias, mas também de criar uma biblioteca, de fazer histórias, de serem contadores ou escritores, o que mostra que o Viagem incentiva não apenas a recepção de leitura, histórias e literatura, mas também a sua produção e a produção de espaços para tal (bibliotecas comunitárias).

- É preciso efetivamente potencializar o contato dos públicos com o espaço da biblioteca e seu funcionamento nesta oportunidade aberta pelo Viagem. Esse aspecto cabe às equipes das bibliotecas, podendo a equipe do Viagem orientá-las neste sentido.

- Muitos professores, público adulto e autores comentam que o Viagem deveria ter sido melhor divulgado e que sentiram falta de outros públicos da cidade, “a comunidade em geral”.

- Nas pesquisas qualitativas a respeito do quarto módulo, chamaram atenção alguns pontos específicos. Alguns participantes dizem que gostariam de ter podido *discutir mais pontos sobre o Viagem Literária* e que o momento mais importante foi o de troca de experiências entre as equipes das bibliotecas. Importante atentar para este conteúdo trazido pelas equipes, já que os momentos de encontro entre as bibliotecas e dessas com a equipe da SP Leituras são raros e aqui parece estar sendo apontada a necessidade de haver um espaço também para que o próprio programa seja colocado em pauta, sistematizado, refletido e planejado conjuntamente.

- Finalmente, os resultados do Viagem foram notáveis com os professores e na aproximação da escola com a biblioteca. A metodologia parece inspirar novas atividades e princípios em sala de aula, assim como inspirar os professores a lerem mais e levarem mais os alunos à biblioteca. A formação de professores não é um resultado focado pelo Programa, mas se mostra um resultado inesperado muito positivo, tomando-se como referência os objetivos centrais de formação de leitores e dinamização da biblioteca. Neste sentido, pergunta-se se faria sentido um dos critérios de escolha das bibliotecas parceiras ser a disponibilidade de estabelecer parcerias com as escolas.

VI. BVL

1. O desenvolvimento do processo avaliativo em 2014

Em 2014, o processo avaliativo na BVL esteve focado em atividades de diagnóstico local, que aconteceram no parque e a partir de uma leitura de dados secundários do entorno do parque Villa Lobos, onde está agora situada a BVL e também uma pesquisa de campo realizada com frequentadores do Parque Villa Lobos, na busca de compreender, fundamentalmente, quem pode ser usuário em potencial da BVL e que estratégias podem ser utilizadas para que esse potencial se realize. A equipe de Serviço Social, assim como da Programação da BVL estiveram empenhadas em conhecer os atores locais e realizar os estudos de levantamento de informações. O Instituto Fonte apoiou essas iniciativas, tanto na pesquisa de informações secundárias, planejando a pesquisa com frequentadores do Parque, ajudando a elaborar instrumentos de coleta e promovendo discussões sobre questões que poderiam ser importantes no mapeamento do entorno.

A lógica construída levou em consideração o recorte de possíveis públicos que poderão vir a frequentar a BVL, enfocando: o perfil dos frequentadores do Parque Villa Lobos, os moradores e frequentadores do entorno e o público de outras regiões da cidade que possam ter acesso facilitado à BVL pelo Sistema de Transporte Metropolitano. Dessa forma, os levantamentos foram abrangentes, mas também direcionados a um objetivo claro, de fomentar o trabalho da BVL quanto ao público com o qual deverá atrair e lidar.

2. A coleta de informações em 2014

Dois estudos foram realizados:

- 1) O primeiro, um levantamento a partir de dados secundários sobre organizações e possíveis parceiros no entorno; e,
- 2) Uma pesquisa a partir de dados primários com frequentadores do PVL.

Algumas perguntas orientaram esta coleta e as análises dessas informações:

- Quem é público em potencial da Biblioteca Villa Lobos entre os frequentadores do entorno e do PVL?
- Quais os seus interesses e como podem vir a ser frequentadores da BVL?

Mapeamento a partir de dados secundários

Foram consultadas as seguintes fontes de informação:

- A página do Parque: <http://parquevillalobos.sp.gov.br>
- Relatório da pesquisa “PESQUISA DE FREQUENTADORES”, disponibilizada ao IF pela SP leituras,
- Indicadores do Município de São Paulo: Movimento Nossa São Paulo, INDICADORES BÁSICOS da Cidade de São Paulo 2009: <http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/files/CadernoIndicadores2009.pdf> e Quadro da Desigualdade em São Paulo:

http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/Quadro_da_Desigualdade_em_SP.pdf

- Estudos e simulações no Google Maps
- Estudos no mapa de transporte metropolitano:
http://www.cptm.sp.gov.br/e_images/geral/mapa_popup.asp e
http://www.cptm.sp.gov.br/E_REDECPTM/REDE/default.asp
- Sistema Municipal de Bibliotecas:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/fale_conosco/index.php?p=223
- Serviços de Cultura do Município:
<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/servicos/index.php?p=541>
- Serviços de Educação:
<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/AnonimoSistema/BuscaEscola.aspx?source=/default.aspx>
- Telecentros:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/inclusao_digital/
- Mapas de São Paulo: <http://www.sp-turismo.com/mapas.htm>, <http://www.sp-turismo.com/capital-sp.htm>

Pesquisa com frequentadores do Parque Villa Lobos

O questionário foi elaborado com apoio do Instituto Fonte e a sua realização envolveu um estudo prévio dos diferentes locais do Parque e os perfis específicos que cada localidade atrai. A partir desse estudo prévio, a coleta de dados foi arquitetada de forma a englobar a diversidade de locais, de forma a mapear a diversidade de públicos também. Ou seja, a coleta foi pensada de forma a não termos um viés relacionado ao uso específico dos diferentes públicos nos diversos espaços. A equipe de serviço social e de atendimento em formação, coordenada por Sueli Motta, montaram uma escala com metas de entrevistas em diferentes dias da semana, períodos do dia e localidades, que foi seguida à risca para a obtenção de dados significativos.

Foram realizadas 798 entrevistas, distribuídas da seguinte forma:

Local	N entrevistas
Bosque entre a área de piquenique e vai pela sombra - M	40
Bosque entre a área de piquenique e vai pela sombra - T	40
Estacionamento/ Entrada de carros - M	10
Estacionamento/ Entrada de carros - T	10
Lançonete do portão 3 - M	5
Lançonete do portão 3 - T	5
Lançonete perto do Parquinho do Pomar - M	30
Lançonete perto do Parquinho do Pomar - T	30
Lançonete perto do portão 3 - M	25
Lançonete perto do portão 3 - T	25
Parque do Pomar - M	22
Parque do Pomar - T	7
Parquinho da Figueira - M	21
Parquinho da Figueira - T	18
Pipas Exóticas - M	16
Pipas Exóticas - T	14
Pista - M	8

Pista - T	7
Pista que sai do portão 2 e vai até a Ilha Musical - M	30
Pista que sai do portão 2 e vai até a Ilha Musical - T	32
Pistas - M	8
Pistas - T	7
Portão 01 - M	56
Portão 01 - T	54
Portão 02 - M	56
Portão 02 - T	54
Portão 3 - M	56
Portão 3 - T	34
Quadras (3,4,5 e 37) - M	40
Quadras (3,4,5 e 37) - T	38
Total	798

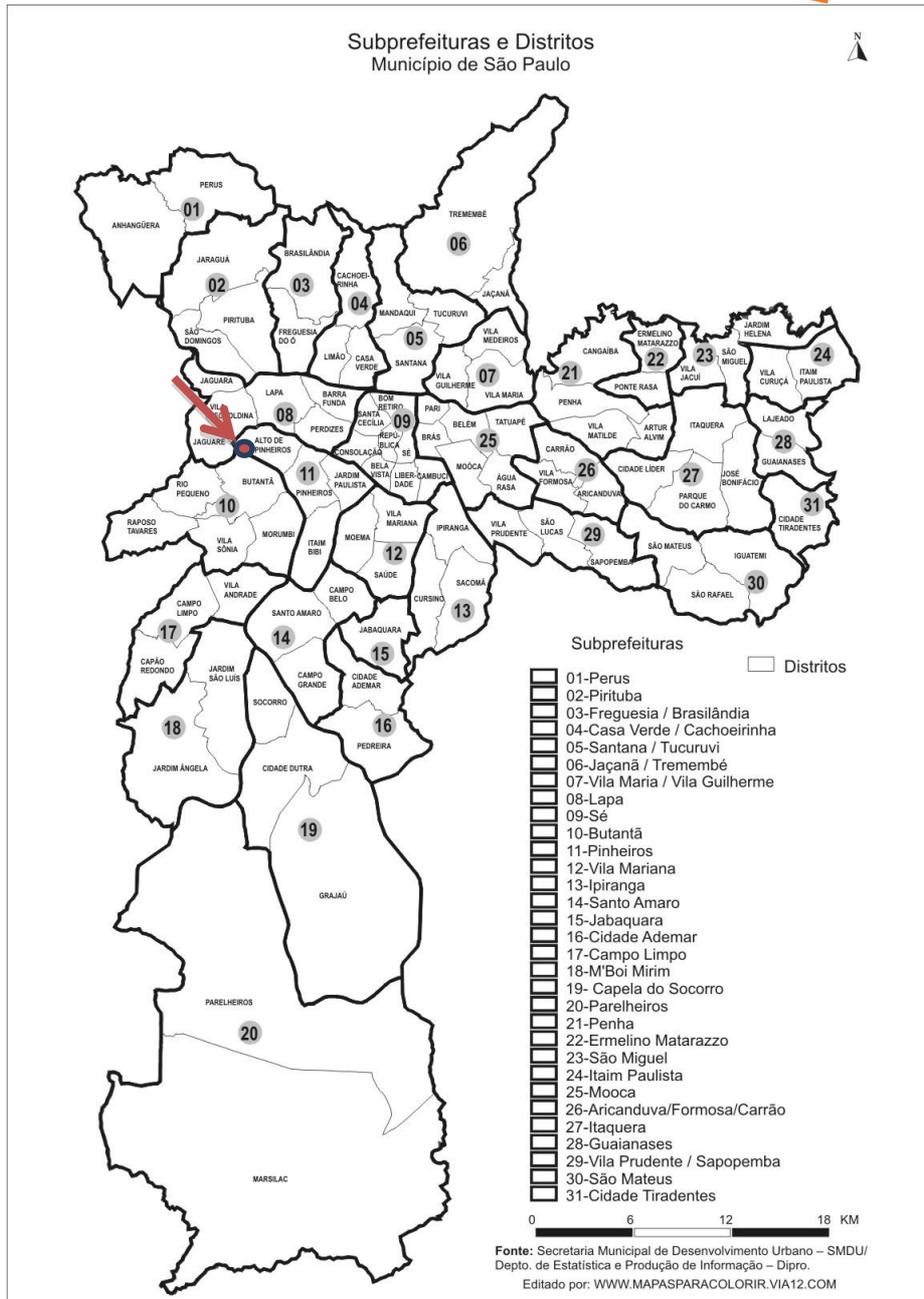
Dia da semana	N entrevistas
Domingo	200
Terça-Feira	100
Quarta-feira	99
Quinta-feira	99
Sexta-Feira	100
Sábado	200
Total	798

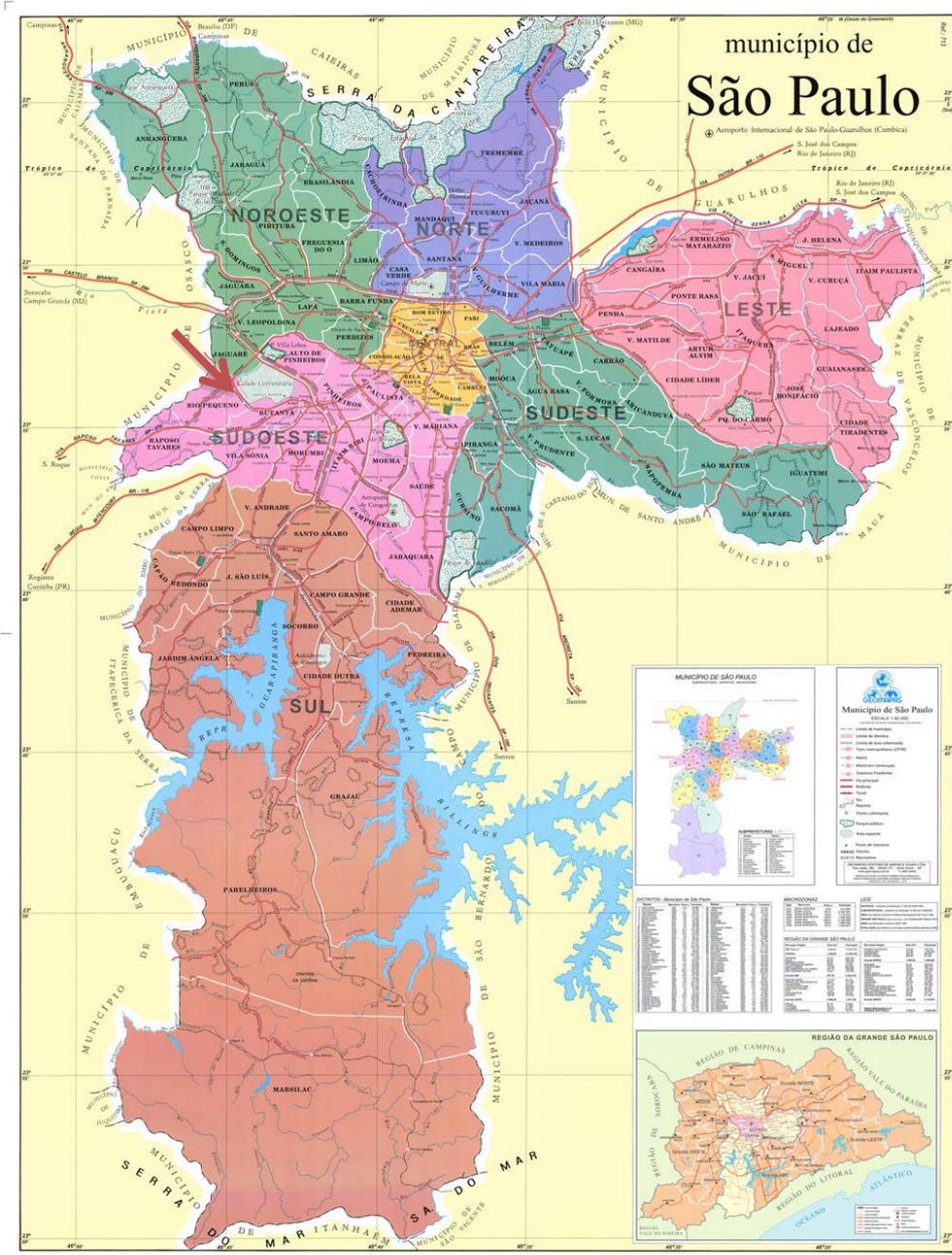
3. Achados

3.1. Estudo a partir de dados secundários

O público em potencial da Biblioteca se divide entre os atuais freqüentadores do Parque Vila Lobos e os não freqüentadores do parque que a própria Biblioteca poderá atrair através de seus serviços e atividades. Aparentemente, o perfil desses dois “grupos” poderá ser bastante diferente, se a Biblioteca oferecer atrativos e acesso a serviços que não existem no entorno do Parque.

O Parque fica em frente à Cidade Universitária e ao lado do shopping Villa Lobos, dentro da área da Subprefeitura de Pinheiros, no distrito de Alto de Pinheiros, Zona Oeste de São Paulo, também na fronteira entre as subprefeituras da Lapa e do Butantã. Os mapas abaixo localizam o Parque em relação à Cidade de São Paulo. O primeiro em relação às unidades administrativas das Subprefeituras, o segundo em relação às regiões da cidade.





Potenciais usuários pelo acesso

O fato de estar próximo à Estação de Trem Jaguaré-Villa Lobos pode indicar uma maior frequência de usuários com acesso à essa linha de trem, que une Osasco (Estação Osasco, onde a linha se interliga com a Linha Diamante da CPTM) à Zona Sul da Cidade de São Paulo (Estação Grajaú). A Linha esmeralda de trem também é a única que interliga a linha Lilás do Metrô com o sistema de transporte metropolitano de São Paulo (na estação Santo Amaro), havendo um potencial de acesso pela Zona Sul da Cidade também por essa via.

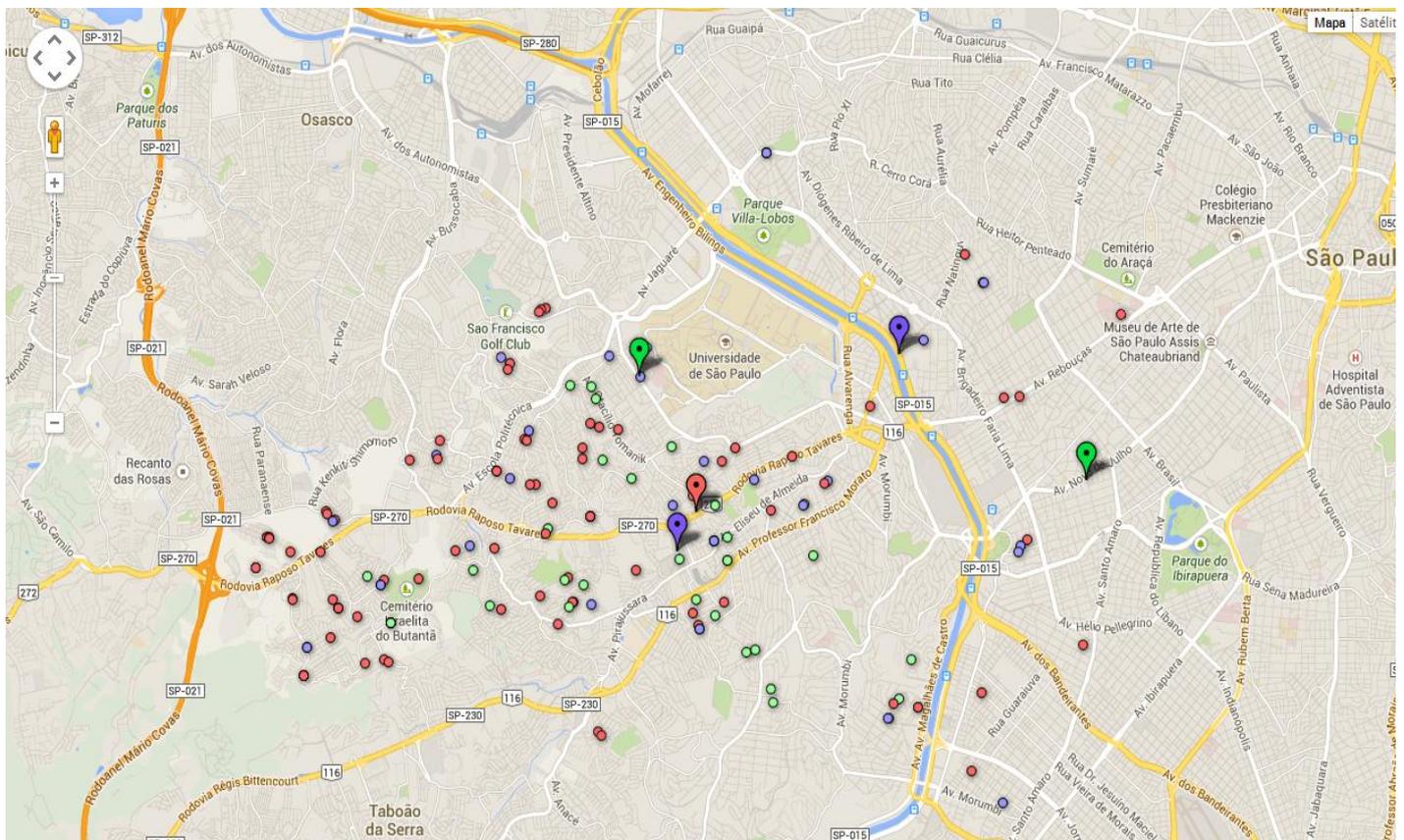
Potenciais usuários pelos serviços oferecidos

Apesar de que “O projeto original, elaborado pelo Arquiteto Décio Tozzi, previa uma ‘cidade da música’” (site do parque); o Parque oferece basicamente sua infraestrutura e uma programação de atividades.

Atualmente, “o parque, que abrange uma área de 732 mil m², possui ciclovia, quadras, campos de futebol, ‘playground’ e bosque com espécies de Mata Atlântica. A área de lazer inclui ainda aparelhos para ginástica, pista de cooper, tabelas de ‘street basketball’ e um anfiteatro aberto com 750 lugares, sanitários adaptados para deficientes físicos e lanchonete”. Ou seja, o parque é voltado principalmente para as práticas de esporte, lazer e relaxamento. Na agenda vemos uma programação com aulas de Yoga, futebol, monitoria ambiental e apresentações musicais no anfiteatro e ao ar livre no parque, além de oficinas de orquídea. Não é arriscado dizer que a programação cultural do Parque ainda é tímida e que a Biblioteca representará um incremento muito importante na oferta de serviços culturais na Região.

Reunimos algumas informações sobre a distribuição de equipamentos públicos no entorno e na região onde se localizará a Biblioteca Villa Lobos. O objetivo de fazer este mapeamento era construir subsídios para uma análise sobre a demanda reprimida por determinados serviços nas redondezas da Biblioteca Villa Lobos e que ela poderá oferecer; além de construir uma lista útil para futuras articulações da equipe com possíveis parceiros no entorno.

De todos os equipamentos e espaços mapeados, o mais próximo é a cerca de 2.3 km de distância do parque onde estará localizada a BVL. Para se ter uma ideia espacial, a Diretoria Regional de Educação Butantã (<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Regionais/108100/Default.aspx>) produziu um mapa com os equipamentos públicos que ficam na sua região, de forma georreferenciada (é a única DRE que fez isso), que pode ser visto a seguir:



Legenda: Rosa: Equipamentos da Secretaria Municipal de Educação, Verde: Secretaria Municipal de Assistência Social e Roxo: Secretaria Municipal de Saúde.

Fonte: DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO BUTANTA

A lista de escolas pode ser acessada em:

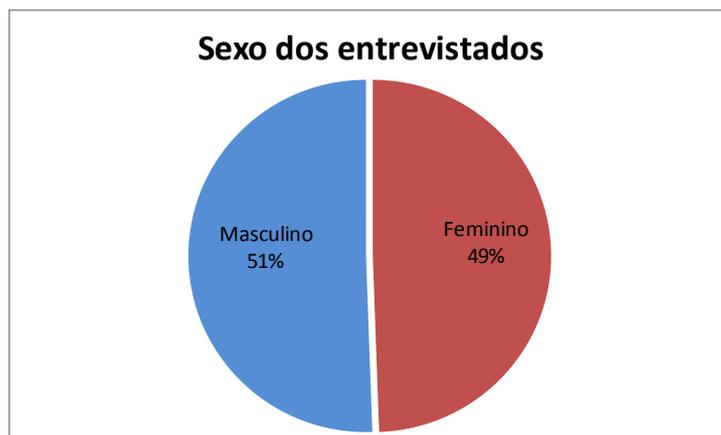
<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/AnonimoSistema/BuscaEscola.aspx?source=/default.aspx>

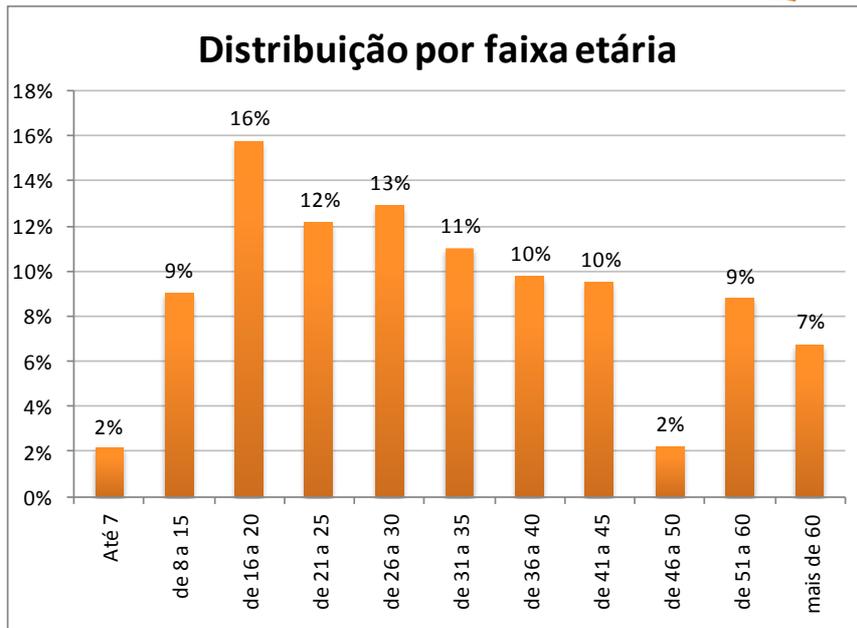
A partir do mapa e dos dados por nós coletados, podemos inferir que nas proximidades do Parque onde ficará localizada a BVL não há uma grande diversidade de equipamentos públicos municipais.

Para se ter maior clareza sobre o potencial de uso a partir da leitura da demanda reprimida é necessário trazer algumas informações sobre os equipamentos disponíveis na Zona Sul e mais especificamente, nas regiões perto do metrô e trem. As análises disponíveis sobre a distribuição de equipamentos públicos, como por exemplo, a publicação do Movimento Nossa São Paulo sobre INDICADORES BÁSICOS da Cidade de São Paulo 2009 indicam que a Zona Sul é a Região com os piores indicadores, especialmente culturais - a região possui muitos equipamentos, mas é a maior região do município, na qual também está localizada uma enorme parcela da população. Nesse sentido, uma hipótese é que pode haver, além dos frequentadores da região e que possuem acesso facilitado pelo trem, uma alta parcela de frequentadores provenientes da Zona Sul. Se houver desejo de explorar essa possibilidade, talvez seja interessante reforçar a divulgação da BVL na estação Santo Amaro, que interliga a linha Esmeralda da CPTM, com a linha lilás do Metrô.

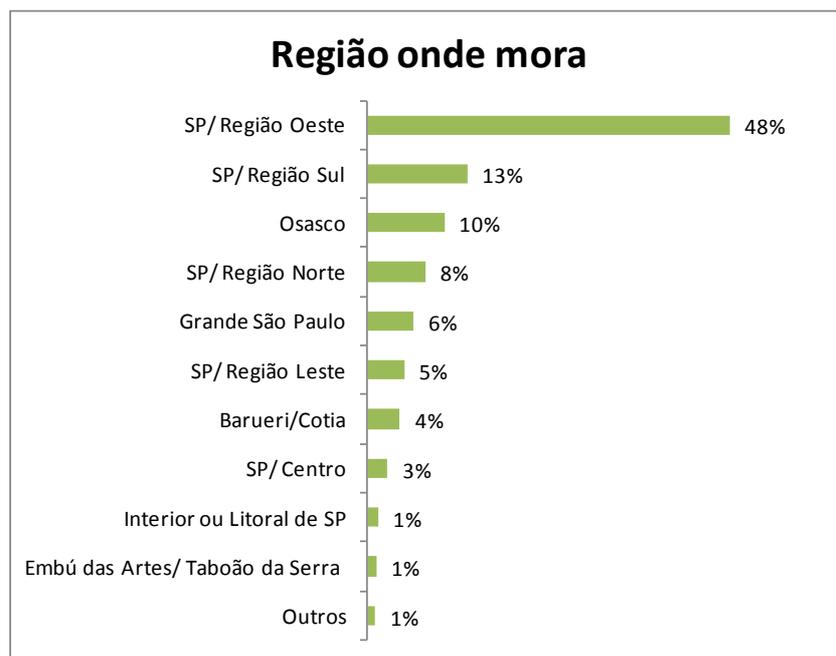
3.2. Estudo sobre o perfil dos frequentadores do Parque Villa Lobos

A pesquisa conseguiu coletar dados com frequentadores de ambos os sexos de forma bem equivalente:





Com relação à faixa etária, vemos uma leve concentração de frequentadores do PVL na faixa entre 16 e 20 anos, e também entre 21 a 30 anos. De forma geral, também é possível verificar que os frequentadores se distribuem nas diversas faixas etárias.



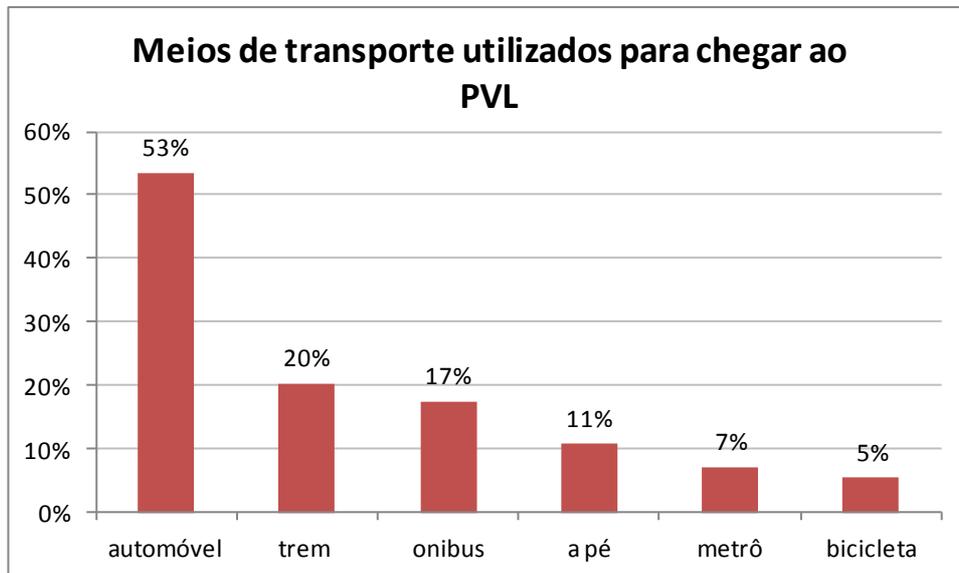
Como já era nossa hipótese, o público que frequenta o Parque é principalmente da Zona Oeste da cidade, onde está localizado o próprio PVL. Em segundo lugar temos a região Sul de São Paulo e o município de Osasc. A Zona Sul se conecta através de trem ou trem/metrô e Osasco via trem; ou seja, o público que acessa mais facilmente o Parque pela malha de transporte metropolitano.

A hipótese de que poderia haver uma alta % de pessoas proveniente da Zona Sul tinha sido levantada por nós, a partir do estudo de dados secundários e foi confirmada nesta pesquisa.

Escolaridade	N	%
Não frequentou a escola	11	1%
Pré-Escola	1	0%
Ensino Fundamental	119	16%
Ensino Médio	288	38%
Cursinho pré-vertibular	2	0%
Superior	274	36%
Pós Graduação	70	9%
Total	765	100%

Dos frequentadores do Parque, 66% está trabalhando e 34% não e a maioria frequenta o Parque nos finais de semana. Interessante notar, porém, que 44% dos frequentadores vão ao PVL nos dias de semana, o que garante uma circulação no mesmo também em dias de semana.

Frequência ao PVL	N	%
Nos finais de semana	378	48%
Em dias de semana	174	22%
Ambos	160	20%
Não Frequenta de forma sistemática	79	10%
Total	791	100%

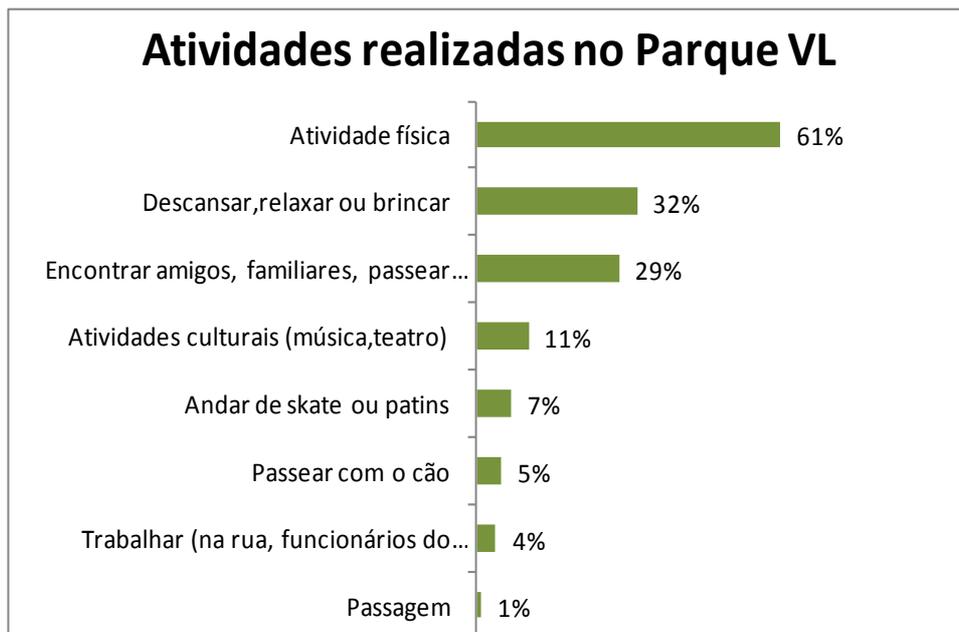


A maioria dos frequentadores utiliza automóvel e algum outro meio de transporte para chegar ao parque. A experiência da equipe na BSP no Parque da Juventude levanta a hipótese de que o perfil de usuários de dias de semana difere de do perfil de usuário nos finais de semana, o que é confirmado pelo tipo de transporte utilizado para chegar ao Parque:



	Ambos	Em dias de semana	Nos finais de semana
automóvel	49%	52%	63%
a pé	21%	17%	6%
bicicleta	8%	3%	6%
ônibus	18%	18%	18%
trem	21%	17%	21%
metrô	11%	6%	6%
Total	100%	100%	100%

Tanto entre os frequentadores que costumam ir nos dias de semana, como entre os que costumam ir nos finais de semana, o principal meio de transporte utilizado é o automóvel. Porém, entre os frequentadores de dias de semana, encontramos uma proporção bem maior de pessoas que vai a pé - o que sugere morarem no entorno. Já entre os frequentadores de finais de semana, há uma porcentagem um pouco maior de pessoas que chegam de trem. Isso indica que, se nos dias de semana temos mais pessoas que moram no entorno, nos finais de semana, o Parque recebe pessoas que moram mais distantes. Isso também poderia sugerir atividades diferentes nos finais de semana e dias de semana, principalmente pensando que são públicos diferentes.



Os frequentadores vão, especialmente, realizar atividades físicas e alguma outra atividade. Nota-se que apenas 11% vai realizar atividades culturais, o que está relacionado, possivelmente, com o fato de que o Próprio Parque ainda oferecia uma programação tímida nesse campo (o que foi identificado no estudo de dados secundários). Com a implantação da BVL, uma biblioteca de grande porte, moderna e atrativa, possivelmente a proporção de pessoas interessadas em atividades culturais pode aumentar, o que poderá variar da “demanda reprimida” que pode haver por esse tipo de serviço, para os públicos que já frequentam o PVL. Outra possibilidade é que a BVL possa atrair um tipo de público que não frequenta o Parque, pelo fato de oferecer serviços que ainda não eram oferecidos pelo Parque, como por exemplo acesso à Internet, Programação Culturais, acesso a livros, etc.

Explorando um pouco mais essas possibilidades, vemos que com relação aos hábitos leitores, a maioria dos frequentadores declara ter lido de 1 a 3 livros nos últimos 6 meses e que a principal origem dos livros é a compra:

Número de livros que leu nos últimos 6 meses		
Nenhum	192	24%
De 1 a 3	344	44%
De 4 a 6	143	18%
7 ou mais	111	14%
	790	100%

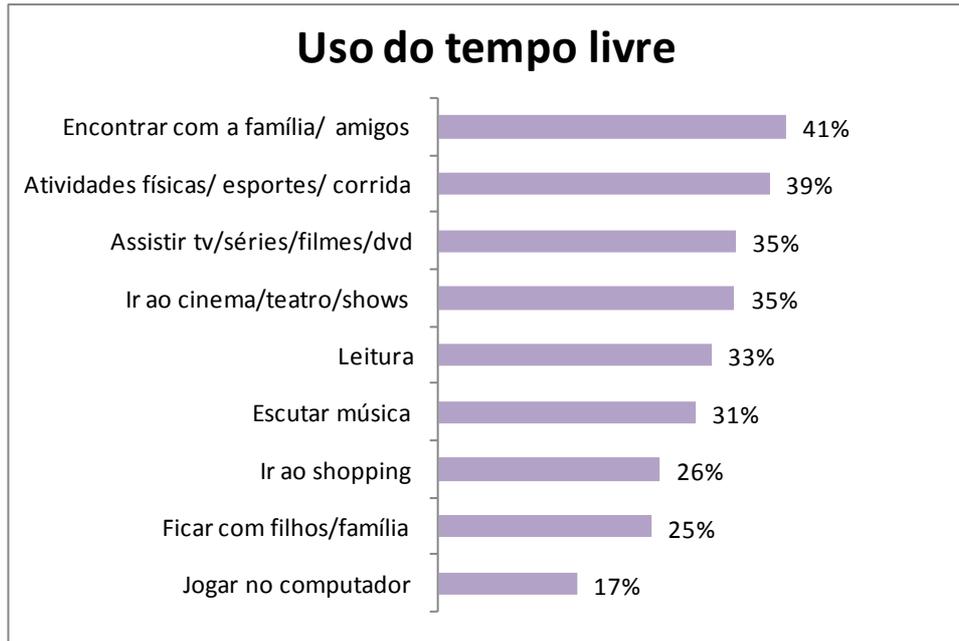


Dos entrevistados, 51% lê revistas e 49% não tem esse hábito. E ainda, apenas 23% dos entrevistados frequenta bibliotecas - especialmente a Mario de Andrade e as escolares.

A interpretação desses dados é complexa e sugere múltiplos caminhos, pensando em quem pode ser público em potencial para a BVL:

- Os dados sugerem uma maioria de frequentadores do Parque que lê de 1 a 3 livros e que utiliza a compra como principal estratégia de acesso. Se a BVL focar esse público, que estratégias poderia utilizar? Seria esse o perfil prioritário?
- Ou o perfil prioritário poderia ser a enorme porcentagem de pessoas que não frequenta bibliotecas (cerca de 80%), independentemente do hábito leitor já estabelecido? Nesse caso, poderíamos pensar em atividades, em primeira instância, que promovessem a aproximação com a biblioteca, e não enfocando mais diretamente a promoção de leitura.
- Ou, finalmente, o público prioritário deveria ser o frequentador que diz não ter lido nenhum livro nos últimos 6 meses? Como aproximar esse público?

Com relação à utilização do tempo livre, vemos que “Encontrar com a família e amigos” é a principal atividade que o público realiza. A tendência foi que os entrevistados mencionassem diversas atividades (índice de multiplicidade=2.83), sinalizando que tendem a usar seu tempo livre de diversas formas.



A leitura foi mencionada por 33% dos frequentadores, e não esteve nem entre as mais mencionadas, nem entre as menos.

3.3. Síntese das reflexões sobre a BVL

- Em 2014, o processo avaliativo na BVL esteve focado em atividades de diagnóstico local, que aconteceram no parque e a partir de uma leitura de dados secundários do entorno do parque Villa Lobos, onde está agora situada a BVL e também uma pesquisa de campo realizada com frequentadores do Parque Villa Lobos, na busca de compreender, fundamentalmente, quem pode ser usuário em potencial da BVL e que estratégias podem ser utilizadas para que esse potencial se realize.
- O público em potencial da Biblioteca se divide entre os atuais frequentadores do Parque Vila Lobos e os não frequentadores do parque que a própria Biblioteca poderá atrair através de seus serviços e atividades. Aparentemente, o perfil desses dois “grupos” poderá ser bastante diferente, se a Biblioteca oferecer atrativos e acesso a serviços que não existem no entorno do Parque.
- O fato de estar próximo à Estação de Trem Jaguaré-Villa Lobos pode indicar uma maior frequência de usuários com acesso à essa linha de trem, que une Osasco (Estação Osasco, onde a linha se interliga com a Linha Diamante da CPTM) à Zona Sul da Cidade de São Paulo (Estação Grajaú). A Linha esmeralda de trem também é a única que interliga a linha Lilás do Metrô com o sistema de transporte metropolitano de São Paulo (na estação Santo Amaro), havendo um potencial de acesso pela Zona Sul da Cidade também por essa via.
- O parque é voltado principalmente para as práticas de esporte, lazer e relaxamento. Na agenda vemos uma programação com aulas de Yoga, futebol, monitoria ambiental e apresentações musicais no anfiteatro e ao ar livre no

parque, além de oficinas de orquídea. Não é arriscado dizer que a programação cultural do Parque ainda é tímida e que a Biblioteca representará um incremento muito importante na oferta de serviços culturais na Região. Os frequentadores do Parque vão, especialmente, realizar atividades físicas e alguma outra atividade. Nota-se que apenas 11% vai realizar atividades culturais, o que está relacionado, possivelmente, com o fato de que o Próprio Parque ainda oferecia uma programação tímida nesse campo (o que foi identificado no estudo de dados secundários). Com a implantação da BVL, uma biblioteca de grande porte, moderna e atrativa, possivelmente a proporção de pessoas interessadas em atividades culturais pode aumentar, o que poderá variar da “demanda reprimida” que pode haver por esse tipo de serviço, para os públicos que já frequentam o PVL. Outra possibilidade é que a BVL possa atrair um tipo de público que não frequenta o Parque, pelo fato de oferecer serviços que ainda não eram oferecidos lá, como por exemplo acesso à Internet, Programação Culturais, acesso a livros, etc.

- As análises disponíveis sobre a distribuição de equipamentos públicos, como por exemplo, a publicação do Movimento Nossa São Paulo sobre INDICADORES BÁSICOS da Cidade de São Paulo 2009 indicam que a Zona Sul é a Região com os piores indicadores, especialmente culturais - a região possui muitos equipamentos, mas é a maior região do município, na qual também está localizada uma enorme parcela da população. Nesse sentido, uma hipótese é que pode haver, além dos frequentadores da região e que possuem acesso facilitado pelo trem, uma alta parcela de frequentadores provenientes da Zona Sul. Se houver desejo de explorar essa possibilidade, talvez seja interessante reforçar a divulgação da BVL na estação Santo Amaro, que interliga a linha Esmeralda da CPTM, com a linha lilás do Metrô.
- Como já era nossa hipótese, o público que frequenta o Parque é principalmente da Zona Oeste da cidade, onde está localizado o próprio PVL. Em segundo lugar temos a região Sul de São Paulo e o município de Osasc. A Zona Sul se conecta através de trem ou trem/metrô e Osasco via trem; ou seja, o público que acessa mais facilmente o Parque pela malha de transporte metropolitano.
- Tanto entre os frequentadores que costumam ir nos dias de semana, como entre os que costumam ir nos finais de semana, o principal meio de transporte utilizado é o automóvel. Porém, entre os frequentadores de dias de semana, encontramos uma proporção bem maior de pessoas que vai a pé - o que sugere morarem no entorno. Já entre os frequentadores de finais de semana, há uma porcentagem um pouco maior de pessoas que chegam de trem. Isso indica que, se nos dias de semana temos mais pessoas que moram no entorno, nos finais de semana, o Parque recebe pessoas que moram mais distantes. Isso também poderia sugerir atividades diferentes nos finais de semana e dias de semana, principalmente pensando que são públicos diferentes.
- Finalmente, relacionando os dados de quantidade de livros lidos nos últimos 6 meses e estratégia de acesso a esses livros, colocamos as seguintes perguntas:
- Os dados sugerem uma maioria de frequentadores do Parque que lê de 1 a 3 livros e que utiliza a compra como principal estratégia de acesso. Se a BVL focar esse público, que estratégias poderia utilizar? Seria esse o perfil prioritário?
- Ou o perfil prioritário poderia ser a enorme porcentagem de pessoas que não frequenta bibliotecas (cerca de 80%), independentemente do hábito leitor já estabelecido? Nesse caso, poderíamos pensar em atividades, em primeira

instância, que promovessem a aproximação com a biblioteca, e não enfocando mais diretamente a promoção de leitura.

- Ou, finalmente, o público prioritário deveria ser o frequentador que diz não ter lido nenhum livro nos últimos 6 meses? Como aproximar esse público?

Anexo 1: Matriz completa da avaliação de 2013

1) matriz da BSP

Perguntas	Critérios	Indic - Metas do Plano de trabalho	Fonte/ Estratégia
1) Qual o impacto das ações no uso da Biblioteca? (• Qual a vocação específica da BSP evidenciada pelo uso dos sócios e frequentadores? • O que usuários buscam e encontram? O que os usuários buscam e não encontram?)	Frequência de público (na Biblioteca e na programação)	1	Relatórios trimestrais
	<i>Perfil do público</i>		
	Perfil sócio-econômico, educacional, etário		QT público/ Entrevista/
	Semana X Final de semana		Contagem de acesso
	Usuários-sócios e usuários-visitantes		QT público/ Entrevista
	Preferências temáticas		QT público/ Entrevista
	Demandas e preferências em relação à cultura (expressões ou linguagens, artistas)		QT público/ Entrevista
	Demandas e preferências em relação à leitura (gêneros literários, autores)		QT público/ Entrevista
	Expectativas com relação à BSP		QT público/ Entrevista
	Número de carteirinhas emitidas	2	Relatórios trimestrais
	Satisfação do público com as atividades		QT público/ Entrevista,
	Relevância dos temas (programação)		QT público/ Entrevista
	Qualidade dos formadores/ mediadores/ profissionais		QT público/ Entrevista
	Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/ público local)		QT público/ Entrevista
	Metodologias e estratégias de formação utilizadas		QT público/ Entrevista
	Satisfação do público com o atendimento		QT público/ Entrevista,
	Acervo (3 mil itens adquiridos (7))	7	Relatórios trimestrais
	Uso do Acervo (empréstimo, renovação)	3	Sistema controle acervo/
	Uso dos periódicos	3	Planilha atendente
	Catálogo dos itens selecionados (6)/ Catálogo dos itens incorporados ao acervo (8), Coleção inventariada anualmente (9)	6, 8, 9	Relatórios trimestrais
Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)		QT público/ Entrevista, Entrevistas com sócios que	
Acesso à Internet (frequência)		QT público/ Entrevista,	
Relação entre diferentes grupos de usuários		Observação	
2) Qual o impacto do trabalho sobre os hábitos leitores do público?	Conversas sobre livros		Entrevista, Observação
	Interesse pelo estudo e assuntos culturais		
	Busca e dá indicações de livros		
	Manifestação de preferências		
	Busca livros de forma autônoma		
Uso qualificado da internet (acesso a sites/blogs, etc. ligados à cultura e literatura)			
3) Qual o impacto da frequência à Biblioteca na vida de seus usuários?	Retomar os estudos ou começar a estudar		QT público/ Entrevista
	Estabelecer novos vínculos		
	Começar a escrever ou produzir outras formas de arte e cultura		
4) Qual o impacto da comunicação da BSP com seu público e entorno?	Uso do site (frequência, contato, direcionamentos)		Equipe de comunicação
	Envolvimento da BSP nos coletivos locais (Rede Social da Z. Norte, outros) e oportunidades de troca		Entrevista Assistente Social
	Forma pela qual o público toma conhecimento da BSP e suas atividades		QT público/ Entrevista
	Acesso às mídias sociais (frequência, contato, direcionamentos). Face, Twitter, Email		Equipe de comunicação
	Repercussão de matérias na mídia (clipping)		Equipe de comunicação

Perguntas	Crítérios	Fonte/ Estratégia Praler
1) As estratégias estão adequadas para cumprir o objetivo central do Praler? (• Pertinência e comparação de estratégias)	Número de participantes nas ações	Relatórios trimestrais
	Relevância dos temas	Entrevista participantes, Entrevista instituição, Entrevistas online mediadores
	Qualidade dos formadores/ mediadores/ profissionais	
	Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/ público local)	
	Metodologias e estratégias de formação utilizadas	
	Pertinência e qualidade do acervo doado	
	Quantidade de encontros	
Carga Horária		
2) Qual foi impacto do Praler na instituição?	Formação de multiplicadores (mediadores de leitura)	Entrevista participantes, Entrevista instituição, Entrevistas online mediadores
	Melhora da Biblioteca/ sala de leitura	
	Melhora no cuidado com empréstimo de livros	
	Mudança de concepção sobre o potencial da leitura e da mediação	
	Novas atividades envolvendo leitura	
Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)		
3) Qual o impacto das ações no uso da Biblioteca ou sala de leitura?	Frequência de público na Biblioteca ou sala de leitura e nas atividades	Entrevista participantes, Entrevista instituição
	Uso do Acervo (consulta e empréstimo)	
4) Qual o impacto da ação sobre os hábitos leitores do público?	Frequência no empréstimo de livros	Entrevista participantes, Entrevista instituição
	Conversas sobre livros	
	Interesse pelo estudo e assuntos culturais	
	Busca e dá indicações de livros	
	Manifestação de preferências	
Busca livros de forma autônoma		

2) matriz Viagem Literária

Perguntas	Crítérios	Fonte/ Estratégia Viagem
1) As estratégias estão adequadas para cumprir o objetivo central do Viagem?	Número de participantes nas ações	Relatórios trimestrais
	Relevância da atividade	Relatórios contadores/ autores
	Pertinência dos autores (adequação do perfil ao contexto/ público local)	
	Metodologias e estratégias utilizadas	
	Carga Horária	
	Preparação da biblioteca/ instituições parceiras antes do evento	
	Preparação do público para escutar/dialogar com o autor	
Produção do evento		
2) Qual foi o impacto na formação dos profissionais	Utilização do Guia de divulgação do evento para as cidades	Relatórios contadores/ autores
	Relação estabelecida com a SP Leituras (quantidade e qualidade do contato)	
3) Qual o impacto das ações no uso da Biblioteca ou sala de leitura?	Concepção da equipe a respeito da biblioteca	Relatórios contadores/ autores
	Criação de novas atividades	Relatórios contadores/ autores
3) Qual o impacto das ações no uso da Biblioteca ou sala de leitura?	Frequência de público (na Biblioteca e na programação)	Bibliotecas que receberam
	Uso do Acervo (consulta e empréstimo)	Bibliotecas que receberam
	Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)	Bibliotecas que receberam
4) Qual o impacto na dinamização da Biblioteca?	Relação com instituições do entorno (escolas, equipamentos públicos)	Bibliotecas que receberam
	Apoio da Prefeitura (atualização acervo, disponibilização recursos, etc)	
	Atividades culturais na biblioteca (quantidade e qualidade)	
	Divulgação da Biblioteca	
	Reverberações nas instituições participantes do evento (escolas, por exemplo)	

3) matriz SisEB



Perguntas	Critérios	Fonte/ Estratégia
1) As estratégias do SisEB estão adequadas para cumprir seu objetivo central?	Número de participantes nas ações	Relatórios trimestrais
	Relevância dos temas	QT à distância com participantes, Entrevistas com participantes
	Qualidade dos formadores/ mediadores/ profissionais	
	Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/ público local)	
	Metodologias e estratégias de formação utilizadas	
	Pertinência e qualidade do acervo doado	
	Carga horária	
	Acesso ao Banco de dados	
Atualização de informações no BD		
2) Qual foi o impacto na formação dos profissionais das bibliotecas/ atingidos pelas ações?	Concepção da equipe a respeito da biblioteca (Biblioteca Viva)	QT à distância com participantes, Entrevistas com participantes
	Qualidade do atendimento	
	Criação de novas atividades	
	Busca autônoma de informações relevantes	
3) Qual o impacto das ações no uso da Biblioteca? Há impactos?	Busca de mais formação	QT à distância com participantes (só parte: atendimento, adequação do espaço), Entrevistas com participantes
	Frequência de público (na Biblioteca e na programação)	
	Satisfação do público com o atendimento	
	Uso do Acervo (consulta e empréstimo)	
4) Qual o impacto na dinamização da Biblioteca?	Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)	Entrevistas com bibliotecas que sediaram
	Relação com instituições do entorno (escolas, equipamentos públicos)	
	Apoio da Prefeitura (atualização acervo, disponibilização recursos, etc)	
	Atividades culturais na biblioteca (quantidade e qualidade)	
	Divulgação da Biblioteca	
5) O SisEB tem possibilitado o reconhecimento do Sistema?	Reverberações nas instituições participantes do evento (escolas, por exemplo)	QT à distância com participantes, Entrevistas com participantes
	Contato entre bibliotecas	
	Troca de informações entre bibliotecas	
	Acesso a serviços oferecidos pelo SisEB	
	Identificação com o Sistema	

Anexo 2: Análises do Viagem Literária por convidado

Crianças	Num participantes	Avaliação global	História contada	Vontade de conhecer mais histórias	Vontade de levar livros emprestados	Vontade de voltar à biblioteca	Média convidado
A Fabulosa Companhia	247	2,98	3,00	2,98	2,83	2,93	2,94
A Hora da História	248	2,98	2,91	2,87	2,83	2,90	2,90
Ana Luisa Lacombe	248	2,99	2,97	2,98	2,87	2,94	2,95
Arts Company	94	2,98	2,95	2,94	2,69	2,88	2,89
Cia. Conto em Cantos	234	2,98	2,97	2,90	2,74	2,90	2,90
Cia. Embarcações Teatrais	203	2,97	2,94	2,86	2,80	2,92	2,89
Cia. Ópera na Mala	232	2,99	2,97	2,93	2,87	2,96	2,94
Cia. Sábias Cenas	222	2,97	2,93	2,86	2,78	2,86	2,88
Fabio Lisboa	99	2,87	2,89	2,93	2,91	2,91	2,90
Fábio Lisboa	149	2,96	2,94	2,88	2,71	2,81	2,86
Girasonhos	201	2,95	2,94	2,85	2,68	2,85	2,85
João Acaiabe	168	2,95	2,93	2,88	2,70	2,80	2,85
Kiara Terra	224	2,97	2,93	2,89	2,70	2,84	2,87
Lídia Engelberg	250	2,98	2,98	2,94	2,88	2,94	2,94
Performance Arts Company	141	2,96	2,94	2,82	2,85	2,85	2,88
Roberto Rocha Pombo	251	2,99	2,99	2,99	2,93	2,96	2,97
Tininha Calazans	249	2,85	2,83	2,80	2,76	2,81	2,81
Zé Bocca & Marcos Boi	267	2,99	2,95	2,89	2,50	2,79	2,82
Total Geral		2,97	2,94	2,90	2,78	2,88	2,89

Professores das crianças	Num participantes	Atratividade	Adequação do tempo de atividade para as crianças	Atenção do contador para o grupo	Adequação da história para o público	Contribuição da atividade para o desenvolvimento de outras atividades em sala de aula	Vontade de contar histórias para os alunos	Vontade de ler mais livros para os alunos	Renovação do gosto pela leitura	Vontade de voltar à biblioteca	Vontade de trazer os alunos mais vezes à biblioteca	Média convidado
A Fabulosa Companhia	34	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,85	2,91	2,88	2,94	2,97	2,96
A Hora da História	73	2,97	2,82	2,93	2,93	2,89	2,90	2,87	2,75	2,90	2,90	2,89
Ana Luisa Lacombe	35	3,00	2,94	3,00	3,00	3,00	2,94	2,94	2,94	2,94	2,97	2,97
Arts Company	35	3,00	3,00	3,00	3,00	2,97	2,94	2,94	2,94	3,00	3,00	2,98
Cia. Conto em Cantos	63	3,00	2,94	3,00	3,00	2,98	2,90	2,92	2,79	2,89	2,89	2,93
Cia. Embarcações Teatrais	68	3,00	2,93	2,99	2,97	2,99	2,83	2,85	2,87	3,00	2,96	2,94
Cia. Ópera na Mala	64	3,00	2,98	3,00	2,98	2,98	2,88	2,92	2,95	2,98	2,97	2,97
Cia. Sábias Cenas	67	3,00	2,95	3,00	2,95	3,00	2,87	2,87	2,91	2,93	2,93	2,94
Fabio Lisboa	21	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,95	2,95	2,99
Fábio Lisboa	38	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,84	2,78	2,76	2,89	2,92	2,92
Girasonhos	60	2,95	2,84	2,93	2,92	2,95	2,88	2,88	2,93	2,93	2,93	2,92
João Acaiabe	64	2,98	2,91	2,98	2,98	2,92	2,90	2,91	2,94	2,95	2,92	2,94
Kiara Terra	35	2,94	2,97	3,00	2,94	2,97	2,94	2,97	2,89	2,91	2,91	2,95
Lídia Engelberg	69	2,99	2,96	3,00	2,91	3,00	2,99	2,99	3,00	3,00	3,00	2,98
Performance Arts Company	35	3,00	2,97	3,00	3,00	3,00	2,94	3,00	3,00	3,00	3,00	2,99
Roberto Rocha Pombo	62	3,00	2,71	2,95	2,95	2,97	2,94	2,95	2,90	2,95	2,93	2,93
Tinha Calazans	62	2,90	2,80	2,95	2,94	2,97	2,87	2,93	2,89	2,92	2,93	2,91
Zé Bocca & Marcos Boi	95	2,99	2,98	2,99	2,97	2,95	2,83	2,82	2,81	2,94	2,87	2,91
Total Geral	980	2,98	2,92	2,98	2,96	2,97	2,89	2,90	2,89	2,95	2,94	2,94

juvens	Núm participantes	Atratividade	A atividade foi interessante	O autor foi simpático com as pessoas que assistiam	Leu o livro do autor antes do bate-papo	Vontade de ler mais	Vontade de levar livros emprestados da Biblioteca	O autor ajudou a entender melhor para que serve a leitura	Vontade de voltar à biblioteca	Média autor
Alonso Alvarez	80	2,89	2,88	2,99	2,36	2,60	2,63	2,71	2,63	2,71
Caio Riter	113	2,96	2,93	2,95	1,67	2,58	2,50	2,82	2,50	2,61
Carla Caruso	146	2,98	2,92	2,98	1,99	2,74	2,75	2,85	2,75	2,74
Carolina Munhóz	110	3,00	2,99	2,98	1,80	2,62	2,66	2,96	2,66	2,71
Clóvis Bulcão	150	2,97	2,90	2,95	1,49	2,13	2,59	2,76	2,59	2,54
Edson Gabriel Garcia	144	2,91	2,83	2,94	2,09	2,47	2,55	2,85	2,55	2,65
Heloisa Prieto	76	2,99	2,92	2,99	2,32	2,89	2,87	2,88	2,87	2,84
Ilan Brenman	150	2,99	2,99	2,99	2,80	2,91	2,89	2,94	2,89	2,93
Índigo	103	2,93	2,88	2,92	1,26	2,68	2,51	2,75	2,51	2,56
Jonas Ribeiro	152	2,97	2,97	2,99	2,90	2,85	2,81	2,87	2,81	2,90
José Roberto Torero	64	2,81	2,86	2,90	1,64	2,53	2,76	2,81	2,76	2,64
Leandro Narloch	140	2,89	2,93	2,99	1,54	2,39	2,52	2,84	2,52	2,58
Luiz Puntel	144	2,89	2,85	2,94	2,28	2,46	2,55	2,71	2,55	2,65
Luiz Roberto Guedes	116	2,91	2,92	2,96	1,92	2,45	2,64	2,86	2,64	2,66
Raphael Draccon	150	2,99	2,97	2,99	1,54	2,60	2,67	2,88	2,67	2,66
Ricardo Ramos Filho	139	2,88	2,93	2,98	2,42	2,54	2,47	2,79	2,47	2,68
Total Geral	1977	2,94	2,92	2,97	2,02	2,58	2,64	2,83	2,75	2,71

Professores	Núm participante s	Atratividade	Adequaçã o do tempo de atividade	Atenção do contador para o grupo	Adequaçã o dos temas abordados para o público	Contribuição da atividade para o desenvolvimento de outras atividades em sala de aula	Vontade de ler livros para os alunos	Renovaçã o do gosto pela leitura	Vontade de voltar à biblioteca	Vontade de trazer os alunos mais vezes à biblioteca	Média autor
Alonso Alvarez	33	3,00	2,82	3,00	2,97	2,85	2,93	2,91	2,97	2,93	2,93
Caio Riter	11	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,91	2,91	3,00	3,00	2,98
Carla Caruso	24	3,00	3,00	3,00	2,92	3,00	3,00	2,96	3,00	3,00	2,99
Carolina Munhóz	14	3,00	3,00	3,00	3,00	2,86	2,79	2,79	2,86	3,00	2,92
Clóvis Bulcão	22	2,91	2,68	3,00	2,77	2,86	2,73	2,86	2,82	2,59	2,80
Edson Gabriel Garcia	20	2,95	2,80	2,90	2,75	2,90	2,84	2,65	2,80	2,80	2,82
Heloisa Prieto	25	3,00	2,79	2,96	3,00	2,92	2,96	2,96	2,88	2,83	2,92
Ilan Brenman	45	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,95	2,98	2,98	2,98	2,99
Índigo	13	3,00	3,00	3,00	2,92	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,99
Jonas Ribeiro	28	3,00	2,86	3,00	3,00	3,00	2,96	3,00	3,00	3,00	2,98
José Roberto Torero	7	2,71	2,43	3,00	2,71	2,86	3,00	2,71	3,00	3,00	2,83
Leandro Narloch	23	2,96	2,91	3,00	3,00	2,91	2,95	2,78	3,00	3,00	2,95
Luiz Puntel	26	2,96	2,88	3,00	3,00	3,00	3,00	2,96	3,00	2,96	2,97
Luiz Roberto Guedes	23	2,78	2,57	3,00	2,70	2,74	2,52	2,64	2,52	2,52	2,67
Raphael Draccon	21	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,95	2,90	3,00	3,00	2,98
Ricardo Ramos Filho	33	2,94	2,94	3,00	3,00	3,00	2,91	2,97	3,00	2,97	2,97
Total Geral	368	2,96	2,87	2,99	2,94	2,94	2,90	2,89	2,93	2,91	2,93

adultos	Núm participante s	Atratividade	A atividade foi dinâmica e interessante	Simpatia do autor	Leu livro do autor para se preparar para a atividad.	Vontade de ler mais	Vontade de levar livros emprestados da Biblioteca	Renovação do gosto pela leitura	Adequação do tempo	Vontade de voltar à Biblioteca	Média autor
Jacques Fux	60	3,00	2,87	2,98	1,82	2,73	2,98	2,90	2,95	2,97	2,80
Sacolinha	100	3,00	2,99	3,00	2,10	2,81	2,74	2,84	2,91	2,82	2,80
Luiz Ruffato	150	2,98	2,90	2,99	2,45	2,67	2,64	2,81	2,86	2,77	2,78
Marcelino Freire	103	2,99	2,98	2,99	1,88	2,72	2,75	2,75	2,88	2,84	2,75
Ignácio de Loyola Brandão	150	3,00	2,97	3,00	1,76	2,61	2,77	2,80	2,82	2,81	2,73
João Paulo Cuenca	140	3,00	2,99	3,00	2,00	2,61	2,53	2,68	2,81	2,71	2,70
Paula Fábrio	80	3,00	2,96	3,00	1,54	2,62	2,59	2,73	2,94	2,74	2,68
Menalton Braff	120	2,95	2,87	2,90	1,88	2,47	2,57	2,71	2,82	2,69	2,65
Lauro César Muniz	100	3,00	2,87	2,98	1,81	2,38	2,52	2,68	2,79	2,82	2,65
Marcia Tiburi	65	2,95	2,95	2,94	1,56	2,51	2,59	2,68	2,80	2,76	2,64
Andréa del Fuego	81	2,92	2,87	2,99	2,18	2,50	2,37	2,53	2,78	2,59	2,64
Elvira Vigna	103	2,91	2,84	2,95	1,58	2,45	2,55	2,61	2,70	2,78	2,60
Lira Neto	136	2,99	2,93	3,00	1,52	2,38	2,32	2,60	2,71	2,51	2,55
Evandro Affonso Ferreira	99	2,56	2,45	2,48	1,99	2,43	2,78	2,56	2,47	2,79	2,50
João Anzanella Carrascoza	30	2,90	2,67	2,97	1,23	2,37	2,57	2,63	2,43	2,70	2,50
Guilherme Fiuza	120	2,80	2,70	2,75	1,52	2,46	2,47	2,39	2,52	2,66	2,47
João Anzanello Carrascoza	45	2,93	2,66	2,87	1,25	2,33	2,20	2,42	2,47	2,11	2,36
Total Geral	1682	2,94	2,87	2,93	1,83	2,54	2,59	2,67	2,76	2,72	2,65